

AMANDA DE FÁTIMA DA SILVA NUNES

**O AFETO NA RELAÇÃO HUMANO-ANIMAL E OS CAVALOS
COTERAPEUTAS: DESDOBRAMENTOS DA OBRA DE NISE DA SILVEIRA**

São João Del Rei

PPGPSI-UFSJ

2024

AMANDA DE FÁTIMA DA SILVA NUNES

**O AFETO NA RELAÇÃO HUMANO-ANIMAL E OS CAVALOS
COTERAPEUTAS: DESDOBRAMENTOS DA OBRA DE NISE DA SILVEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia

Linha de Pesquisa: 1

Orientador: Prof. Dr. Walter Melo

São João Del Rei

PPGSI-UFSJ

2024

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de Biblioteca (DIBIB)
e Núcleo de Tecnologia da Informação (NTINF) da UFSJ,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

N972a Nunes, Amanda de Fátima da Silva.
O afeto na relação humano-animal e os cavalos
coterapeutas : desdobramentos da obra de Nise da
Silveira / Amanda de Fátima da Silva Nunes ;
orientador Walter Melo. -- São João del-Rei, 2024.
131 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em
Psicologia) -- Universidade Federal de São João del
Rei, 2024.

1. Afeto. 2. Animais. 3. Nise da Silveira. 4.
Psicologia Analítica. I. Melo, Walter, orient. II.
Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO Nº 15 / 2024 - PPGPSI (13.24)

Nº do Protocolo: 23122.027642/2024-51

São João del-Rei-MG, 05 de setembro de 2024.

**A Dissertação O Afeto na Relação Humano-Animal e os Cavalos Coterapeutas:
desdobramentos da obra de Nise da Silveira**

elaborada por **Amanda de Fátima da Silva Nunes**

e aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei como requisito parcial à obtenção do título de

MESTRA EM PSICOLOGIA

BANCA EXAMINADORA:

Dra. Márcia Gagliardi

Assinado por concordância com ata de defesa realizada por videoconferência

Dra. Adriana dos Santos Teixeira Barcellos

(Pós-Doutoranda UFSJ)

Assinado por concordância com ata de defesa realizada por videoconferência

(Assinado digitalmente em 05/09/2024 20:16)

WALTER MELO JUNIOR
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DPSIC (12.25)
Matrícula: 2510037

Visualize o documento original em <https://sipac.ufsj.edu.br/public/documentos/index.jsp>
informando seu número: 15, ano: 2024, tipo: ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO, data de
emissão: 05/09/2024 e o código de verificação: 403f8049a5

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a todos os animais que já fizeram parte da minha vida, especialmente à Hannah, à Nina e à Morgana. Essas criaturas magníficas me deram amor e me ensinaram muitas coisas valiosas.

Agradeço demais à minha família, especialmente ao meu pai, minha mãe, minha irmã e meu irmão, por sempre me oferecerem apoio, amor e um lugar seguro para voltar.

Ao meu padrinho Cícero, sou grata por ter me apresentado aos cavalos quando eu ainda era criança, uma experiência que moldou significativamente minha vida.

Um agradecimento especial ao Alex, por todo o amor e fortalecimento nessa jornada. Sua presença foi fundamental.

Aos amigos de longuíssima data, Paulo, Flavia, Débora, Cristiane e Sandra, minha gratidão por estarem sempre lá, mantendo o universo estável.

Aos meus queridos "Fofinhos" – Victor, Luca, Dani, Jordana, Ricardo, Sandra e Lucas – agradeço por me assistirem sumir e sempre oferecerem afeto quando retorno.

Sou imensamente grata a toda a equipe do Instituto Passos do Vale por me receberem tão bem e me oferecerem tempo, conhecimento e afeto. Sem vocês, esta pesquisa não teria sido possível. E, é claro, agradeço aos cavalos coterapeutas. Espero ter feito jus a vocês.

À minha analista. Ela sabe o porquê.

Ao grupo de pesquisa Caminhos Junguianos, um espaço recheado de pessoas interessantíssimas e afetuosas, no qual posso afirmar que me formei.

Agradeço à CAPES pela importante bolsa de estudos concedida.

À Paula Perrone, meus agradecimentos por ter me auxiliado sempre que precisei, apoiando-me e me motivando, e por ter participado da minha banca de qualificação, contribuindo diretamente para esta pesquisa.

À Márcia Gagliardi, agradeço por ter aceitado participar da minha banca de qualificação e defesa, contribuindo sobremaneira com este trabalho. Sua sabedoria, afeto e bom humor sempre me acrescentaram muito.

À Adriana Barcellos, meu agradecimento por ter aceitado participar da minha banca de defesa. Seu trabalho sempre me impactou, e é uma honra que tenha lido a minha pesquisa.

Ao meu orientador, Walter Melo, agradeço por ser um referencial ao longo de toda a minha formação acadêmica. Seu conhecimento, generosidade e liberdade sempre serão meus guias.

Finalmente, à Nise.

Dária está deitada ao meu lado, ela me observa, de olhos abertos. Você sonhou, ela sussurra. Sim. O que você viu desta vez? Cavalos, centenas de cavalos na neve. Bom, ela diz. Os cavalos são sempre um bom sinal. Eles não estão longe, falam com você. Eles não disseram nada, respondo. Não é com palavras que eles falam, porque você não os teria entendido. Se você os viu, estão falando com você.

Nastassja Martin, Escute as feras

RESUMO

Atualmente, no mundo todo, há diversas modalidades de terapias mediadas por animais. A partir do contato com a prática específica da equoterapia, uma análise preliminar da literatura revelou a escassez de estudos sobre terapias com animais no contexto do campo junguiano, com exceção do trabalho pioneiro da psiquiatra brasileira Nise da Silveira (1905-1999). A médica utilizou cães e gatos na função de coterapeutas no tratamento de seus clientes, alcançando resultados bastante relevantes. Para ela, a explicação psicológica para esse fenômeno estava sustentada na sua concepção de afeto. Assim, o objetivo principal desta pesquisa consistiu em ampliar a compreensão sobre a questão do afeto na relação humano-animal, considerando as possíveis implicações psicológicas advindas dessa relação, especialmente entre humanos e cavalos. Para tanto, este estudo se propôs a investigar as contribuições originais de Nise da Silveira, concentrando-se em três de seus conceitos: *afeto catalisador*, *emoção de lidar* e *forças autocurativas da psique*. Além disso, entendendo a necessidade de considerar não só o animal concreto, mas também a sua dimensão simbólica, investigamos a compreensão sobre os animais perante o referencial da Psicologia Analítica, com foco especial nos cavalos, em seus diversos aspectos, incluindo as características históricas, culturais, sociais e simbólicas. Este estudo adota uma abordagem qualitativa, seguindo o método de investigação do processamento simbólico-arquetípico e incorpora, como estratégia metodológica, a pesquisa bibliográfica e o estudo de caso. Nesse contexto, foi conduzida a observação participante nas sessões de equoterapia de três praticantes, registrando as observações em um diário de campo. As conclusões deste estudo indicam que a forma como a relação afetiva entre humanos e animais se desenvolve pode proporcionar uma compreensão dos conflitos psíquicos dos indivíduos, além de atuar como parte integrante de um processo terapêutico. Ademais, a compreensão que temos dos animais influencia diretamente a interpretação de sua função como coterapeutas. Por fim, os conceitos de Nise da Silveira oferecem fundamentos reflexivos essenciais para abordar essa problemática, demonstrando aplicação também em contextos que envolvam intervenções terapêuticas mediadas por cavalos.

Palavras-chave: Afeto; Animais; Nise da Silveira; Psicologia Analítica.

ABSTRACT

Currently, worldwide, there are various forms of animal-assisted therapies. Based on the specific practice of equine-assisted therapy, a preliminary analysis of the literature revealed a scarcity of studies on animal-assisted therapies within the context of the Jungian field, with the exception of the pioneering work of Brazilian psychiatrist Nise da Silveira (1905-1999). The doctor used dogs and cats as co-therapists in treating her clients, achieving quite relevant results. For her, the psychological explanation for this phenomenon was supported by her conception of affection. Thus, the main objective of this research was to broaden the understanding of the issue of affection in the human-animal relationship, considering the possible psychological implications arising from this relationship, especially between humans and horses. To this end, this study aimed to investigate the original contributions of Nise da Silveira, focusing on three of her concepts: *catalytic affection*, *emotion of dealing*, and *self-healing forces of the psyche*. Additionally, understanding the need to consider not only the concrete animal but also its symbolic dimension, we investigated the understanding of animals within the framework of Analytical Psychology, with a special focus on horses, in their various aspects, including historical, cultural, social, and symbolic characteristics. This study adopts a qualitative approach, following the method of symbolic-archetypal processing investigation and incorporates, as a methodological strategy, bibliographic research and case study. In this context, participant observation was conducted in the equine-assisted therapy sessions of three practitioners, recording observations in a field diary. The conclusions of this study indicate that the way the affective relationship between humans and animals develops can provide an understanding of individuals' psychic conflicts, besides acting as an integral part of a therapeutic process. Furthermore, the understanding we have of animals directly influences the interpretation of their role as co-therapists. Finally, the concepts of Nise da Silveira offer essential reflective foundations to address this issue, demonstrating application also in contexts involving equine-assisted therapeutic interventions.

Keywords: Affection; Animals; Nise da Silveira; Analytical Psychology.

SUMÁRIO

PARA TRILHAR O CAMINHO.....	10
1. NISE DA SILVEIRA E OS ANIMAIS.....	15
1.1 Relações pessoais com os animais.....	16
1.2 História do emprego de animais como coterapeutas.....	19
1.3 O afeto na visão psicológica sobre os animais.....	24
2. OS ANIMAIS E A PSICOLOGIA ANALÍTICA.....	31
2.1 Os animais diante dos humanos: uma relação complexa.....	31
2.2 Intervenções terapêuticas mediadas por animais: contextualização.....	41
2.3 Reflexões acerca dos animais na função de coterapeutas.....	44
2.4 Entre instinto e arquétipo: explorando o simbolismo animal.....	51
2.5 O cavalo: do <i>Equus ferus caballus</i> ao Pégaso.....	57
2.5.1 Características gerais, história e cultura.....	57
2.5.2 Simbolismo.....	64
3. O AFETO E OS CAVALOS COTERAPEUTAS: ESTUDO DE CASO.....	70
3.1 A arte do estudo de caso: metodologia.....	70
3.2 Três conceitos fundamentais.....	74
3.2.1 Afeto catalisador.....	76
3.2.2 Emoção de lidar.....	78
3.2.3 Forças autocurativas da psique.....	82
3.3 A instituição: o ambiente, a equipe e os atendimentos.....	84
3.4 Os cavalos coterapeutas.....	90
3.5 Caso Sara – Entre relinchos e palavras: afeto catalisador e comunicação verbal.....	96
3.6 Caso João – Longe dos cavalos: a inibição do afeto.....	102
3.7 Caso Regina – Laços na montaria: feminilidade e amadurecimento.....	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
REFERÊNCIAS.....	116

ANEXO I..... 123

ANEXO II..... 124

ANEXO III..... 128

PARA TRILHAR O CAMINHO

Peço licença ao leitor para narrar duas breves histórias pessoais. Anos atrás, durante uma trilha em grupo a cavalo, nos deparamos subitamente com uma encosta íngreme e enlameada bloqueando o nosso caminho, resultado de intensas chuvas. Lembro que meu coração se encheu de medo e devo ter transparecido isso ao olhar para o nosso guia. Ele me encarou divertido e instruiu: “Não se preocupe! Solte à rédea e deixe ele [apontando para o cavalo] te levar. Ele vai saber onde pisar, pode confiar!”. Essa experiência, que me impactou profundamente, revelou-se durante a pesquisa como uma ocorrência comum para aqueles acostumados na lida com os cavalos, enfatizando a importância de saber confiar nos instintos do animal e harmonizar-se com o mesmo, conforme discutiremos no segundo capítulo.

A segunda narrativa remonta ao período da adolescência, em que dediquei um tempo à prática da equitação. Um dia, queixei-me ao instrutor acerca do aparente mau humor da égua que eu montava, Hannah, pois ela passara a se recusar a realizar as atividades e relinchava contrariada. Ele me respondeu que quem trabalha precisa descansar e que estava na hora de levá-la para passear e se divertir. Fomos até um rio e ele me incumbiu da tarefa de convencê-la a entrar na água, enquanto eu deveria permanecer montada. Hannah era uma égua jovem e nunca tinha ido a qualquer rio. O professor me garantiu que os cavalos sabiam nadar, mas que tudo era uma questão de confiança: Hannah tinha que confiar em mim e nas minhas decisões. O não-dito, óbvio, era que eu também precisava confiar em mim e nela. Depois de muito insistir e de ela, assustada, até tentar empinar, de repente, saltou para dentro da água! Guardo esse instante como uma imagem-talismã, que acesso sempre quando preciso de coragem. Hannah adorou a água e parecia tão surpresa quanto eu própria. Brincou muito, nadou com a rédea solta e depois fomos nos secar ao sol. Esse evento inaugurou uma nova dinâmica em nossa relação, marcada pela parceria e confiança mútuas. Considero igualmente como um importante marco no desenvolvimento da minha personalidade, sendo a questão da relação humano-animal e o amadurecimento psicológico também discutida neste estudo.

Tendo isso em vista, imagino que não seja surpreendente o nosso interesse, ainda na graduação em Psicologia, em participar de um estágio em equoterapia no Instituto Passos do Vale, mesmo local onde realizamos parte desta pesquisa de mestrado. Por meio do Programa Thomás, o Instituto oferece gratuitamente tratamento utilizando cavalos para pessoas com diversidade funcional e em vulnerabilidade social. Em conjunto com o Núcleo de Estudo, Pesquisa e Intervenção em Saúde (NEPIS), da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), foi criado o Programa Equos: equoterapia e equidade, em 2018, ofertando estágios

tanto para atendimento clínico (praticantes e familiares) como psicossocial (formação de rede nas áreas de saúde, educação, cultura e assistência social). Nos estágios, os alunos desenvolviam diversas atividades, sendo uma delas a participação nos atendimentos de equoterapia. A partir desse estágio, uma questão começou a emergir: como compreender as possíveis implicações psicológicas de um tratamento que envolve não apenas o psicoterapeuta e o paciente, mas também um cavalo?

Pesquisando sobre as diversas modalidades de Terapia Assistida por Animais (TAA), logo percebemos que havia uma lacuna na Psicologia Analítica: praticamente não haviam estudos que pudessem nos orientar sobre esse tema, ainda mais envolvendo cavalos. No campo junguiano, posteriormente, encontramos apenas duas publicações: a primeira é uma monografia que explora a relação entre os seres humanos e os cavalos enquanto uma importante forma de aproximação com a natureza (Leonforte, 2019) e a segunda é um artigo que aborda a busca pelo autoconhecimento e a função do simbolismo do cavalo (Rossato, 2020). No entanto, esses eram trabalhos ainda iniciais e não possuíam uma pretensão teórica mais desenvolvida.

Por indicação do supervisor de estágio na época e, atualmente, orientador desta dissertação, Walter Melo, iniciamos um estudo sobre as ideias da psiquiatra alagoana Nise da Silveira (1905-1999). Segundo Melo (2010a): “No caso de Nise da Silveira, temos a carta que enviou a Jung, em 1954, como marco da legitimação científica de seu trabalho e, ao mesmo tempo, do início do estudo sistemático da psicologia analítica no Brasil” (p. 228). Reconhecida por sua vasta cultura, a psiquiatra teve uma formação intelectual influenciada por diversos autores e, conseqüentemente, a sua obra transcende uma mera aplicação das proposições da Psicologia Analítica. Nesse sentido, tratou-se de um processo de constante reelaboração, no qual o referencial junguiano foi tornando-se privilegiado para a médica, como uma melhor “ferramenta” que se adequou bem às suas mãos (Melo, 2001). De mesmo modo, Damião Jr. (2021) é contundente na afirmação de que a “perspectiva Junguiana é fundamental e condicionante para a prática dialética do trabalho de Nise da Silveira. Também é elemento estruturante para a criação, fundamentação e desenvolvimento do método estabelecido pela psiquiatra” e, acrescenta, “se tornou uma ferramenta que perpassa não somente todo o trabalho, mas também a forma e o legado de vida” (p. 97).

A doutora Nise foi pioneira no Brasil ao utilizar animais (cães e gatos) na função de coterapeutas nos tratamentos psiquiátricos. Desde a adoção da cadela Caralâmpia, em 1955,

a médica observou que a presença de animais entre os seus clientes¹, inclusive os considerados mais graves, produzia excelentes resultados. Para ela, *o afeto* era a chave-mestra desse fenômeno (Silveira, 1992, 1998, 2015). Aliás, a questão do afeto é central em sua obra e, conforme Damiano Jr. (2021), há três conceitos norteadores do seu trabalho: *afeto catalisador*, *emoção de lidar* e *forças autocurativas da psique*. Tais conceitos foram fundamentais para pensar o nosso problema, como será demonstrado na dissertação.

Na época de seu trabalho, a psiquiatra enfrentou grandes adversidades na defesa dos animais na função como coterapeutas. As suas entrevistas e obras revelam que a questão dos animais lhe era de grande importância, deixando claras indicações de que esse era um assunto ao qual a Psicologia deveria se dedicar a estudar (Silveira, 1992, 2015). Portanto, consideramos esta dissertação como um desdobramento inspirado no trabalho da psiquiatra com os animais, com o intuito de desenvolver um maior entendimento teórico e prático que contribua para enriquecer a temática. Assim, o nosso objetivo geral é ampliar a compreensão acerca da relação afetiva entre humanos e animais, considerando as possíveis implicações psicológicas advindas dessa relação, especialmente, neste caso, nos tratamentos envolvendo seres humanos e cavalos².

Além disso, Nise da Silveira (1992) advertia que não é suficiente considerar o animal apenas no mundo externo, a Psicologia deveria se atentar ao animal no mundo interno do ser humano, isto é, para a sua relação simbólica. C.G. Jung (1921/2013a) estabeleceu que a realidade humana é psíquica, de tal modo que vivemos em uma dimensão simbólica. Em nossa investigação, essa compreensão demandou que pesquisássemos não apenas a relação humana com os animais em geral e, mais especificamente, com os cavalos concretos – em seus múltiplos aspectos, históricos, culturais e sociais –, mas também como esses animais podem aparecer simbolizados.

Portanto, o presente estudo situa-se no campo da pesquisa qualitativa, visto que os pressupostos epistemológicos da Psicologia Analítica são fundamentalmente de cunho interpretativo e compreensivo dos fenômenos (Penna, 2005). Tendo em vista o problema de pesquisa, o objetivo traçado e considerando o nosso privilegiado acesso a um centro de equoterapia, propusemos a realização de uma pesquisa teórico-prática, no sentido de que

¹ Nise da Silveira optava por utilizar o termo "cliente" em vez de "paciente" com o intuito de enfatizar uma relação de troca, removendo os indivíduos de um papel passivo. Nesta dissertação, quando nos referimos à sua obra, sempre adotamos o vocábulo de preferência da psiquiatra.

² É pertinente salientar, entretanto, que o escopo desta pesquisa não se concentra na análise ou defesa do método específico da equoterapia, mas sim na observação da relação afetiva entre indivíduos e cavalos dentro de um contexto terapêutico.

este tipo de estudo é, de acordo com Penna (2014), teórico, isto é, aborda-se um tema conceitual no plano teórico, mas pesquisa-se também material empírico, a fim de obter uma compreensão mais ampliada e enriquecida do tema-alvo (ou fenômeno-símbolo). Para tanto, além da pesquisa bibliográfica, o estudo de caso compôs a estratégia metodológica a serviço do método de investigação do processamento simbólico-arquetípico. Esse método implica em uma leitura e tratamento compreensivos de todo o material consultado e observado, buscando interpretar e estabelecer paralelos e analogias entre os achados, isto é, utiliza-se da hermenêutica junguiana e da amplificação (Jung, 1935/2017) como procedimentos metodológicos aliados à atitude simbólica (Jung, 1921/2013a) requerida do pesquisador.

Desse modo, no primeiro capítulo desta dissertação, considerando a ideia de desdobramento em relação ao trabalho de Nise da Silveira sobre os animais, julgamos essencial apresentar um panorama de seu pioneirismo e de suas principais ideias sobre a temática, dado que esse é o contexto de partida da nossa investigação. Assim, primeiramente, descrevemos alguns episódios de sua vida, enfatizando sua relação pessoal com os animais. Em seguida, exploramos o desenvolvimento do trabalho da psiquiatra com cães e gatos, analisando como ela observou os benefícios proporcionados aos clientes e a potencialidade desses animais como agentes terapêuticos na função de coterapeutas. Por fim, de particular relevância para esta pesquisa, examinamos as suas formulações teóricas e comentários psicológicos acerca da concepção de afeto na visão psicológica sobre os animais.

No segundo capítulo, buscamos expandir a discussão, em razão da necessidade de estabelecer uma compreensão mais clara sobre os animais e os modos pelos quais podemos compreendê-los. De início, apresentamos diversos posicionamentos do pensamento humano em relação ao tema animal, estabelecendo primeiramente um diálogo interdisciplinar e, posteriormente, concentramo-nos na perspectiva psicológica, particularmente na abordagem da Psicologia Analítica. É importante destacar que este trabalho envolveu a organização de fragmentos de textos e a proposição de algumas interpretações teóricas, visto que não há obras específicas de C.G. Jung ou de autores junguianos reconhecidos que tratem o assunto diretamente. Em seguida, investigamos o contexto das intervenções terapêuticas mediadas por animais, propondo também uma série de reflexões sobre a função de coterapeuta, incluindo uma discussão sobre a possibilidade de aplicação do conceito de personalidade aos animais. Depois, o debate é aprofundado por meio da análise dos conceitos de instinto e arquétipo, entendidos como uma forma de abordar o tema animal, culminando na apreciação da importância simbólica desses seres. Finalmente, em virtude de seu particular interesse

para os propósitos desta pesquisa, exploramos de modo específico as características, história, cultura e simbolismo associados aos cavalos.

No terceiro capítulo, procedemos à apresentação propriamente do estudo de caso, no qual acompanhamos uma criança e dois adolescentes em sessões semanais de equoterapia. A intenção era observar o afeto na relação com os cavalos e o modo como isso impactava os seus tratamentos. Primeiramente, delineamos a metodologia adotada e os três conceitos orientadores, a saber, *afeto catalisador*, *emoção de lidar* e *forças autocurativas da psique*. Esses conceitos foram fundamentais para o trabalho de campo e para a elaboração das interpretações. Em seguida, realizamos uma descrição do ambiente no qual as observações foram realizadas, bem como da equipe e do funcionamento dos atendimentos. Logo após, discorremos sobre os cavalos coterapeutas que participaram dos atendimentos, articulando com os desenvolvimentos teóricos delineados nos capítulos antecedentes. Por último, foram abordados os três casos individuais em sequência, os quais exemplificam de maneiras distintas os afetos entrelaçados na relação estabelecida entre os participantes e os cavalos, sobre os quais oferecemos algumas interpretações psicológicas.

Boa leitura.

1. NISE DA SILVEIRA E OS ANIMAIS

O animal é, por definição arbitrária, rotulado de “irracional”. Que posição poderia ele ocupar como coterapeuta num hospital?

Nise da Silveira

A psiquiatra Nise Magalhães da Silveira é uma figura emblemática da Reforma Psiquiátrica brasileira e do campo da Psiquiatria/Psicologia, especialmente por sua proposta de tratamento humanizado, afetivo, libertário e criativo. Em nosso recorte, interessa destacar que, de acordo com Mello (2009), ela também “defendeu com veemência outra categoria de seres marginalizados [além dos loucos] em nosso meio; *os animais, elevando-os à condição de coterapeutas no tratamento psiquiátrico*, outra iniciativa pioneira em seu largo leque de realizações” (p. 9, grifo nosso).

Atualmente, é notável a frequência com que nos deparamos com a utilização de imagens (fotografias) da doutora Nise em proximidade com animais, especialmente com gatos. Isso ocorre tanto na divulgação de livros, exposições, seminários, palestras quanto em eventos em geral. A afinidade da médica alagoana com os bichos parece capturar o interesse e despertar a simpatia das pessoas, impulsionando inclusive a circulação de diversas histórias. Não é de surpreender que tenha se criado um campo fértil para o surgimento de narrativas descoladas da realidade, que compõem uma espécie de “folclore sentimentalista” acerca da relação da psiquiatra com os animais (Melo, 2001, p. 128).

Por outro lado, também era do feitio da médica algumas declarações provocativas, um tanto exageradas, que pareciam servir ao propósito de expor de maneira mais impactante certas ideias ou convicções. Um exemplo é a sua afirmação categórica: “Aprendi muito com os animais e pouco com os psiquiatras” (Silveira, 2009a, p. 104), a qual é evidente que não corresponde inteiramente aos fatos. Ainda que ela pudesse estar se referindo àqueles que foram seus colegas de trabalho no serviço psiquiátrico, está claro que a médica aprendeu muito com, ao menos, dois renomados psiquiatras, Carl Gustav Jung (1875-1961) e Ronald Laing (1927-1989), como ela própria fazia questão de enfatizar (Silveira, 2009b). Todavia, a contundência de tal enunciado confere vigor à ideia central que estava sendo transmitida, ou seja, a relevância dos animais na construção do seu saber psicológico e na sua prática clínica. Nesse entendimento, portanto, não restringiremos a nossa interpretação à literalidade de suas afirmações, mas buscaremos apreender o essencial de suas ideias.

Em vista disso, é pertinente esclarecer que, ao compartilharmos abaixo alguns episódios da vida de Nise da Silveira em sua relação pessoal com os animais, não pretendemos colaborar no incremento de uma perspectiva romantizada. A intenção é expor aquilo que entendemos ser uma complementaridade entre dois aspectos fundamentais: a sua visão de mundo, em que ela já carregava consigo a compaixão, a consideração e o respeito pelos animais desde muito cedo; e o modo como tal característica intrínseca parece ter proporcionado algum alicerce a fim de que não apenas ela considerasse a possibilidade inovadora dos animais serem agentes para a saúde psicológica humana, mas também promovesse ativamente essa concepção. No tópico seguinte, descreveremos como se deu o desenvolvimento do trabalho da psiquiatra com os cães e os gatos, e como ela foi percebendo os benefícios proporcionados para os clientes e a potencialidade terapêutica daqueles animais. Por fim, abordaremos no último tópico, de particular relevância para esta pesquisa, a subsequente formulação de conexões teóricas e comentários psicológicos produzidos pela médica a partir de sua concepção de afeto na experiência com os animais coterapeutas.

1.1 Relações pessoais com os animais

Desde a sua mais tenra infância em Maceió, Alagoas, Nise da Silveira manifestava uma profunda consideração em relação aos animais. Ao longo de sua vida, ela expressava com naturalidade a convicção de que seus dois queridos cães da época, Top e Jiqui, possuíam tanto a capacidade de pensar como a de sentir: “Entre nós três, compreensão e afeto se encontravam estreitamente, num relacionamento profundo” (Silveira, 2020, p. 48). Há também alguns episódios inusitados daquele seu período de meninice, e que ela costumava narrar. Por exemplo, com apenas quatro anos de idade, teria observado uma galinha pedrês amarrada e triste, pronta para o abate como parte do cardápio do almoço da família. Notando uma lágrima escorrer dos olhos do animal, Nise deu um berro terrível, fazendo com que o seu pai, Faustino Magalhães da Silveira, viesse correndo. Preocupado, ele prontamente determinou a troca do menu, garantindo, assim, uma vida longa para o galináceo, que somente veio a falecer posteriormente de velhice. Em outro momento, anos mais tarde, ela também interveio para impedir que um homem chicoteasse um burro que havia empacado em frente à sua casa (Melo, 2007)³.

³ Conforme Melo (2007), essas histórias – e a constante repetição delas – contribuem para um processo de mitificação de Nise da Silveira e, em grande medida, impedem a produção de análises mais aprofundadas sobre as suas ideias, pois é como se a simples enunciação dessas narrativas bastasse. Ele argumenta que “nunca

Sobre o seu período na Faculdade de Medicina da Bahia, entre os anos de 1921 e 1926, Nise da Silveira (2020) relata a lembrança de uma “aula estúpida”, na qual, sob o pretexto de ensinar sobre os mecanismos da circulação sanguínea, uma rã viva havia sido pregada pelas patas, crucificada, e com o peito aberto para que pudessem observar o coração palpitando. A médica interpretou o olhar esbugalhado do anfíbio como uma grande denúncia sobre o humano: “porque tanta ruindade?”. Ela mesma respondeu: “para nada” (p. 49), afinal nada daquilo era necessário.

Ainda no contexto do uso de animais em laboratórios, cabe mencionar outra história bem posterior, em que um aluno de Psicologia a procurou, estando visivelmente abalado. Em um trabalho na abordagem behaviorista, ele havia sido orientado por seus professores a observar o comportamento sexual dos ratos. Surpreso, o aluno notou que aqueles roedores escolhiam os parceiros de acordo com preferências individuais e, emocionado, relatou a sua interpretação: os ratos se amavam! Essa história ilustra o quanto as pessoas pareciam ficar confortáveis em compartilhar as suas emoções e interações relacionadas com os animais, talvez por saberem o quanto a psiquiatra valorizava esse tema (Silveira, 2020).

Em entrevistas, Nise da Silveira (2009b, 2009c) frisava a importância que sempre atribuiu aos animais. Aliás, ela não apenas mencionava seus inesquecíveis companheiros caninos da infância, mas expressava profunda admiração pelos cães em geral. Dizia que eles a humilhavam, pois percebia neles uma qualidade que pessoalmente lhe parecia muito distante: a capacidade infinita de perdoar. Enfatizava que, independentemente das ações do dono, um cão nunca trai e permanece sempre fiel. Além disso, em sua casa em Maceió, onde havia muito espaço, tinha sido possível criar cães. Já na vida adulta, em seu apartamento na Rua Marquês de Abrantes, na cidade do Rio Janeiro, tornou-se mais inviável tê-los, ainda que tenha mantido uma cadela e outros animais. Depois, ela começou a resgatar gatos abandonados e desamparados que viviam na rua, chegando a abrigar 23 felinos simultaneamente. E, embora não visse nos gatos a mesma capacidade de perdão atribuída aos cães, eles também possuíam outras características muito especiais. Segundo as suas palavras: "O gato une e separa. Porque é um ser muito peculiar. As pessoas que amam o

ouvimos ninguém se perguntar se, na história da galinha pedrês, é realmente possível a lágrima correr” (p. 105). De toda forma, a nossa intenção é evidenciar que, ao que tudo indica, já havia afetividade de Nise para com os animais, ainda que sem garantias de que essa característica tenha relação direta de causa e efeito para com a criação do seu trabalho posterior. Entretanto, a reflexão sobre o papel da relação afetiva com os animais por parte dos profissionais que lidam diretamente com esses seres é relevante e integra as discussões ao longo desta dissertação.

poder e desejam mandar geralmente não gostam do gato. O gato só faz o que bem entende. Ele é um monarca absoluto" (Silveira, 2009d, p. 203).

A psiquiatra era casada com o sanitarista Mário Magalhães da Silveira e, quando ele era ainda chefe do Serviço de Saúde Pública, convidou vários de seus colegas para um jantar, naquele mesmo apartamento já citado. Durante o encontro, de repente, houve um grande constrangimento: um gato pulou na mesa na qual seria servida a refeição. Nise costumava divertir-se contando como enfrentou “aquele silêncio com um verso de Pablo Neruda: [...] *Todo es inmundo para el immaculado pie del gato*” (Silveira, 2009c, p. 134). Além de monarca e imaculado, os gatos possuíam uma notável dignidade, mesmo no momento da morte, conforme os relatos de suas experiências lidando com o falecimento de muitos felinos. Havia lhe impressionado essa capacidade de saber morrer, postura muito diferente daquela que frequentemente observava nos seres humanos; um tipo de dignidade que ela própria almejava possuir um dia (Silveira, 2009b).

Em um escrito de natureza psicológica, *O sacrifício e suas transformações – Subidas e descidas de níveis de consciência vistos através da relação homem-touro*, a médica condenou a tradicional Farra do Boi, um ritual característico da região de Santa Catarina, mas que se realizava em todo o território nacional (Silveira & Mello, 1989). Ilegal desde 1997, a Farra consiste em soltar um boi e incitá-lo, sujeitando-o a agressões e o compelindo a perseguir os participantes. O evento somente termina após o animal, exaurido, desistir de se reerguer. Em geral, devido à severidade das lesões, é necessário sacrificá-lo. No texto, dentre outras articulações, é feito um paralelo entre a crueldade inerente à Farra e as concepções do mecanicismo cartesiano⁴, que delineavam uma separação entre psique e matéria. No entanto, um indivíduo recentemente integrado ao Grupo de Estudos C.G. Jung, presidido por Nise da Silveira, não conseguiu apreender esse ponto de vista. De acordo com Melo (2001), a médica replicou que, dado que o embasamento filosófico se mostrava insuficiente, apresentaria uma perspectiva pessoal; especificamente, a sua empatia pelo sofrimento do boi tinha lhe impactado a tal ponto que, apesar de ser carnívora, havia renunciado ao consumo de carne vermelha. Novamente, o participante não logrou compreender e chegou a questionar como tal identificação era possível, ao que ela, “de maneira drástica, porém bastante divertida, respondeu-lhe que ela era uma vaca” (p. 126). Por essa exemplificação, fica evidenciado não só o gênio provocativo como também o entrelaçamento entre as convicções pessoais e profissionais da psiquiatra.

⁴ Descrevemos melhor esta ideia ainda neste capítulo, no tópico correspondente a sua visão psicológica.

Com relação aos seus muitos gatos, para os quais ela inclusive dedicou o livro *Gatos, a Emoção de Lidar*, era comum que eles tivessem plena liberdade para circular, chegando até mesmo a urinar em determinados livros. Segundo Melo (2001), Nise justificava dizendo jocosamente que eles urinavam quando apreciavam o autor. Para além de sua perspicácia humorística, a médica possuía uma habilidade de observação notável e estava disposta a extrair aprendizados a partir das interações com os animais. Um exemplo ilustrativo ocorreu quando ela se deparou com um gato filhote, de padrão listrado, ao qual atribuiu o nome de “Oncinha”; à medida que o animal crescia, acabou sendo chamado de “Onça”. O gato costumava descansar tranquilamente sobre a mesa de estudos da doutora, enquanto ela o observava atentamente, notando como a sua respiração era natural e desimpedida. Essa observação chamou-lhe a atenção, pois ela própria enfrentava dificuldades respiratórias, apesar de suas tentativas de obter alívio por meio da prática de ioga. Determinada a encontrar uma solução, decidiu acompanhar o ritmo respiratório do felino e, após considerável esforço, alcançou melhorias significativas. Esse episódio culminou com a atribuição do título de “Mestre Onça” ao gato, como uma premiação à inspiração que ele lhe proporcionou.

1.2 História do emprego de animais como coterapeutas

No decurso de seu trabalho, Nise da Silveira contou com o respaldo de uma equipe diversificada de monitores. Esses eram membros do corpo funcional do hospital que haviam sido realocados para a Seção de Terapêutica Ocupacional. Eles apresentavam variados graus de instrução, formação e competência técnica, no entanto, sendo devidamente orientados e capacitados pela psiquiatria, exerciam a função de coterapeutas, isto é, ofereciam uma presença contínua, confiável e interessada, sem interferir nas criações dos clientes. O entendimento era de que a eficácia de qualquer tratamento dificilmente seria concretizada sem que a pessoa estabelecesse um ponto sobre o qual pudesse fazer investimento afetivo, criar vínculo, e os monitores desempenhavam um papel catalisador⁵ nesse processo. A reintegração dos sujeitos à realidade compartilhada está frequentemente ligada à construção de um vínculo de confiança com algum indivíduo específico, antes de conseguir se expandir para incluir outras interações interpessoais e o ambiente em geral. Reconhecendo essa dinâmica, a psiquiatria posteriormente identificou que, não apenas os seres humanos, também

⁵ No terceiro capítulo desta dissertação, exploramos de maneira ampliada o conceito de *afeto catalisador*.

os animais e as plantas poderiam funcionar como eficazes catalisadores afetivos e, por conseguinte, assumir a função de coterapeutas (Silveira, 1986, 1992, 2015).

Nise da Silveira é considerada pioneira na utilização de animais como coterapeutas, como ela mesma destacou em seu livro intitulado *O Mundo das Imagens* (1992). Nesse trabalho, a médica menciona o reconhecimento que recebeu do psicanalista norte-americano Boris Levinson, uma figura proeminente na área. Na década de 1960, Levinson a incluiu em sua importante publicação *Pet-oriented Child Psychotherapy*, listando: “Entre aqueles que utilizam animais em suas abordagens terapêuticas com crianças ou adultos, podemos citar: Jean Hodgins; H. L. Trigg; A. Quaytman; Mira Rothenberg; Nise da Silveira; H. Aschaffenburg; Mollie Schildkout; Jon Geis” (1969, p. 43 como citado em Silveira, 1992, p. 113). Inclusive, a designação de “co-terapeuta” empregada por Levinson, referindo-se aos animais, foi igualmente adotada pela médica (Silveira, 2009b, 2009e).

Para compreender o emprego de animais como coterapeutas pela doutora Nise, é necessário um resgate histórico. Em 1946, ela assumiu e modificou o método de tratamento da Seção de Terapêutica Ocupacional⁶, no antigo Centro Psiquiátrico Nacional, localizado em Engenho de Dentro, posteriormente denominado Centro Psiquiátrico Pedro II e, atualmente, Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira (IMASNS) (Mello, 2014). Alguns anos mais tarde, vindo de um programa de intercâmbio, havia chegado um estudante francês de medicina chamado Pierre Le Gallais, interessado pelas pesquisas da psiquiatra acerca da relação entre o espaço e o tempo na esquizofrenia. Por considerar isso como algo muito avançado e buscando aprofundar-se, fez uma requisição para ser transferido para o setor da médica (Melo, 2001; Silveira, 2009e).

Naquela época, Nise desejava que se construísse uma quadra de esportes e recorreu a Pierre ao saber que ele havia sido um competidor olímpico na França e, portanto, deveria ter o conhecimento das medidas exatas para uma quadra de vôlei. Muito disposto, ele aceitou iniciar a construção e, ao perceberem um médico empunhando uma pá, muitos funcionários se sentiram motivados a ajudar na realização da obra (Silveira, 2009e). Aquele era o ano de 1955 e, durante as escavações para a quadra, uma cachorrinha de apenas dois ou três meses foi encontrada abandonada e faminta. A doutora a batizou de Caralâmpia, em alusão a um apelido de infância que lhe fora atribuído por seu pai e que, posteriormente, inspirou

⁶ Em 1961, o presidente Jânio Quadros convocou Nise da Silveira para apresentar um plano de trabalho, visando expandir nacionalmente a terapêutica ocupacional. Através do Decreto nº 51.169, dentre outras determinações, foi incluso o termo “reabilitação”, passando a denominar-se Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação (STOR). Poucos dias depois, ele renunciou à presidência, encerrando a implementação de outras mudanças (Mello, 2014; Melo, 2001).

Graciliano Ramos no conto *A Terra dos Meninos Pelados* (Melo, 2007; Silveira, 1992). Alfredo, um cliente interno e considerado caso grave, demonstrou interesse pela cadelinha, então a médica lhe ofereceu a oportunidade de cuidar dela. Aceitando a proposta, ele dedicou-se ao cuidado de Caralâmpia e o resultado terapêutico advindo dessa relação afetiva foi considerado excelente. Alfredo progrediu sobremaneira no seu trabalho na oficina de encadernação a ponto até de se profissionalizar e, em seguida, recebeu alta, prosseguindo com a nova profissão (Silveira, 2009a, 2009e).

A partir desse caso, houve empenho em pensar estratégias para dar continuidade ao trabalho de aproximação entre os clientes psiquiátricos e os animais. Nessa empreitada, a médica deparou-se com diversos desafios, porém também encontrou valiosos aliados. Entre esses, destacou-se a monitora Maria Nazareth Rocha, que prontamente ofereceu-se para cuidar dos animais abandonados que iam sendo adotados no contexto terapêutico. A sensibilidade de Nazareth permitia uma aproximação suave e não forçada entre aqueles dois grupos de seres vulnerabilizados: os indivíduos ditos loucos, que quase nunca recebiam qualquer gesto afetuoso e se encontravam geralmente reclusos em seu próprio mundo interno; e os animais, também frequentemente traumatizados⁷, maltratados e esquivos em virtude do contato não raro hostil com as pessoas consideradas mentalmente sãs. Além de Nazareth, contribuiu significativamente para o trabalho a monitora Dalva Araújo, que se dedicava ao ateliê de pintura e desenho, além de cuidar dos gatos que depois passaram a desempenhar a função de coterapeutas (Silveira, 1992).

Não obstante a nossa compreensão de que o enfoque pessoal de Nise da Silveira no trato com os animais parece ter favorecido a sua proposta inovadora, é preciso pontuar que havia uma diferença de finalidade. Nota-se, assim, um deslocamento perspectivo perante a existência de duas posições, as quais não necessariamente coincidem. A primeira posição, como já estabelecemos no tópico anterior, envolve o cultivo de afeto, respeito e reverência em relação aos animais em um âmbito privado. Em contrapartida, a segunda posição é representada pela esfera profissional. Como psiquiatra, a sua responsabilidade, dedicação e compromisso estavam prioritariamente voltados para os seus clientes, ou seja, para os seres humanos internos na instituição psiquiátrica. Para o resgate e o cuidado de animais, já existiam sociedades protetoras muito dedicadas, como ela própria afirmava. Desse modo, havia um claro objetivo médico, isto é, o acolhimento dos animais tinha antes uma função terapêutica, que era doar afeto àquelas pessoas tão solitárias (Silveira, 1992).

⁷ No segundo e no terceiro capítulo, abordamos a importância do tema da história de vida dos animais.

Vale dizer também que os animais não eram especificamente selecionados para aquela atividade e nem treinados para ela. Devido à situação de estarem perdidos nas vias públicas, os cães e os gatos acabavam adentrando livremente pela porta aberta do hospital em busca de comida, abrigo ou mesmo de contato humano (Silveira, 2009a). Gradualmente, contudo, foi-se notando que os animais, especialmente os cães, eram muito adequados para se tornarem uma referência estável no mundo daqueles sujeitos, devido à sua capacidade de fornecer afeto incondicional, além de transmitirem calor e alegria ao ambiente. Por outro lado, também os modos mais discretos e esquivos dos gatos os adaptavam bem à maneira de amar de alguns indivíduos esquizofrênicos (Silveira, 1992, 1998).

A médica estava, portanto, em processo de construção de um conhecimento. Naquela época, era muito mais difícil ter acesso aos estudos estrangeiros, de modo que somente anos mais tarde ela foi ter a oportunidade de se corresponder com importantes pesquisadores dessa área, como os norte-americanos Boris Levinson, mencionado anteriormente, e Samuel Corson, da Universidade de Ohio. Ambos, inclusive, manifestaram grande interesse pelas pesquisas conduzidas por Nise, sendo importante ressaltar que ela não obteve inspiração em seu trabalho a partir desses pesquisadores, uma vez que a sua iniciativa pioneira os antecedeu (Silveira, 1992, 2009e). No entanto, é notável o constante aprendizado da médica acerca das pesquisas concernentes à utilização de animais em terapias. Mesmo após quatro décadas desde a aparição da cadela Caralâmpia, ela continuava a abordar o tema dos animais em seus escritos, mantendo-se atualizada: “Cães, gatos, peixes e pássaros são agora os novos terapeutas contratados por hospitais franceses, canadenses, americanos e suíços, depois da constatação de serem eles indispensáveis à melhora ou cura dos portadores de várias doenças” (Silveira, 1992, p. 114). Ademais, ela também evidenciava conhecimento acerca de pesquisas que investigavam, por exemplo, a redução do uso de medicação para controle da dor na presença de animais de estimação, bem como a relação entre enfermidades cardíacas e a menor taxa de mortalidade entre aqueles que convivem com animais de companhia (Silveira, 1992). Portanto, é evidente que seu interesse no tema perdurou até o término de sua vida.

No livro *Imagens do Inconsciente*, originalmente publicado em 1981, estão relatados uma série de casos em que se observou o benefício do estabelecimento de vínculos afetivos com os animais. Dentre essas histórias, há o exemplo de Abelardo, um indivíduo caracterizado por sua irritabilidade no convívio com as pessoas, sendo até temido por elas. Capturou a atenção de Nise, contudo, o fato de que Abelardo não apenas assumiu a responsabilidade pelo cuidado e alimentação da gata Shelton, do cão Tomatinho, da cadela

Bolinha e do cachorro Wolf, como também empreendeu várias ações generosas, como levar provisões para os animais abandonados. Ele se dedicou à construção de uma pequena casa de madeira próxima à porta do ateliê, concebida para abrigar cães desamparados. Essa edificação foi posteriormente retratada em diversas pinturas criadas por outros clientes, revelando a afetação causada tanto por ela quanto pelos seus ocupantes (Silveira, 2015).

Durante a década de 60, é particularmente emblemático o caso de Carlos Pertuis (1910-1977), conforme destacado por Nise da Silveira (2015): “Sem nenhum exagero, pode-se dizer que os terapeutas de Carlos foram os cães Sultão e Sertanejo. A posição de coterapeutas coube ao médico e aos monitores” (p. 89). Carlos estava fortemente imerso em seu mundo interior e a sua expressão verbal era praticamente ininteligível. Ele se expressava com abundância de neologismos e ausência de coerência lógica, exceto quando interagia com o cão Sultão, a quem dirigia palavras afetuosas e articuladas, enaltecendo inclusive a sua bravura. Assumindo a responsabilidade pelos cuidados de Sultão, ele o alimentava, dava banhos e o penteava. Lamentavelmente, em 1961, o cão foi vítima de um envenenamento e faleceu, o que fez Carlos mergulhar novamente em um vazio emocional, resultando em uma regressão psicológica significativa.

Foram necessários dois anos para que Carlos conseguisse estabelecer novamente uma conexão com outro cachorro, o Sertanejo. Notavelmente, quando se tratava de tópicos relacionados aos cães ou aos animais em geral, a expressão de Carlos tornava-se nítida e isenta de problemas semânticos. Ele também colaborava com Nazareth, a monitora, ao realizar tarefas como limpar o espaço de repouso dos animais e proporcionar banhos semanais a eles. Certo dia, em 1965, ele abordou Nise solicitando uma quantia em dinheiro para adquirir itens como água oxigenada, mercúrio cromo e gaze, alegando que eram necessários para curar uma lesão na pata de Sertanejo. Adquirindo os materiais de forma adequada na farmácia, ele trouxe corretamente o troco e, de maneira impecável, realizou o curativo no cão. Conforme a interpretação psicológica da psiquiatra: “Desde que exista polarização intensa de afeto dirigida pelo desejo de socorrer o amigo, tornava-se possível retomar a linguagem verbal⁸ ordinária nem que fosse por momentos. Sob a ação do afeto, os laços frouxos do pensamento apertaram-se, permitindo comunicação com a exata pessoa que poderia ajudar” (Silveira, 2015, p. 91).

Apesar dos observáveis benefícios resultantes da interação entre os clientes e os animais, Nise enfrentou significativa incompreensão e foi alvo de insultos por parte de seus

⁸ No terceiro capítulo, no estudo do Caso Sara, apresentamos um exemplo da relação entre afeto e expressão verbal.

colegas, além de sofrer com inúmeros atos de violência, como exemplificado pelo trágico envenenamento de Sultão e outros cães. Outros animais também foram levados para serem eletrocutados ou abandonados em áreas remotas, além da recorrente prática de simplesmente soltá-los novamente nas ruas. A psiquiatra chegou até a colocar o seu cargo à disposição, no intuito de pressionar que alguma providência fosse tomada por seus superiores (Mello, 2014). O incidente de extermínio em massa dos animais ganhou notoriedade na mídia, gerando indignação em algumas personalidades, incluindo o psicanalista Boris Levinson, que afirmou: “Sem dúvida, para muitos pacientes, os animais eram seu único elo de vida (*lifeline*), sua ponte para a saúde mental” (como citado em Silveira, 2015, p. 93). A psiquiatra demonstrou grande apreço pela expressão “lifeline” utilizada por Levinson, considerando-a muito precisa para representar a relação entre os seus clientes e os animais.

Aquelas brutais ações não apenas afetavam emocionalmente os clientes que haviam estabelecido laços com os animais, mas também perturbavam gravemente os monitores e a própria médica. Além da falta de vontade para reconhecer o evidente resultado da interação com os animais, os seus colegas de profissão também careciam de sua rica compreensão psicológica acerca do tema (Silveira, 1992, 1998, 2015), tópico que abordaremos a seguir.

1.3 O afeto na visão psicológica sobre os animais

De acordo com Nise da Silveira (2015), a relação entre os seres humanos e os animais constitui um objeto de estudo no qual é imperativo que se mergulhe. Segundo ela:

Parece-me merecer observação atenta a maneira como se processa o relacionamento do homem (doente ou não) com o animal. Este relacionamento reflete a problemática entre o homem que se esforça para firmar-se na condição humana, e o animal existente nele próprio. Relacionamento difícil, de luta, sacrifício, confronto, amizade, desenvolvido ordinariamente numa trama complexa de projeções e identificações (p. 93).

Como já mencionado, a doutora enfrentou inúmeras adversidades na defesa dos coterapeutas animais. Uma explicação que ela encontrava para tal situação recaía sobre o modo como se enxerga, principalmente no Ocidente, uma cisão entre a natureza e o ser humano. Dentro dessa concepção, a desvalorização dos animais estaria sustentada no “conceito cartesiano do animal-máquina [que] deu vezo científico a essa arrogante concepção do mundo” (Silveira, 1992, p. 115). A psiquiatra era crítica à obra de René

Descartes (1596-1650) e, segundo Melo (2001), ao ter o seu primeiro contato, ainda jovem, com uma das obras do autor, o *Discurso sobre o Método*, ela foi tomada por um grande descontentamento. Um dos motivos para o seu desgosto foi a comparação estabelecida pelo filósofo entre os seres humanos e os animais. Para ele, tanto os homens quanto os animais se constituíam como máquinas. Entretanto, Descartes atribuía exclusivamente aos seres humanos a faculdade da razão, negando-a completamente aos animais. Essa diferença estaria manifesta na capacidade humana da fala, vista como prova da existência de pensamentos. Conseqüentemente, ele sustentava a premissa de que os animais careciam da habilidade de linguagem e, por extensão, também de pensamento.

Dessa forma, se a psiquiatra discordava de muitas concepções de Descartes, essa era inquestionavelmente uma das mais cruciais. E ela não só se recusou a renunciar à sua convicção quanto a um erro do filósofo, como também o seu próprio trabalho se ergueu como uma contraposição a essa perspectiva cartesiana. Por essa razão, iniciamos o capítulo com a epígrafe: “O animal é, por definição arbitrária, rotulado de ‘irracional’. Que posição poderia ele ocupar como co-terapeuta num hospital?” (Silveira, 1992, p. 112). Tal indagação parece vir encontrando respostas cada vez mais favoráveis à medida que os resultados e as evidências de numerosas pesquisas emergem, mas, em sua época, Nise da Silveira surpreendeu muitas pessoas com o seu posicionamento considerado tão inovador.

Por outro lado, a psiquiatra deparou-se com outro filósofo que a inspirou profundamente, Baruch Spinoza (1632-1677). Nas páginas de seu livro *Cartas a Spinoza*, Nise da Silveira (2020) espirituosamente expressa: “Quando tive conhecimento de que você estava mil anos-luz adiante de seu contemporâneo Descartes, senti-me feliz” (p. 49). Ela dedicou-se a estudar a obra do filósofo e logo encontrou fascínio por um tema que a arrebataria: “a unidade de toda a natureza” (p. 50). O desdobramento dessa ideia era que todas as coisas da natureza possuíam alma, seja uma pessoa, uma planta, um mineral ou um animal. A médica prontamente abraçou essa concepção, uma vez que “a absurda negação da alma dos animais sempre me havia revoltado” (p. 51).

Além disso, de acordo com Castro e Lima (2007), a obra de Nise da Silveira é permeada pela influência do conceito spinoziano de afeto. Nesse sentido, o afeto, quando resultante de um bom encontro, é associado à concepção de ser também um catalisador do processo de cura. Em sua obra *Ética*, Spinoza (2009) aborda algumas ideias relacionadas ao papel dos encontros na vida das pessoas, indicando que o bom encontro se refere a uma interação que contribui para o aumento da nossa potência de agir, fortalecendo-nos e nos conduzindo a uma condição de maior perfeição ou felicidade. Em outras palavras, estamos

constantemente sendo afetados pelos outros, de maneira que os bons encontros são aqueles que promovem uma maior conexão com o mundo e conosco, ampliando, por sua vez, a nossa capacidade de afetar e de ser afetado.

Na “Carta III” de seu livro *Cartas a Spinoza*, a psiquiatra faz uma vinculação entre a concepção de *imanência* de Spinoza e a Psicologia Analítica, a partir de sua interpretação sobre uma afirmação de Jung de que psique e matéria seriam diferentes aspectos de uma mesma coisa (Melo, 2010a; Silveira, 2020). Na leitura da médica, ao invés de privilegiarem a mente (racionalidade) em detrimento do corpo (afeto), tão típico do cartesianismo, ambos estariam sustentando uma intrínseca relação (Sousa, 2021). De fato, os dois autores, Spinoza e Jung, parecem convergir sobre este ponto. Nas palavras de Spinoza (2009), “por afeto compreendo *as afecções do corpo*, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, *as ideias dessas afecções*” (p. 98, grifo nosso). Baseado em William James (1842-1910), Jung (1921/2013a, 1935/2017) também concebeu o afeto e a emoção como sinônimos, tratando-se daquilo que afeta, interfere em nós, cuja manifestação no corpo aponta para um desenrolar simultâneo entre os processos do corpo e os processos psíquicos. Assim, Jung (1921/2013a) afirma: “Por afeto entendo um estado de sentimento, caracterizado, de um lado, por *inervações perceptíveis do corpo* e, de outro, por uma *perturbação peculiar do curso das ideias* (p. 423, grifo nosso)”.

Jung (1903/2013b) conferia grande importância à emoção, inclusive defendendo um caráter estruturante da afetividade. No âmbito da constituição psíquica, ele descreve a afetividade como presente desde o nascimento do indivíduo, presidindo o pensamento e a ação. Segundo Zabriskie (2021), o seu modelo é, portanto, o de uma psique afetiva, impregnada de energia psíquica, na qual, se por um lado as emoções mal resolvidas acabam enodadas em complexos e podem atrapalhar muito a vida dos sujeitos, por outro lado nada se faz sem emoção. As emoções exercem papel essencial no desenvolvimento psicológico, pois levam o indivíduo à ação, estimulam a cognição e inspiram a imaginação.

Entretanto, podem ser bastante intensas e complexas as necessidades afetivas das pessoas em profundo sofrimento mental, especialmente quando intimamente feridas e sistematicamente marginalizadas pela sociedade, como é o caso dos ditos “loucos”. Nesse caso, percebeu-se que a aproximação entre os clientes e os monitores (coterapeutas) colhia mais benefícios se a relação fosse se transformando em genuína amizade (Silveira, 2015). Posição que guarda semelhanças significativas também com as orientações de Von Franz (1915-1998), uma das mais importantes continuadoras do legado de C.G. Jung, que sustentava a importância terapêutica do “relacionamento pessoal ou mesmo a amizade”

(2021, p. 293) entre terapeuta e analisando⁹. Em certas circunstâncias, no entanto, não se mostrava possível satisfazer tamanha demanda emocional ou mesmo estabelecer qualquer vinculação entre os clientes e os monitores humanos. Em diversas ocasiões, conforme observado pela psiquiatra, "excelentes catalisadores são os coterapeutas não humanos", pois esses seres funcionam muito bem como pontos seguros de investimento afetivo, proporcionando uma verdadeira ancoragem emocional (Silveira, 2015, p. 87). Os animais (e até as plantas) possuem características que, muitas vezes, contribuem para o processo terapêutico, por exemplo, de modo genérico, a habilidade dos cães de oferecer afeto incondicional, o exercício da liberdade no vínculo afetivo no caso dos gatos, ou a estabilidade reconfortante de uma presença fixa, como a vegetação de um jardim.

Apesar da profunda admiração que nutria por Spinoza, a quem também reverenciou como um mestre, foi exatamente o ponto de vista do filósofo em relação aos animais que, de acordo com Melo (2001), fez a doutora Nise experimentar uma significativa decepção. A despeito de reconhecer a presença de alma, consciência e sentimentos nos animais, Spinoza não demonstrou reservas em relação à prática de imolação desses seres, fundamentando tal posição naquilo que ele entendia como "razão" e no direito supostamente natural inerente ao ser humano de utilizar os animais em seu benefício. Notavelmente, para ele, quaisquer objeções a essa perspectiva eram relegadas ao domínio das superstições ou consideradas como expressões de um sentimentalismo feminino.

É precisamente mediante uma abordagem destituída de sentimentalismo, porém, que Nise da Silveira (2020) apresenta uma argumentação contrária, valendo-se da maneira pela qual interpretava a ideia de unidade do mundo. Em outras palavras, sua perspectiva não admitia quaisquer formas de dominação sobre a natureza. Ao concluir a "Carta III", ela ousa até mesmo lançar uma provocação, evocando a memória de que Spinoza havia compartilhado o seu quarto com dois felinos. Ela enfatiza: "Seriam mesmo radicais as diferenças de essência entre o filósofo e os gatos? [...] Talvez seus gatos lhe fossem bastante próximos, caro Spinoza" (p. 58). Assim, torna-se claro que a postura adotada pela médica em relação aos animais estava intrinsecamente alinhada à sua visão unitária de mundo, denotando, portanto, que não se tratava de mera pieguice ou sensibilidades de uma mulher.

⁹ Esse é um dado relevante se lembrarmos que Nise da Silveira foi analisanda e tornou-se grande amiga de Marie-Louise Von Franz. Inclusive, o livro *Imagens do Inconsciente*, conforme ia sendo elaborado, tinha seus capítulos traduzidos para o inglês e enviados para a apreciação de Von Franz, que lhe enviava depois cartas-resposta (Mello, 2015).

Além disso, foi justamente por meio de sua atuação na prática psiquiátrica e, por conseguinte, no empenho voltado à compreensão, ao estudo e ao tratamento de seus clientes, que Nise da Silveira (1992) gradativamente adquiriu o entendimento de que:

[...] não se trata apenas do animal que se move longe ou perto de nós no mundo externo. A psicologia terá de dar muita atenção ao animal no mundo interno do homem, animal que faz parte intrínseca de sua evolução tanto biológica como psicológica, e do qual a função configuradora de símbolos do inconsciente se utiliza para exprimir forças muito profundas (p. 115).

À luz do panorama delineado até este ponto, evidencia-se novamente a natureza psicológica, em vez de filantrópica, que estava subjacente ao seu engajamento com os cães e os gatos coterapeutas. Afinal, para além da relação das pessoas com os animais concretos, a inquietação da psiquiatra quanto à desvalorização desses seres não humanos também se fundamentava no fato de tal postura ter um impacto direto sobre os dois importantes aspectos destacados na asserção acima. Isto é, a forma como nos confrontamos com a nossa própria animalidade e a maneira como nos relacionamos com os animais que emergem simbolicamente, seja em nossos sonhos, fantasias ou nas atividades expressivas, como era o caso das pessoas sob os cuidados da médica.

Explorando a questão da animalidade no ser humano, Nise da Silveira (1992, 2015; Silveira & Mello, 1989) abordou em vários textos a ideia arquetípica do sacrifício, considerando a sua presença em diversas mitologias e práticas religiosas. Em sua concepção, o impulso para o sacrifício constitui um processo inerente ao ser humano, emergindo do embate entre o ímpeto de agir de acordo com os instintos¹⁰ primordiais e a necessidade igualmente instintiva de conter a impetuosidade desse agir. Afinal, para a sustentabilidade da vida em sociedade, um sacrifício ao menos parcial dos impulsos básicos é considerado uma etapa necessária, permitindo ao indivíduo a reserva de energia psíquica suficiente para ser direcionada às atividades conscientes e reflexivas. Simbolicamente, o animal representa o próprio ser humano, e o ato do sacrifício a ele associado representa uma contenção da sua instintividade: “Maltratar um animal é maltratar algo de si mesmo. Matar um animal é matar parte de si mesmo” (Silveira, 2009c, p. 132).

¹⁰ No segundo capítulo, abordamos o conceito de instinto em sua relação com o conceito de arquétipo como uma das possibilidades psicológicas para lidar com o tema dos animais.

Em contrapartida, a psiquiatra também identificou determinadas transformações que vêm ocorrendo ao longo da história das religiões em relação ao ato sacrificial. Segundo essa perspectiva, a progressiva transição dos rituais sacrificiais sangrentos para as cerimônias simbólicas desprovidas da exigência de um sacrifício real de animais estaria em consonância com a ascensão dos níveis de consciência na humanidade. De maneira que, quando um indivíduo atinge um estágio de diferenciação de consciência que o capacita a recolher as projeções de seus próprios instintos, previamente atribuídas indiscriminadamente a entidades animais externas, e, depois, é capaz de examinar repetidamente essas projeções, além de lograr a possibilidade de integrá-las de maneira equilibrada à sua própria identidade, também estaria mais próximo da plenitude enquanto ser humano (Silveira & Mello, 1989).

Assim, a psiquiatra discernia o surgimento de tendências a mudanças que, ainda que caracterizadas por um ritmo muito moroso e não linear, antecipavam uma renovação da percepção geral concernente aos animais. Em sua convicção, diante das novas constatações e evidências, em algum momento futuro a humanidade ascenderia a patamares mais elevados de conscientização em relação à natureza. Nessa temática, ela expressava seu apreço pela perspectiva de C.G. Jung que, segundo a sua interpretação, emergia na vanguarda desse movimento, sendo capaz de lidar com a questão dos animais sem qualquer manifestação melindrosa de inferioridade ou arrogância (Silveira, 1992). Segundo Melo (2001), a médica apreciava uma história sobre Jung na qual se contava que ele havia permitido, certa vez, que um passarinho pousasse em sua cabeça a fim de coletar fios para a construção de um ninho. Quando indagado se isso não lhe causava incômodo, Jung teria respondido que, pelo contrário, sentia-se honrado. No entanto, Nise da Silveira (2009b) fez considerações a respeito de algumas discrepâncias culturais. Enquanto no Brasil a inclusão de animais em contextos médicos era vista como extravagante, em Viena, Sigmund Freud mantinha o seu cão no *setting* durante vários de seus atendimentos, bem como Von Franz, em Zurique, também compartilhava da prática, tendo um cão em seu consultório.

Além disso, como já mencionado, não interessava à psiquiatra apenas a relação com os animais concretos, chamava-lhe a atenção também o modo como os animais podiam aparecer simbolizados. Frequentemente, o sujeito contemporâneo menospreza os folclores, os contos de fada e os mitos, rotulando-os como meras tolices ingênuas e ultrapassadas. Entretanto, quer seja nos domínios dos sonhos, das fantasias ou das expressões espontâneas, essas mesmas imagens ancestrais ressurgem, as imagens arquetípicas – muitas vezes com variações –, mas que evidenciam uma presença vibrante e ativa ainda em nosso psiquismo

atual. A exploração da presença simbólica¹¹ de animais nessas manifestações, na maioria das vezes, pode revelar aspectos cruciais da vida instintiva da pessoa que as produziu ou da humanidade em geral (Silveira, 1992).

Tomemos como ilustração o caso de uma de suas clientes, Adelina Gomes (1916-1984). Ela havia sido uma jovem de origens modestas, cuja instrução abarcou apenas o ensino primário. Aos 18 anos, viu-se apaixonada por um homem, o qual sua mãe desaprovava. Demonstrando obediência, ela cedeu diante da autoridade materna, sufocando seus impulsos instintivos em busca de uma relação amorosa. Entretanto, com o passar do tempo, Adelina foi gradativamente se retraindo, até que ocorreu um surto, culminando no estrangulamento da gata da família. O desfecho desse evento levou à sua internação e subsequente diagnóstico de esquizofrenia (Silveira, 2015).

Adelina produziu longas séries de esculturas e pinturas, nas quais frequentemente apareciam animais, sendo muito comuns os gatos e as gatas. Os felinos, notadamente as gatas, são um símbolo da vida instintiva, que “reúne em si graça sedutora, lascívia, devotamento materno e um núcleo de irredutível selvageria, atributos essenciais da feminilidade” (Silveira, 2015, p. 223). A psiquiatra interpretava as imagens produzidas pelos clientes como "autorretratos da situação psíquica" (p. 125), e é relevante mencionar que ela os acompanhava por longos períodos, em alguns casos, até décadas. Pode-se dizer que o processo de reintegração à realidade externa raramente segue uma trajetória linear; repetidamente, está repleto de reviravoltas. No caso de Adelina, a presença constante de imagens de gatos em suas criações, muitas vezes fundidas com figuras femininas, estava intimamente ligada à maneira como Adelina estava lidando simbolicamente com a sua própria natureza instintiva, especialmente em relação à sua feminilidade e sexualidade.

Nesse sentido, o modo como as pessoas se relacionam afetivamente com os animais, tanto concretos quanto simbólicos, pode proporcionar uma visão dos seus conflitos psíquicos e atuar como parte do processo de terapêutico. Vejamos no próximo capítulo a compreensão sobre os animais pela ótica da Psicologia Analítica e os desdobramentos reflexivos sobre a função como coterapeutas.

¹¹ Abordamos sobre a simbologia animal no segundo capítulo, com especial destaque para o cavalo.

2. OS ANIMAIS E A PSICOLOGIA ANALÍTICA

O homem civilizado procura dominar a natureza e coloca todo o seu esforço na descoberta das causas naturais que podem oferecer-lhe a chave do laboratório secreto da natureza. Por isso também a ideia de poderes arbitrários e da possibilidade de sua existência lhe repugna ao extremo, pois nela presente, afinal, que a tentativa de dominar a natureza é de todo inútil.

C.G. Jung

Conforme abordado no primeiro capítulo desta dissertação, Nise da Silveira (1992, 2015) enfatizou a importância de a Psicologia investigar a dinâmica das relações entre os seres humanos e os animais. Assim, neste capítulo, apresentaremos primeiramente alguns posicionamentos do pensamento humano acerca dos animais, observando que essa temática transcende as tradicionais fronteiras disciplinares, adentrando áreas como História, Filosofia, Antropologia, Sociologia, Biologia, Direito, entre outras. Entretanto, apesar do necessário diálogo interdisciplinar, destaca-se que a perspectiva central adotada neste trabalho é a psicológica, especificamente a abordagem da Psicologia Analítica. Em seguida, investigaremos os contextos de intervenções terapêuticas, propondo uma série de reflexões sobre os animais na função como coterapeutas. Depois, a discussão será ampliada mediante a análise dos conceitos de instinto e arquétipo, visando oferecer uma compreensão mais abrangente sobre o tema dos animais, culminando na apreciação de sua importância simbólica. Por fim, em virtude de seu particular interesse para os propósitos desta pesquisa, serão especificamente exploradas as características, história, cultura e simbolismo associados aos cavalos.

2.1 Os animais diante dos humanos: uma relação complexa

Desde tempos imemoriais, quando os seres humanos subsistiam da caça, cobriam-se de peles de animais e compartilhavam a intimidade escura das cavernas, estabelecemos uma trama complexa de relações com as mais diversas espécies que habitam este mundo. Para

além do plano material da sobrevivência, no qual predomina a constante busca por satisfazer as necessidades básicas – tal como a alimentação, o vestuário e a proteção –, a humanidade demonstrou uma profunda capacidade de ultrapassar o caráter puramente utilitário em sua relação com os animais (Bachmann, 2016).

É ainda no Paleolítico, também conhecido como a Idade da Pedra Lascada, que se destacam as pinturas rupestres, trazendo uma profusão de representações figurativas, sobretudo de animais. Essas primeiras formas de expressão artística foram produzidas por membros de grupos que viviam como caçadores e coletores, em que as crenças animistas predominantes indicam a concepção de uma horizontalidade hierárquica entre as plantas, os animais e os seres humanos, além de uma interconexão entre o mundo natural e o espiritual (Rocha et al., 2016). Muitas imagens sugerem, por exemplo, algum tipo de magia, inclusive como forma de obter proteção ou assegurar o sucesso na caça. Nas culturas xamânicas, durante os rituais e em estados de transe, era possível vivenciar uma fusão entre os humanos e os animais, fortalecendo os laços entre todas as formas de vida. Corroborando essa ideia, Jaffé (2008) afirma que: “um chefe primitivo não se disfarça apenas de animal; quando aparece nos ritos de iniciação inteiramente vestido com suas roupas de animal, ele *é* o animal. Mais ainda, *é* o espírito do animal [...]” (p. 317, grifo da autora).

No período Neolítico, com a transição da predação para a agricultura e a criação de animais, houve um processo mais consistente de domesticação de diversas espécies, desempenhando um papel fundamental no desenvolvimento das civilizações. Condição que implicou em uma maior proximidade e interação entre humanos e animais, resultando na diversificação dos papéis assumidos pelos últimos, os quais incluem, além de servirem para a subsistência e as práticas espirituais, passaram a exercer também atividades laborais, funções de guarda e de transporte, como representantes simbólicos de status, poder e riqueza, como agentes terapêuticos – como depois discutiremos – e como animais de companhia. Nesse caso, posteriormente, já no contexto da Antiguidade, tanto egípcia quanto grega, destaca-se não somente a presença de representações de divindades com atributos animais, mas também o surgimento de rituais fúnebres e expressões de luto associados à morte dos animais de estimação do cotidiano, denotando assim um incremento substancial no vínculo afetivo estabelecido entre os humanos e os seus companheiros animais (Rocha et al., 2016).

Na Idade Média, à medida que as crenças monoteístas se estabeleciam fortemente, surge também uma perspectiva antropocêntrica, destacando a posição privilegiada do ser humano na criação divina: dotado de alma e concebido à imagem de Deus. Esse contexto propiciou a imposição de uma separação rigorosa entre humanos e animais (Rocha et al.,

2016). Como exemplo, Nise da Silveira (1992) menciona o declínio do *status* dos gatos após o fim da civilização egípcia antiga, observando que durante as festividades da Páscoa, desde a Idade Média até os tempos modernos na Europa, os gatos eram frequentemente queimados vivos como substitutos de bruxas e demônios. Na interpretação da psiquiatra, o cristianismo buscava reprimir¹² os instintos por meio da rejeição de aspectos associados aos animais, como a ferocidade, a gula e a sexualidade, promovendo a dicotomia entre natureza e espírito.

A partir do século XVII, com o advento do Iluminismo, observa-se novamente uma transformação significativa na atitude em relação aos animais. Nesse contexto, houve um estímulo ao retorno da prática de manter animais de companhia, especialmente entre a aristocracia e as camadas médias urbanas europeias. Essa tendência, inclusive, promoveu a ideia de que a interação com pequenos animais poderia contribuir para o desenvolvimento de funções sociais e afetivas em crianças. No entanto, é pertinente ressaltar que tal posição não se traduziu necessariamente em uma mudança mais profunda, ou seja, os indivíduos continuavam concebendo os animais como seres insensíveis, destituídos de consciência ou mesmo incapazes de experimentar sofrimento (Rocha et al., 2016).

Sobre esse prisma, Portugal (2002) destaca três correntes filosóficas principais que, no período que abrange a transição do século XVIII para o XIX, moldaram o discurso da história natural em relação às capacidades humanas e às suas distinções quanto aos demais seres vivos. Em suma, essas correntes são: os aristotélicos, que concebiam as faculdades racionais humanas como intrinsecamente distintas da cognição sensorial limitada dos animais; os cartesianos, que estabeleciam uma separação radical entre humanos, considerados portadores de alma, e animais, percebidos meramente como matéria extensa sujeita às leis físicas, embora capazes de emular comportamentos inteligentes; e, por fim, os sensacionistas ou empiristas, os quais propunham uma continuidade entre humanos e animais, por considerar as sensações como fundamento tanto do conhecimento humano quanto das capacidades de compreensão dos animais.

Com relação a esses últimos, o autor destaca o fato de que a discussão sobre o entendimento de uma continuidade homem-animal estava presente, portanto, nos autores de inspiração sensacionista muito antes do surgimento do naturalista Charles Darwin (1809-1882) e dos evolucionistas. Ainda assim, é inegável que a proposta genealógica de

¹² Segundo Jung (1918/2013c), essa repressão religiosa excessivamente severa brutaliza o “animal em nós”. Por isso, quando inevitavelmente irrompem do inconsciente, os instintos adquirem formas perigosas, conduzindo à violência e à destruição. Em contrapartida, “se cada pessoa tivesse um melhor relacionamento com seu ‘animal’, teria outra visão da vida. Então a ‘vida’ seria um princípio moral supremo e absoluto” (pp. 30-31).

Darwin, em meados do século XIX, teve um impacto expressivo na concepção ocidental acerca do homem ao aproximá-lo significativamente dos animais, por meio da sua teoria da evolução das espécies (Portugal, 2002).

A partir da influência desses autores e correntes filosóficas, é possível observar o desenvolvimento e a permanência de duas concepções antitéticas: de um lado, definições de humanidade em oposição à animalidade; do outro lado, a perspectiva de que os seres humanos são apenas uma entre a imensa variedade de animais existentes. De mesmo modo, no âmbito da Psicologia, segundo Portugal (2002), as discussões sobre a relação entre os seres humanos e os animais têm oscilado entre essas duas perspectivas antagônicas: a ideia de continuidade, que enfatiza as semelhanças, e a de descontinuidade, que destaca as diferenças. No entanto, a adoção e a defesa de dualismos absolutos tendem a simplificar em demasia a complexidade subjacente a essa problemática. Assim, para o autor:

As oposições como natureza e cultura, evolução e história, humanidade e animalidade, inato e adquirido, organismo e meio, instinto e consciência etc. são simples demais para abordar os animais. A filosofia e os saberes sobre o homem ainda necessitam construir imagens de animais para garantir a exclusividade humana, procedimento que revela a dificuldade de fornecer uma estabilidade para o solo que poderia sustentar a humanidade (p. 155).

De maneira similar, em uma análise filosófica que abrange o conhecimento desde textos da tradição grega, cristã e judaica até os grandes pensadores do século XX, Agamben (2017) argumenta que a distinção entre humanos e animais não é nada óbvia, mesmo que a presunção dessa distinção desempenhe um papel central em diversos aspectos da nossa cultura, política e ética contemporâneas, impactando nosso senso de identidade humana e mesmo conceitos fundamentais como a linguagem. Ao questionar o limite crítico que estabelece a condição humana, o autor reflete sobre como a fronteira entre humanidade e animalidade é construída e como pode ser contestada. A sua visão implica em uma alternativa de compreensão das experiências e capacidades dos animais de uma maneira diferenciada da dos humanos, observando, contudo, que a concepção do que vem a ser o animal, acaba se relacionando frontalmente com uma decisão sobre o que é o humano. Assim, a própria noção de humano é uma categoria aberta, sujeita às variações e contingências do homem lançado no mundo.

Um exemplo ilustrativo do impacto político e ético é o intenso debate em torno do direito animal e do status jurídico dos animais em escala global. No direito brasileiro, a

jurisdição da tutela dos animais é benestarista, isto é, aceita-se a utilização de animais não humanos para propósitos humanos, porém com certas limitações e práticas humanitárias que assegurem seu bem-estar e minimizem seu sofrimento. Essa abordagem contrasta com a perspectiva abolicionista, a qual advoga pela eliminação ou substancial redução do emprego de animais não humanos em nossas atividades. De todo modo, a lei brasileira é uma das poucas que contempla algum tipo de proteção animal, proibindo o tratamento cruel com base na premissa de que os animais são seres sencientes e, assim, também capazes de sentir dor, medo, ansiedade e angústia. Na prática, contudo, de acordo com Marques (2023), persiste considerável insegurança e resistência jurídica, a fim de garantir efetivamente a conservação e proteção da biodiversidade, o reconhecimento pleno da senciência animal e a promoção da qualidade de vida dos animais não humanos.

Por outro ângulo, tendo em vista a ideia de continuidade entre animais e humanos, é pertinente considerar ainda a disseminação de trabalhos e pesquisas com uma abordagem “zoopsicológica”, cuja característica reside em inferir sobre supostos pensamentos e sentimentos dos animais, baseando-se predominantemente em observações de uma ampla variedade de comportamentos desses seres. Embora essas obras tenham o mérito de buscar transcender a perspectiva centrada no humano enquanto um ser especial, enfatizando as habilidades igualmente complexas e sofisticadas dos animais, não é incomum que incorram no viés do antropomorfismo, afinal suas interpretações não deixam de ser mediadas e referenciadas pela experiência humana. Fato que suscita questões significativas, sobretudo sobre a possibilidade ou não de uma compreensão genuína dos animais (Portugal, 2002).

Em paralelo, na análise de produções literárias, nomeadamente daquilo que os etnólogos denominam como contos de fadas, Von Franz (1990) observa que a maioria dessas narrativas constitui essencialmente contos de animais. No entanto, apesar do emprego do termo “animais”, a autora reconhece a sua imprecisão, uma vez que os personagens, embora retratados como animais, são simultaneamente seres antropomórficos. Ela sustenta, porém, que tal ambiguidade não constitui um problema em si, dado que o seu interesse de pesquisa recai sobre o campo psicológico e, por uma questão de princípio, a sua interpretação sempre deverá considerar a projeção humana:

Os antropólogos discutem se os animais estão disfarçados em seres humanos, ou os seres humanos disfarçados em animais. Mas para mim isto é uma besteira. Eles são o que são! São animais e seres humanos; nenhum primitivo iria se questionar sobre isso, não há contradição. Do nosso ponto de vista eles são animais simbólicos,

pois fazemos uma outra distinção: nós consideramos que *o animal é o portador da projeção de fatores psíquicos humanos*. Enquanto houver uma identidade arcaica e enquanto não se levar em conta a projeção, o animal e o que se projeta nele são idênticos; eles são uma e a mesma coisa. Consideram-se bonitas aquelas histórias de animais que representam as tendências humanas arquetípicas. Eles são humanos porque naturalmente não representam os verdadeiros instintos dos animais, *mas nossos instintos animais* e, nesse sentido, eles são de fato antropomórficos (p. 44, grifo nosso).

Ao examinarmos, portanto, o histórico da relação entre os humanos e os animais, verificamos a complexidade notável na delimitação entre a extensão da apreensão do animal enquanto uma entidade concreta e a projeção de conteúdos internos humanos, resultando na concepção do animal enquanto uma entidade simbólica. Para Nise da Silveira (1992, 2015), isso espelha a complexa dicotomia entre a aspiração humana de afirmar a sua humanidade e, simultaneamente, ter que defrontar-se com o reconhecimento, nem sempre bem-vindo, da presença animal dentro de si, a sua animalidade, resultando em um intrincado emaranhado de projeções e identificações.

Ao analisar o simbolismo teriomórfico do arquétipo do espírito, particularmente manifestado na forma animal nos contos de fadas, Jung (1945/2014a) resume, em certa medida, a nossa discussão empreendida até o momento. Assim como Von Franz (1990), o autor sustenta que reconhecer atributos de superioridade nos animais frente aos humanos não constituía um problema para os povos originários. Entretanto, percebe que a história da humanidade acabou se desdobrando em uma ambivalência de sentimentos – ora de inferioridade, ora de arrogância – em relação aos variados aspectos animais. Em sua visão, porém, o psiquiatra nota uma vantagem intrínseca nos animais, pois eles vivem geralmente conforme a natureza, sem conflitos advindos de uma emancipação da consciência do eu, como no caso humano¹³. E declara de forma categórica: "Se o animal fosse consciente, seria mais piedoso¹⁴ que o homem" (p. 231).

Embora os animais apareçam por toda a vasta obra de C.G. Jung, na amplificação simbólica de sonhos, fantasias, mitos, contos de fadas e outras histórias, sejam de seus pacientes ou de exemplos da cultura, o psiquiatra não investigou especificamente a temática

¹³ Essa concepção altera-se quando analisa os animais domésticos, como apresentaremos ao longo do texto.

¹⁴ Uma afirmação que, apesar de compor um comentário psicológico, não deixa de ser também antropomórfica. Ao longo de todo o capítulo, continuaremos abordando diversos aspectos do antropomorfismo.

da relação com os animais concretos. Ainda assim, as suas contribuições estabelecem algumas distinções relevantes para a nossa discussão. Apoiando-se nas observações de Carl Hagenbeck¹⁵ (1844-1913), Jung (1928-30/2014b) identifica uma diferenciação psicológica entre os animais de sangue frio e os animais de sangue quente. Ele entende ser possível estabelecer uma relação emocional recíproca com quase todas as espécies, exceto com os répteis, como os crocodilos, as tartarugas e as serpentes, uma vez que eles se encontram em uma dimensão da psicologia instintiva inacessível aos seres humanos. Segundo Jung, esses animais possuem uma psicologia muito distinta e extremamente arcaica. Por conseguinte, não se pode confiar totalmente neles, pois, além de nós os compreendermos de maneira limitada¹⁶, eles também não parecem possuir uma ideia suficiente sobre os humanos. Isso implica que eles não possuem uma motivação clara para serem verdadeiramente amigáveis conosco ou, alternativamente, para fugirem em resposta ao medo. Além disso, quando surgem nos sonhos, esses animais de sangue frio tendem a simbolizar algum medo terrível encoberto ou até um indicativo de alguma enfermidade orgânica e, portanto, o psicoterapeuta deve estar sempre atento. Um crocodilo, por exemplo, pode representar a voracidade do inconsciente, um perigo escondido no subterrâneo que, de repente, emerge violentamente e arrasta a pessoa para a profundidade, afogando-a. Sobre essa dimensão psicopatológica, Jung (1951/2013d) acrescenta:

Símbolos teriomórficos são muito frequentes nos sonhos e em outras manifestações do inconsciente. Eles expressam o estágio em que se acham os conteúdos designados por eles, ou seja, um estágio de inconsciência, tão distante da consciência humana, quanto à psique de um animal. A este respeito, os vertebrados de sangue quente ou de sangue frio e mesmo os invertebrados das mais variadas espécies revelam, por assim dizer, gradações no estado de inconsciência. É importante que a psicopatologia tenha conhecimento disto, pois tais conteúdos podem desencadear, em qualquer estágio, sintomas de natureza funcional e, conseqüentemente, localizados. Assim é que há formas de sintomas cérebro-espinhais simpáticos (p. 222).

¹⁵ Famoso comerciante e treinador de animais, fundou o zoológico de maior sucesso da Alemanha, o Tierpark Hagenbeck. No entanto, a sua prática de exibição também de humanos, nas exposições etnológicas, é hoje considerada uma desumanidade, o que reflete as mudanças de valores e ética das sociedades ao longo do tempo.

¹⁶ É interessante que, mesmo atualmente, apesar do crescente índice de popularidade dos répteis como animais de estimação, sua utilização como coterapeutas permanece não recomendada, em virtude da ainda insuficiente compreensão humana sobre a maneira como tais espécimes podem interpretar uma sessão de atendimento e, por conseguinte, é difícil avaliar adequadamente o seu bem-estar e os riscos envolvidos (Chelini, 2016).

Contudo, Jung (1928-30/2014b) salienta que, como vestígio de nosso passado evolutivo, restam traços dos animais de sangue frio em nossa própria anatomia, incluindo no sistema nervoso. Bem como, persiste uma outra faceta mais difícil de admitir, isto é, também em nosso âmago humano possuímos algo frio e assustador, capaz de coisas aterrorizantes. Em contrapartida, em relação aos animais de sangue quente, existiria uma certa psicologia semelhante aos humanos, o que permite a conexão e a afinidade emocional. O psiquiatra argumenta, exemplificando, que a diferença entre humanos e macacos não é tão grande quanto já se imaginou antigamente e, respaldado pelas pesquisas de Wolfgang Köhler¹⁷ (1887-1967) com antropoides, reconhece que esses animais exibem características que classifica como “muito humanas”, ainda que não as tenha propriamente citado (p. 316).

Nesse ponto, ao discutirmos sobre os animais de sangue quente, insere-se uma outra diferenciação fundamental que trata dos animais selvagens e dos animais domésticos, particularmente importantes para esta pesquisa. Tanto C.G. Jung, como Von Franz e Barbara Hannah trabalharam com esse tipo de diferenciação nas suas interpretações, inclusive como forma de melhor compreenderem os significados de sonhos, fantasias, imaginação ativa etc. Hannah (2006) afirma que, por exemplo, ao lidar com os animais domesticados, como os cães, gatos e cavalos, lida-se com os instintos que estão mais próximos de nós, instintos com os quais podemos estabelecer uma maior conexão emocional. Enquanto que, do lado oposto, como se fosse uma escala de proximidade, encontram-se animais como os pássaros, répteis e insetos, representando camadas muito mais distantes e profundas dos instintos, ainda que também estejam conectados à nossa psique coletiva humana.

De modo análogo às civilizações ancestrais, Jung (1945/2014a, 1928-30/2014b) compreendeu que os animais, na sua generalidade de espécies, vivem em contato com uma ordem invisível dentro da natureza e, ao contrário dos humanos, cumprem suas próprias leis internas para além do bem e do mal, ou seja, da moralidade. Essa força, contudo, já não impera em todos os animais, visto que os seres domesticados figuram de outro modo:

Nós temos o preconceito cristão contra o animal no homem, mas um animal não é mau, nem tampouco bom. Nós somos maus, o homem é necessariamente mau, porque é tão bom. Só animais domesticados se comportam mal; um animal selvagem nunca se comporta mal, ele segue sua própria lei natural; não existe algo como um bom tigre que só coma maçãs e cenouras! Um animal selvagem é um ser pio e

¹⁷ Psicólogo e um dos principais teóricos da Gestalt. Jung (1928-30/2014b) apoia-se no seu livro *The Mentality of Apes*, publicado em 1925.

obediente à lei que cumpre a vontade de Deus da maneira mais perfeita (Jung, 1928-30/2014b, p. 57).

Refletindo a respeito da consciência na visão psicológica, Jung (1958/2013e) introduz uma potencial explicação teórica para essa distinção entre as categorias de animais, ainda que não realize desenvolvimentos posteriores. Enquanto um fator psíquico autônomo, assim como todo complexo¹⁸, a consciência impõe-se ao sujeito, muitas vezes contrariando seus impulsos imediatos e compelindo-o a tomar decisões que julga necessárias, ainda que desagradáveis. Esse importante fenômeno, contudo, não seria exclusivo aos humanos, como o psiquiatra observa ao afirmar que “os próprios *animais domesticados dos quais dizemos erroneamente não possuem consciência têm complexos e reações morais*¹⁹” (p. 193, grifo nosso). Inicialmente, essa afirmação parece contraditória com a posição anteriormente sustentada, na qual Jung (1945/2014a) expressava que os animais não possuíam consciência. Porém, a diferença é que houve então o acréscimo da especificidade conferida aos animais domesticados e, portanto, inseridos na cultura. Isso implica necessariamente que, se não todos os animais, alguns animais se constituem psiquicamente de um modo muito similar ao humano.

Aliás, de um modo tão semelhante que também os animais domesticados podem sofrer perturbações psicológicas e neuróticas²⁰, em razão de possuírem a capacidade de, por vezes, entrar em conflito com a sua parte inferior e mais instintiva da psique²¹, apresentando até reações morais. Inclusive, ao traçar um paralelo com as manifestações neuróticas em humanos, como, por exemplo, a mudez histérica ou ainda certas alterações de origem psicogênica na maneira das pessoas caminharem, Jung (1928-30/2014b) comenta que:

Isso pode ser visto em cavalos e cães, pois os animais podem se tornar histéricos e terem os mesmos sintomas que os seres humanos.

Uma vez eu vi uma égua que caminhava de modo muito inatural

¹⁸ O termo aparece em Jung (1934/2013f) inicialmente na expressão *complexo de tonalidade afetiva*, o qual indica uma formação psíquica autônoma dotada de forte carga afetiva, que liga entre si representações, pensamentos, lembranças, etc. Há na psique a existência de múltiplos complexos, mais ou menos estáveis, por exemplo, materno, paterno, masculino, feminino, entre muitos outros. Não necessariamente os complexos precisam estar vinculados ao *complexo do eu*, centro do campo da consciência, mas os complexos também se comportam como partes da personalidade ou personalidades parciais (Jung, 1921/2013a; Perrone, 2003).

¹⁹ No próximo tópico, retomamos a questão da consciência para a Psicologia Analítica ao propormos alguns desdobramentos interpretativos na análise da questão da personalidade dos coterapeutas animais.

²⁰ Não surpreende que, na contemporaneidade, a psiquiatria também tenha alcançado os animais de estimação ou, pelo menos, a prática de prescrição de medicamentos desenvolvidos originalmente para uso humano, incluindo fármacos psiquiátricos, como os ansiolíticos e antidepressivos (Vlahos, 2008).

²¹ Tratamos de forma mais aprofundada sobre o funcionamento da psique e a distinção entre uma parte superior e inferior ainda neste capítulo, no tópico “Entre instinto e arquétipo: explorando o simbolismo animal”.

pelos lados dos seus cascos. Todos os animais domesticados devem ter histeria (p. 314).

No estudo de Jung (1958/2013e), a reflexão sobre a consciência tinha como base a sua perspectiva psicológica. Atualmente, vale dizer, persistem debates substanciais na comunidade científica acerca da presença ou ausência de consciência em animais não humanos, uma discussão que vem recebendo crescente atenção no mundo todo. A complexidade dessa problemática reside, em parte, na própria definição do conceito de "consciência", o qual, dependendo da área do conhecimento e da abordagem teórica adotada, pode apresentar dificuldades em ser precisamente delimitado, dificultando assim a obtenção de um consenso entre os diversos pesquisadores. Outra dificuldade está relacionada à falta de um método confiável para determinar se um algum animal não humano possui estados mentais conscientes. Segundo Barcellos (2022), essa questão é denominada na literatura como "o problema da mensuração da consciência animal" (p. 14). No entanto, têm surgido iniciativas para abordar essa problemática, como o próprio trabalho de Barcellos, que propõe uma análise e resolução deste problema por meio da integração de evidências empíricas e ferramentas filosóficas. Apesar desses esforços, ainda não há consenso científico definitivo, e o tema continua a ser objeto de intensa investigação e desenvolvimento.

Por fim, do ponto de vista psicológico, é interessante uma última diferenciação, desta vez acerca da psicologia dos homens e das mulheres em relação à sua própria animalidade. Jung (1989/2014c)²² admite que, sendo ele um homem, há uma limitação inerente à sua capacidade de oferecer uma análise inequívoca sobre a mulher; no entanto, observa que as mulheres apresentam uma atitude peculiar em relação à natureza, caracterizada por uma confiança muito mais substancial do que aquela evidenciada pelos homens. Essa confiança estaria sustentada por um "princípio de unidade"²³ que permeia todos os processos psicológicos femininos, em contraste com os homens, cuja tendência é buscar o oposto, o "princípio da discriminação". Por conseguinte, no inconsciente das mulheres parece haver uma fusão do humano com o animal. Embora os homens também possuam uma semelhança animal pronunciada, ela tem um caráter muito mais psicológico nas mulheres. Nesse sentido, "a animalidade delas contém espiritualidade, ao passo que no homem é apenas algo bruto.

²² Os textos dos Seminários foram apresentados em 1925, porém só em 1989 foram finalmente publicados.

²³ Não podemos deixar de associar essa ideia com o fascínio de Nise da Silveira (2020) pelo tema da "unidade de toda a natureza", conforme explicitado no primeiro capítulo, e o seu profundo interesse pelos animais, ao ponto de identificar-se com vários deles. Bem como, chama a nossa atenção a quantidade de autoras junguianas mulheres que se interessaram pelos animais, como Von Franz, Barbarah Hannah, Helen Bachmann e outras tantas. E, por último, obviamente, também o interesse da própria autora desta dissertação.

O lado animal da mulher é provavelmente como aquele que encontraríamos num animal como o cavalo, se pudéssemos ver esse animal a partir de seu interior” (p. 153). No caso, se os homens pudessem ver, dado que, por não possuírem a mesma animalidade psíquica no inconsciente do que as mulheres, a perspectiva masculina do animal é normalmente exterior.

Assim, em resumo, viemos explorando diferentes concepções sobre as proximidades e os distanciamentos entre os animais e os humanos, bem como os impactos dessas visões em nossa forma de nos relacionar com os diferentes seres com os quais compartilhamos o planeta. Em nossa análise, portanto, entendemos que a abordagem da Psicologia Analítica oferece uma possibilidade de leitura na qual os animais domesticados figuram como uma ponte naquilo que, de certa forma, se constitui como fronteira psicológica entre os seres humanos e os animais de sangue frio e/ou os selvagens.

2.2 Intervenções terapêuticas mediadas por animais: contextualização

As práticas terapêuticas que envolvem animais em tratamentos de seres humanos são contemporaneamente designadas por diversas terminologias, tais como Mediação Animal, Pet-terapia, Zooterapia e, mais recentemente, Terapia Assistida por Animais (TAA) (Teixeira, 2016). No entanto, não há um consenso estabelecido em relação ao momento e/ou local em que foram inicialmente observados os benefícios terapêuticos na relação entre seres humanos e animais, que servissem de fundamento para o desenvolvimento de modalidades de tratamento. Podemos citar, dentre vários exemplos, o papel significativo dos cães no contexto do culto a Asclépio, também conhecido como Esculápio, na Grécia Antiga, não apenas figurando como símbolos de cura e proteção, mas também como parceiros concretos e auxiliares no processo de tratamento. Nos templos e santuários dedicados a esse deus da Medicina, os cães eram encorajados e treinados para lamberem as feridas dos visitantes, proporcionando a cura por meio de suas lambidas (Hannah, 2006; Rocha et al., 2016). No caso dos cavalos, há alguns registros históricos indicando que Hipócrates, considerado o pai da Medicina, já recomendava a prática equestre como forma de promover a regeneração da saúde humana (Severo & Severo, 2010; Silva et al., 2018).

Todavia, considerando uma utilização mais deliberada e organizada dos animais em instituições de saúde, destacam-se exemplos notáveis, como o de William Tuke (1732-1822) do York Retreat, que utilizava animais de fazenda no tratamento de pessoas com doenças mentais, na Inglaterra do fim do século XVIII e início do XIX, e o do Hospital Bethel, na Alemanha, que empregava cães, gatos e pássaros no tratamento de indivíduos com epilepsia

e, mais tarde, para pessoas com outros diversos problemas tanto físicos como mentais. Além disso, durante a Segunda Guerra Mundial, a Força Aérea dos Estados Unidos da América também utilizava cães e cavalos para reabilitar soldados nas chamadas fazendas terapêuticas (Rocha et al., 2016; Silva et al., 2021; Teixeira, 2016).

Com relação às investigações científicas concernentes às intervenções terapêuticas mediadas por animais, destacam-se os estudos conduzidos pelo psiquiatra infantil Boris Levinson, nos Estados Unidos da década de 1960, que introduziu a prática conhecida como Pet-Terapia. Levinson notou que seu cão, Jingles, estabelecia uma comunicação mais eficaz do que ele próprio com um dos seus pacientes, um menino com graves dificuldades de socialização. A partir dessas observações, Levinson iniciou uma série de investigações e defendeu a utilização de animais na psicoterapia, especialmente em casos de autismo infantil. Outros proeminentes estudiosos interessados na utilização de cães incluem o casal de psiquiatras Samuel Corson e Elizabeth Corson, cujas pesquisas sobre o emprego desses animais na psicoterapia, realizadas na década de 1970 na Universidade de Ohio, obtiveram resultados notáveis no tratamento de pacientes psiquiátricos (Rocha et al., 2016; Silva et al., 2021; Teixeira, 2016).

No contexto brasileiro, destaca-se o pioneirismo²⁴ de Nise da Silveira, que, em 1955, no antigo Hospital Psiquiátrico Pedro II, observou melhorias em um cliente após atribuir-lhe os cuidados de uma cadela. Esse episódio motivou seu interesse e investigação sobre a relação entre os clientes e os animais, tema que posteriormente promoveu uma troca de interações da psiquiatra com os pesquisadores norte-americanos supracitados, Boris Levinson e Samuel Corson (Silveira, 1992, 2015).

Atualmente, no mundo todo, existe grande variedade de práticas de TAA e são predominantemente conduzidas por profissionais da área da saúde e/ou educação (Mandrá et al., 2019). Há diversas evidências dos benefícios da convivência com animais para a saúde física e psicológica humana, por exemplo, maior taxa de sobrevivência a ataques cardíacos, melhorias em quadros depressivos, bem como um aumento no autocontrole e na regulação das emoções. Além disso, estudos indicam a redução da pressão arterial, da frequência cardíaca e dos níveis de cortisol, juntamente com um aumento nas concentrações de ocitocina, entre outras vantagens (Vasconcellos, 2016).

As intervenções em TAA são implementadas em uma variedade de contextos, incluindo instituições para cuidado de idosos, ambientes hospitalares, clínicas de

²⁴ Conforme detalhado no primeiro capítulo desta dissertação.

reabilitação, estabelecimentos escolares, universidades, domicílios particulares e, no caso dos cavalos, principalmente em centros de equoterapia (Mandr  et al., 2019). O cavalo   o segundo animal mais utilizado em TAA, atrás apenas dos cães, sendo especialmente indicado na reabilita o física de diversos diagnósticos, na melhoria de fun es neuromotoras e na consciência corporal. No âmbito psicológico, os benefícios mais relatados são a diminui o da ansiedade e a melhoria na intera o social. O cavalo   também o principal animal mediador no tratamento do Transtorno do Espectro Autista (TEA), proporcionando ganhos para a habilidade comunicativa e a sociabilidade, além de contribuir para a redu o da irritabilidade e da hiperatividade associadas a essa condi o (Zamo & Trentini, 2016).

Enquanto uma prática específica dentro da TAA, a Terapia Assistida por Cavalos (TAC)   um termo genérico que abrange uma variedade de interven es que se utilizam desses animais como parceiros no processo terapêutico. Essas interven es podem incluir atividades como visita, montaria, intera es diretas no solo, cuidados básicos como escova o, alimenta o e manejo dos animais. No Brasil, a equoterapia²⁵ representa o exemplo mais proeminente de Terapia Assistida por Cavalos (TAC), sendo uma designa o tão amplamente difundida que passou a ser empregada corriqueiramente para descrever qualquer forma de terapia que incorpore cavalos, entretanto,   importante salientar que a equoterapia constitui uma modalidade terapêutica específica, adotando um padrão próprio. A equoterapia consiste, portanto, na utiliza o de cavalos em uma proposta terapêutica visando o desenvolvimento biopsicossocial, sobretudo de pessoas com deficiência ou com necessidades especiais (ANDE-Brasil, 2008). Inclusive, a equoterapia foi regulamentada pela Lei Federal n  13.830 (2019), que condiciona a indica o deste tipo de tratamento ao parecer favorável de avalia o médica, psicológica e fisioterápica, dispondo ainda que a equipe mínima de atendimento deva incluir psicólogo, fisioterapeuta e equitador.

Após essa breve incursão hist rica, fica evidenciada que a utiliza o de animais como um elemento terapêutico no tratamento de humanos não   uma prática recente e, nas últimas décadas, vem alcançando uma expansão significativa, inclusive gerando a implementa o de regulamenta es, como no caso da equoterapia. Tendo isso em vista, entendemos que

²⁵ Termo cunhado pela Associa o Nacional de Equoterapia (ANDE-Brasil), fundada em 10 de maio de 1989. A equoterapia   reconhecida como método terapêutico pelo Conselho Federal de Medicina (CFM) desde 1997 e como recurso terapêutico pelo Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO) desde 2008.

cabe à Psicologia definir a sua compreensão da utilização de animais e, portanto, é necessário pensar sobre o emprego deles na função como coterapeutas.

2.3 Reflexões acerca dos animais na função de coterapeutas

O termo "coterapeuta" ganhou ampla popularidade para designar todos os animais que atuam em intervenções terapêuticas, uma nomenclatura que já era empregada por Boris Levinson e que também foi adotada por Nise da Silveira. Segundo as observações de Ramos et al. (2016), a denominação de um animal como coterapeuta não implica, porém, na coincidência exata com o sentido convencional da terminologia. Geralmente, entende-se por coterapeuta um outro colega profissional humano que colabora de forma intencional, visando os mesmos propósitos terapêuticos. Já no caso dos animais, eles costumam assumir a posição de coterapeutas ao funcionarem como facilitadores em processos terapêuticos. De todo modo, de acordo com os autores, importa destacar que essa dinâmica facilitadora não é de natureza miraculosa; logo, é importante que o terapeuta adote uma postura crítica e, em sua abordagem psicológica, busque compreender, adotar e desenvolver uma fundamentação teórica que embase e justifique a utilização de animais.

Na concepção²⁶ de Nise da Silveira (1992, 2015), o termo coterapeuta era atribuído inicialmente aos monitores humanos de sua equipe, indivíduos que deveriam proporcionar uma presença constante, confiável e interessada, sem intervir nas expressões criativas dos clientes. A intenção subjacente era oferecer a essas pessoas um ponto de ancoragem sobre o qual elas pudessem investir afeto e criar vínculos. Embora tenha instruído e capacitado os humanos para desempenhar tal função, a psiquiatra observou que os animais, e até mesmo as plantas, naturalmente desempenhavam esse papel, atuando como catalisadores afetivos para diversos clientes, inclusive para alguns considerados graves e outros que não haviam antes se conectado suficientemente aos monitores humanos.

No *corpus* da obra C.G. Jung não se encontram comentários sobre o emprego de animais como coterapeutas. Uma curiosidade, entretanto, aparece em um registro biográfico relatado por Hannah (2022), evidenciando que durante a sua prática clínica Jung pode ter tido a companhia de seu cão de estimação, um exemplar da raça schnauzer denominado Joggi. A autora relata que, por ocasião de sua primeira entrevista com Jung, este a recebeu na sala de espera na companhia do cachorro. Ela afirma que Joggi foi um companheiro leal

²⁶ Ver primeiro capítulo desta dissertação.

de Jung por um longo período, e infere que o cão deveria estar acostumado a ter suas próprias impressões sobre as pessoas que iam ver o psiquiatra suíço. É claro que isso não significa que o animal fosse de alguma forma utilizado no trabalho, mas Hannah também comenta sobre o intenso amor de Jung pelos animais e pela natureza em geral, chegando ao ponto de afirmar que ele depositava maior confiança neles do que nas pessoas.

Ainda que Von Franz (2021) também não tenha escrito especificamente sobre o tema, destaca-se uma interessante experiência relatada sobre o atendimento de um paciente do tipo²⁷ intuitivo extrovertido. Indivíduos dessa tipologia tendem a negligenciar as suas demandas corporais, uma vez que a sua função sensação inferior introvertida se manifesta de forma lenta, embrutecida e desconectada do ambiente externo, frequentemente adquirindo até conotações místicas. O paciente em questão era um empresário bem-sucedido que começou a manifestar sintomas psicogênicos tanto físicos como compulsivos, motivando-o a buscar a psicoterapia. Em seus sonhos, o paciente repetidamente se deparava com a imagem de um vagabundo sujo e mal-humorado. Através da técnica da imaginação ativa²⁸, o vagabundo comunicou ao paciente a necessidade de realizar caminhadas semanais pelo campo, com a promessa de estabelecer diálogos durante esses momentos. A terapeuta estimulou que o paciente aderisse rigorosamente a essa instrução, o que resultou em experiências transformadoras durante seus encontros com a natureza, levando-o a um estado de maior serenidade e introspecção, e conseqüentemente, à remissão dos sintomas físicos.

Em uma nova consulta ao vagabundo, esse assegurou ao paciente que permaneceria livre de sintomas desde que continuasse a realizar suas caminhadas solitárias e a interagir com ele. Entretanto, devido à sua residência em um país distinto do de Von Franz, o paciente, após constatar sua melhora, retornou às suas antigas atividades empresariais. O aumento das responsabilidades profissionais o impediu de manter os passeios na natureza, culminando na recorrência dos sintomas físicos. Diante desse cenário, o paciente optou por retomar não apenas suas caminhadas, mas também consolidou essa decisão adquirindo uma pequena propriedade rural, onde mantinha um cavalo:

[...] uma tarde por semana cuidava do cavalo, com uma devoção que só poderíamos chamar de religiosa. Limpava o cavalo, lavava-o e

²⁷ Segundo Jung (1921/2013a), “tipo é um modelo característico de uma atitude geral que se manifesta em muitas formas individuais [...] sobretudo pelas quatro funções psicológicas básicas: pensamento, sentimento, intuição e sensação. Quando uma dessas atitudes é habitual e imprime ao caráter do indivíduo um cunho determinado, falo então de um tipo psicológico [...]. Outra divisão em duas classes é autorizada pelo movimento dominante da libido, isto é, a introversão e a extroversão” (pp. 493-494).

²⁸ Na imaginação ativa “o material é produzido em estado consciente, sua estrutura é bem mais completa do que na linguagem precária dos sonhos” (Jung, 1935/2017, p. 135).

escovava, cuidava dele, e o cavalo era seu amigo. Todas as semanas, como em um ritual, ele ia visitar o cavalo, montava nele e cuidava dele. A partir de então ele teve paz, e não tenho recebido muitas notícias suas. Estou certa que muitas coisas estão acontecendo internamente por causa do cavalo, mas ele não tem escrito, a não ser cartões de Natal, dizendo que está bem – e manda fotografias do cavalo! (p. 122).

Na interpretação psicológica de Von Franz (2021), a função sensação introvertida, negligenciada pelo paciente em questão, emergia exteriormente sob a forma do cavalo. A atenção dispensada ao cuidado do equino assumia, para aquele homem, o significado de atender às necessidades de sua própria constituição física e instintiva. Apesar de saber que o cavalo era um símbolo do inconsciente, o paciente não podia se satisfazer apenas com essa compreensão abstrata; ele necessitava cuidar do cavalo concreto. Essa tarefa se revelou como um verdadeiro desafio, conforme narrado pela autora:

No início, teve uma série de pequenos acidentes, porque era extremamente incapaz nas questões da sensação, de modo que fraturou vários ossos, um depois do outro, casos de pequena importância – a clavícula e coisas desse tipo –, até que foi capaz de, efetivamente, cuidar adequadamente do cavalo, porque ele não sabia lidar com as questões da sensação [...] (p. 123).

Em nossa análise, embora a autora não tenha explicitamente rotulado o papel do animal, parece-nos pertinente considerá-lo um caso paradigmático. Afinal, o exemplo ilustra a capacidade de um cavalo em assumir a função de coterapeuta, uma vez que a presença dele colaborou na continuidade do processo terapêutico do paciente, inaugurando um precedente dentro da abordagem da Psicologia Analítica. Outro dado relevante é que os dois, homem e cavalo, entravam em contato apenas uma vez por semana, sendo o suficiente para a obtenção e manutenção de resultados psicológicos benéficos. Além disso, o equino também se tornou um amigo do paciente, evidenciando assim a importância da natureza afetiva dessa relação. E, por fim, destaca-se o aspecto instintivo, revelado pela maneira como os sintomas indicavam o desmazelo do paciente em relação ao próprio corpo. Nesse contexto, o ato de cuidar do corpo do cavalo simbolizava um processo de aprendizado sobre como cuidar melhor de si mesmo, demonstrando assim uma possibilidade prática de utilização do animal em uma ação terapêutica. É evidente que foi uma solução singular para aquele paciente

específico, mas que pode servir de inspiração para outros casos semelhantes, bem como para possíveis variações.

Outrossim, como discutido anteriormente, Von Franz (1990) e Nise da Silveira (1992, 2015) mencionam as projeções como componentes da relação entre seres humanos e animais. Projeção implica transferir processos subjetivos para um objeto externo (Jung, 1921/2013a, 1935/2017), isto é, nesse caso, significa que conteúdos subjetivos são retirados dos sujeitos e atribuídos aos animais. Ao pensarmos o termo “coterapeuta”, não podemos deixar de remetê-lo à sua forma original e não prefixada, “terapeuta”, e é importante lembrar que o processo terapêutico também pode ser permeado por projeções, tanto por parte do paciente quanto pelo terapeuta, respectivamente denominadas como transferência e contratransferência. A transferência é um mecanismo inconsciente, de natureza emocional e compulsória, que geralmente ocorre entre dois indivíduos, por exemplo, a projeção da imagem paterna ou materna do paciente sobre o terapeuta. Assim, a emoção dos conteúdos projetados estabelece uma relação dinâmica entre sujeito e objeto, a transferência em si, podendo ser tanto positiva quanto negativa. Por outro lado, o terapeuta pode sofrer o impacto dessas projeções e se contagiar com as emoções do paciente, respondendo com uma projeção mútua, a que se denomina contratransferência. Embora a transferência ocorra principalmente entre duas pessoas, Jung (1935/2017) observa que seus mecanismos mais amplos – embora não especificados – podem se estender até mesmo a objetos físicos. Consequentemente, é plausível considerar que aspectos da transferência²⁹ também possam se manifestar na relação entre pacientes e coterapeutas animais, de modo que o terapeuta humano deverá estar atento.

Outro aspecto a ser ponderado é que, geralmente, tende-se a agrupar os coterapeutas animais dentro de suas respectivas espécies, ou seja, os pesquisadores referem-se aos cães, gatos, cavalos, entre outros, passando-nos a impressão de uma categoria homogênea. No entanto, é pertinente questionar as singularidades dos indivíduos dentro de cada categoria. Aqueles que convivem com animais reconhecem facilmente que existem características gerais, mas também percebem variações muito marcantes entre um indivíduo e outro. Na equoterapia, por exemplo, chama-nos a atenção certos requisitos para a escolha de um cavalo adequado. Levando em conta os riscos envolvidos, é evidente a pertinência de uma avaliação do comportamento geral e das características do animal. Contudo, para além dos atributos desejáveis mais óbvios – como ser obediente, tolerante e dócil –, autores como Severo e

²⁹ No caso dos coterapeutas animais, ainda que tendam a demonstrar comportamentos diferentes em relação a cada pessoa atendida, não podemos sustentar a presença de contratransferência. Afinal, teríamos que garantir a capacidade desses animais de reagir projetando seus próprios conteúdos inconscientes nos pacientes.

Amorim (2010) descrevem também outros predicados mais elaborados, tais como: ter “bom temperamento”, ser “conectado ao processo terapêutico”, ter “desenvolvimento físico e psíquico”, um animal que “engaja-se física e psiquicamente durante o trabalho”, “controla as reações instintivas”, possua “sanidade” etc. (p. 81). De modo semelhante, além de mencionarem a necessidade do cavalo ser dócil e manso, Cunha et al. (2016) reforçam que o animal deve ter “uma boa índole” (p. 179). Assim, fica claro que há diferenças individuais relevantes, concomitante à necessidade de uma concepção psicológica a esse respeito. Conforme Wohlleben (2019):

[...] os animais são apenas máquinas vivas funcionando no piloto automático? Se os animais funcionassem apenas de acordo com uma programação genética fixa, todos os exemplares de uma espécie reagiriam da mesma maneira à mesma situação. Um hormônio seria liberado e provocaria o comportamento instintivo correspondente. Mas não é assim que funciona, o que é fácil de perceber observando os animais domésticos. Existem cães corajosos e cães medrosos, gatos ariscos e gatos dóceis, cavalos chucros e cavalos mansos. O caráter de cada animal se desenvolve a partir de sua predisposição genética individual, mas também, em grande parte, por influência do ambiente, ou suas experiências de vida (p. 61).

De um ponto de vista psicológico, entendemos que essas constatações empíricas na lida com os animais podem ser aprofundadas, de modo a assumir relevância teórica que auxilie na observação dos efeitos da atuação dos diferentes coterapeutas animais, ainda que eles pertençam à mesma espécie. Parece-nos pertinente estabelecer o seguinte paralelo com o contexto humano: ao discutir sobre a generalidade dos terapeutas, inclusive os que compartilham de mesma abordagem teórica, Jung (1929/2013g) destaca que o tratamento psicológico se desenvolve a partir do encontro entre duas realidades altamente particulares, a do terapeuta e a do paciente, que trazem consigo não só a consciência, mas também uma vasta esfera de inconsciência. E acrescenta:

Esta é a razão por que muitas vezes a personalidade do médico (como também a do paciente) é infinitamente mais importante para um tratamento psíquico do que aquilo que o médico diz ou pensa, ainda que isso não possa ser menosprezado como fator de perturbação ou de cura. O encontro entre duas personalidades é

como a mistura de duas substâncias químicas diferentes: no caso de se dar uma reação, ambas se transformam (p. 85).

De acordo com Jung (1932/2013h), não é uma tarefa fácil definir o conceito de personalidade, geralmente permanecendo algo vago e/ou insuficiente. No entanto, podemos considerar que a personalidade é “a realização máxima da índole inata e específica de um ser vivo em particular” (p. 182). O desenvolvimento da personalidade é um processo contínuo ao longo da vida, exigindo a totalidade da existência de um indivíduo, englobando seus aspectos biológicos, sociais e psíquicos. Desde a primeira infância, a personalidade se encontra latente e se manifesta por meio de uma necessidade natural, instintiva, sendo moldada tanto por eventos internos quanto externos ao sujeito. Tendo isso em vista, sob a lente da Psicologia Analítica, poderíamos dizer que os animais, ao menos os domesticados, possuem personalidade?

Na frase acima, a menção a “ser vivo” abre brecha para pensarmos. Partindo da consideração de que os animais domesticados possuem consciência e complexos (Jung, 1958/2013e), antes precisamos compreender que por consciência se entende a referência dos conteúdos psíquicos ao eu, isto é, “a consciência é a função ou atividade que mantém a relação dos conteúdos psíquicos ao eu” (Jung, 1921/2013a, p. 440). Por sua vez, o próprio eu “é um aglomerado de conteúdos altamente dotados de energia e, assim, quase não há diferença ao falarmos de complexos e do complexo do eu” (Jung, 1935/2017, p. 61). Isso tudo significa que o complexo do eu é o centro do campo da consciência e é formado por um aglomerado de associações, funcionando como o ponto de referência para um senso de identidade individual. Desse modo, o complexo do eu é também parte fundamental da personalidade. Além disso, o complexo do eu não é estático, e pode ser influenciado por vários fatores, incluindo outros complexos, que também formam personalidades parciais ou fragmentárias. Compreender e integrar os complexos é essencial para o desenvolvimento saudável da personalidade e, por conseguinte, da totalidade do ser humano, dentro do processo de individuação³⁰ (Jung, 1921/2013a, 1935/2017; Perrone, 2003).

No âmbito dos animais domésticos, apesar da afirmação de Jung (1958/2013e) acerca da consciência deles, é muito difícil avaliar o grau de sofisticação da mesma, bem como a

³⁰ Jung (1921/2013a) define: “A individuação, em geral, é o processo de formação e particularização do ser individual e, em especial, é o desenvolvimento do indivíduo psicológico como ser distinto do conjunto, da psicologia coletiva. É, portanto, um *processo de diferenciação* que objetiva o desenvolvimento da personalidade individual. É uma necessidade natural [...]” (p. 467, grifo do autor).

sua variação de espécie para espécie e de indivíduo para indivíduo³¹. Essa avaliação é complicada mesmo entre os humanos, afinal a consciência também é relativa, “pois abrange não somente a consciência como tal, mas toda uma escala de intensidade da consciência. Entre o ‘eu faço’ e o ‘eu estou consciente daquilo que faço’ há não só uma distância imensa, mas algumas vezes até mesmo uma contradição aberta” (Jung, 1946/2013i, p. 135). Porém, dada a discussão acima, compreendemos haver elementos similares suficientes para sustentar que, de maneira análoga à formação da personalidade humana, os animais domesticados podem alcançar diferenciações individuais que os retiram de uma psicologia estritamente coletiva e que podemos classificar como uma forma de personalidade, embora não caiba comparação com o desenvolvimento encontrado em seres humanos adultos e psicologicamente maduros. Por conseguinte, essa interpretação impacta diretamente a maneira como podemos pensar a relação entre um coterapeuta animal e o paciente. Trata-se, portanto, não apenas do encontro entre duas personalidades que mutuamente se afetam e podem se transformar, mas também aquilo que um animal específico é pode ser igualmente um fator importante no processo de cura ou causa de perturbação.

Ademais, a constituição de um complexo denota uma significativa carga afetiva que interliga representações, pensamentos e memórias (Jung, 1934/2013f). Inclusive, às vezes, possui até um “caráter traumático, outras apenas doloroso e altamente acentuado”, que, de todo modo, “tem a tendência de formar, também por conta própria, uma pequena personalidade” (Jung, 1935/2017, p. 60). Entendemos que a vida dos animais é marcada por diversas experiências, muitas das quais desagradáveis. De fato, segundo Wohlleben (2019), a “maioria dos animais usados pelos humanos leva uma vida indigna” (p. 221), sendo considerados meros fornecedores de matérias-primas ou exploráveis trabalhadores com os quais não precisamos prestar contas. Portanto, é imperativo que prestemos atenção não apenas ao histórico de vida dos animais coterapeutas para compreender a formação de seus complexos e as suas manifestações de personalidade, mas também para garantir o seu bem-estar e a sua saúde física e psicológica, que sem dúvida podem influenciar as suas relações com os pacientes.

Por essa razão, é bastante pertinente considerarmos o caminho da ética ecológica, conforme delineada por Boff (2008). De acordo com o referido autor, a ética vigente na

³¹ Ademais, conforme indicado por Barcellos (2022), um dos maiores desafios científicos contemporâneos consiste no *problema da distribuição*, o qual investiga até que ponto a consciência se estende ao longo da árvore filogenética, questionando se, de fato, ela transcende a esfera humana. E, por outro lado, o *problema da mensuração*, que busca determinar qual método seria apropriado para atribuir consciência aos animais.

sociedade ocidental contemporânea mantém uma orientação utilitarista e antropocêntrica. O ser humano, nesse contexto, concebe que tudo no mundo está subordinado a seus interesses, assumindo-se como o seu senhor e controlador. A natureza é percebida como um recurso a ser explorado para satisfazer suas necessidades, enquanto a subjetividade e os direitos dos demais seres não humanos são sumariamente desconsiderados. No entanto, a humanidade é intrinsecamente parte da natureza, o que fundamenta a proposição de uma ética ecocêntrica. Essa perspectiva implica em uma responsabilidade ilimitada em relação a todas as formas de vida e existência, baseada “no respeito à alteridade, na acolhida das diferenças, na solidariedade e na potenciação da singularidade” (p. 48), visando assim estabelecer um compromisso genuíno com os demais seres da natureza, a qual integramos.

Nesse sentido, Cintra (2021) adverte que no contato direto com os animais concretos é crucial se esforçar para contemplar e acatar o ponto de vista deles, a fim de proporcionar-lhes condições para o bem-estar. Ainda que bem intencionada, a aplicação excessiva de antropomorfismo na prática do cuidado do animal pode representar uma ameaça significativa para esses seres. Por exemplo, ao atribuir demasiadamente características humanas a um cavalo e negligenciar a sua natureza instintiva singular, há o risco de perturbar a sua integridade ecológica. Essa atitude pode resultar também na perda de referência do ambiente equestre pelo animal, deixando-o desorientado e doente, posto que estará desconectado de seus instintos³². Por outro lado, utilizando-se de exemplos de atividades conjuntas entre cavalos e lenhadores e também entre cães e pastores, Wohlleben (2019) observa que os animais podem realmente demonstrar querer participar dos trabalhos e compartilhar da companhia humana, apontando que nesses casos podem ser estabelecidas verdadeiras parcerias humano-animal, benéficas e satisfatórias para os dois lados.

2.4 Entre instinto e arquétipo: explorando o simbolismo animal

Tendo em vista a abrangência do tema dos animais e a variedade de perspectivas que o mesmo suscita, consideramos conveniente a abordagem³³ adotada por Hannah (2006), pois o objetivo central do seu estudo é a exploração do significado psicológico dos animais, incluindo o modo como eles afetam os humanos e a maneira como podemos interpretá-los quando esses seres surgem em nossos sonhos, imaginação ativa, etc. Para tal análise, a autora se fundamenta nos conceitos de instinto e arquétipo, conforme delineados por C.G. Jung.

³² Algo que também pode acontecer com os seres humanos, como abordaremos no próximo tópico.

³³ Desenvolvida em palestras dadas pela autora no Instituto C.G. Jung, em Zurique, entre os anos 1954-1958.

Primeiramente, é preciso compreender que, ao longo de sua trajetória histórica, a humanidade caminhou em direção ao desenvolvimento da consciência e, de diferentes modos e intensidades, os seres humanos experimentaram a necessidade de irem se desprendendo da compulsão dos instintos, em prol de dispor de maior energia psíquica para aplicar em atos de sua vontade³⁴, alcançando assim melhor adaptação à vida em sociedade (Silveira, 1992; Jung, 1919/2013j).

Jung define que os instintos são: “[...] *formas típicas de comportamento, e todas as vezes que nos deparamos com formas de reação que se repetem de maneira uniforme e regular, trata-se de um instinto, quer esteja associado a um motivo consciente ou não*” (1919/2013j, p. 79, grifo do autor). Os instintos se caracterizam, portanto, por serem impulsos para agir dentro de uma tendência geral, de modo que é necessário considerar um outro fator indissociável, os arquétipos, pois “do mesmo modo como a apreensão consciente imprime forma e finalidade ao nosso comportamento, assim também *a apreensão inconsciente determina a forma e a destinação do instinto, graças ao arquétipo*” (p. 80, grifo nosso). Nise da Silveira (1992) sintetiza essa relação ao empregar o termo instinto para referir-se às “formas herdadas de *atividade*” e arquétipo para as “disposições para configurar as *imagens* que lhe dão sentido” (p. 119, grifo nosso).

Essa distinção entre instinto e arquétipo, conforme Jung (1919/2013j), serve como estratégia didática para facilitar o nosso entendimento, porém, em última análise, um condiciona o outro e, possivelmente, constituem uma e a mesma coisa. Seja como for, os instintos e os arquétipos compõem o que o psiquiatra denominou como o inconsciente coletivo, posto que caracterizado por conteúdos universalmente compartilhados e uniformes, em contraste com o inconsciente pessoal, que consiste em conteúdos individuais, mais ou menos únicos. Compreende-se os arquétipos, então, como reguladores das forças instintivas, e as imagens arquetípicas como representações simbólicas desses padrões. Elas sintetizam as experiências mais significativas da humanidade, manifestando-se em uma variedade de formas, à medida da necessidade de adaptação consciente em um dado contexto histórico e cultural (Jung, 1928/2013k).

É pertinente observar, portanto, que Jung (1946/2013i) estabelece, seguindo o exemplo de Pierre Janet (1859-1947), a existência de uma parte inferior e uma parte superior da psique. A inferior é de caráter compulsivo, possuindo um aspecto notadamente mais

³⁴ De acordo com Jung (1921/2013a): “Considero a vontade como a soma de energia à disposição da consciência. [...] A vontade é um fenômeno psicológico que deve sua existência à cultura e à educação moral [...]” (p. 494).

fisiológico. E a superior, de fato sentida como psíquica, perde o caráter puramente impulsivo e possibilita o controle pela vontade do sujeito. Vontade que, aliás, pode agir até mesmo contrariamente ao instinto originário. A condição humana está, assim, simultaneamente motivada interiormente para a ação, mas também provida da capacidade de apreender e refletir, e daí a liberdade de escolha. De tal modo que:

Os processos psíquicos, portanto, se comportam como uma escala ao longo da qual "desliza" a consciência. Às vezes a consciência se acha na proximidade dos processos instintivos, e cai sob sua influência; outras vezes ela se aproxima do outro extremo onde o espírito predomina e até mesmo assimila os processos instintivos opostos a ele (Jung, 1946/2013i, pp. 156-157).

Nesse sentido, de acordo com Jung (1946/2013i), podemos pensar em uma analogia com o espectro de luz, cujas ondas eletromagnéticas possuem frequências localizadas entre o infravermelho e o ultravioleta. A relação entre instinto e arquétipo se assemelha, portanto, a um deslizar da consciência entre essas faixas opostas, de maneira que a apreensão da realidade dos instintos em uma extremidade só pode ser alcançada por meio da assimilação da imagem arquetípica na outra. Constitui-se um risco significativo, porém, quando se vivencia de forma radicalmente unilateral qualquer uma das oposições, pois podem provocar sérios desequilíbrios energéticos no sistema psíquico. Por exemplo, a imersão na esfera dos instintos, representada pelo extremo da faixa vermelha, resulta na incapacidade de qualquer elaboração ou expansão da consciência, uma vez que estaríamos agindo de forma cega e compulsiva. Por outro lado, quando a consciência se opõe demasiadamente aos instintos, por uma influência exagerada dos arquétipos na extremidade violeta, provoca uma desconexão com as experiências mais básicas e naturais da vida e do próprio corpo, deixando-nos totalmente desorientados. Excetuando-se talvez situações extremamente racionais, quase nada pode ser feito sem alguma ajuda de nossos instintos. Segundo Von Franz (2021), o ideal seria manter majoritariamente a posição intermediária entre os dois polos extremos. A extremidade dos opostos gera aberrações, inclusive coletivas, exemplificadas nos fenômenos de massa em que, na faixa infravermelha, produzem violentas explosões emocionais, enquanto na faixa ultravioleta, geram o fanatismo ideológico, político e religioso. O ponto ótimo intermediário é o que viabiliza a preservação da consciência e da liberdade individual.

Dada a complexa trama de projeções e identificações que envolvem os seres humanos na sua relação com os animais, do ponto de vista da psicologia de C.G. Jung, nós não apenas compartilhamos do mesmo substrato instintivo animal, mas também os animais geralmente

simbolizam esses instintos presentes nos humanos. Todo o processo cultural civilizatório se empenhou na repressão progressiva do que há de animal em nós, de modo que, segundo Hannah (2006), por mais úteis que os animais concretos possam ser como exemplos vivos de seres que cumprem mais perfeitamente o padrão que lhes é inerente³⁵, para podermos tentar entender algo sobre o significado deles e, por extensão, o significado de nossas próprias vidas, é produtivo apreender o que o inconsciente coletivo através das imagens arquetípicas pode nos revelar. Em suas palavras:

Por favor, não me interpretem muito literalmente quando sugiro que encontraremos o animal real – e o instinto cego que ele representa como tal em nós – no extremo infravermelho desta escala, enquanto encontramos sua imagem arquetípica no ultravioleta. Mas penso que essa maneira de pensar sobre os animais, instinto e arquétipo, nos ajuda bastante na tentativa de compreender o nosso difícil tema³⁶ (p. 16, tradução nossa).

Ademais, o exercício de nos confrontarmos com os instintos e os arquétipos configura-se como uma questão ética essencial em nossa relação com os animais e com nós mesmos. Sob esse ângulo, lidar com os instintos implica em aceitá-los como parte inalienável de nossa condição biológica, mas sem ter que sucumbir à compulsão instintiva. Para tal, é imprescindível o outro extremo, a confrontação com os arquétipos, acolhendo esses aspectos instintivos em nossa humanidade e, assim, recolhendo as projeções (Jung, 1928/2013k; Silveira, 1992). Consequentemente:

Se o indivíduo atingir nível de diferenciação de consciência que lhe permita *recolher as projeções de seus próprios instintos, desordenadamente lançados sobre animais externos*, e for capaz de confrontar repetidamente essas projeções, e mais, livre de arrogante presunção, conseguir integrá-las à sua própria personalidade, estará muito perto de realizar-se como um ser humano total (Silveira & Mello, 1989, p. 75, grifo nosso).

Por essa perspectiva, ergue-se a necessidade de que na interpretação psicológica dos animais se adote uma visão abrangente, considerando-os tanto como seres concretos,

³⁵ Com a ressalva dos animais domesticados, conforme viemos argumentando.

³⁶ No original: “Please do not take me too literally when I suggest that we shall meet the real animal – and the blind instinct it represents as such in us – at the infrared end of this scale while we find its archetypal image at the ultraviolet. But I think this way of thinking about animals, instinct and archetype helps us a good deal in trying to grasp and comprehend our difficult theme”.

incorporando os seus aspectos históricos, biológicos, etológicos e ecológicos, quanto como seres simbólicos, compreendendo as suas representações mitológicas e manifestações em sonhos, fantasias, imaginação ativa, expressões artísticas, folclore e outras narrativas diversas. No ambiente psicoterapêutico, soma-se ainda o imperativo de considerar também o contexto individual do paciente, de seus sonhos, fantasias e de sua situação consciente (Hannah, 2006). Essa abordagem se vale do método da amplificação (Jung, 1912/2014d, 1935/2017), que envolve o estabelecimento de paralelos culturais buscando por associações e comparações que, nesse caso, possam enriquecer o simbolismo de cada espécie animal, permitindo a emergência de aspectos do inconsciente coletivo e pessoal.

É importante ressaltar também que quando o interesse é de caráter psicológico – e não em como cuidar adequadamente dos animais concretos –, o foco recai em entender o que o ser humano projeta nos animais, assim não há qualquer conflito se as descrições forem antropomórficas. Mesmo porque, toda e qualquer tentativa de compreensão permanece apenas como uma aproximação possível, pois nenhum animal pode ser simplesmente categorizado e rotulado por uma significação; algo do seu *mysterium* específico sempre resiste (Bachmann, 2016; Hannah, 2006; Ramos et al., 2005).

Consequentemente, no tocante à consideração dos animais como representantes dos instintos, é de grande importância reconhecer as nuances envolvidas, de modo que a generalização da categoria “animal” não proporciona vantagens significativas. Pelo contrário, quanto mais específica for a abordagem, diferenciando as mais variadas espécies, maiores serão as possibilidades de gerar interpretações mais precisas e pertinentes. Conforme Jung (1928-30/2014b):

[...] qualquer animal, *entendido psicologicamente*, representa um instinto no homem. Na medida em que somos automáticos e instintivos, somos nada mais que animais, porque nosso comportamento não é de modo algum diferente daquele dos animais. Sempre que um animal aparece em sonho podemos dizer que é um instinto, mas, lembre-se, *é sempre um instinto muito particular, de maneira alguma é o instinto*. Um leão ou uma cobra enorme podem significar coisas bem diferentes (p. 504, grifo nosso).

É também relevante uma distinção adicional centrada especificamente nos animais domesticados. Devido à proximidade conosco e à natureza de nossas interações com esses seres, tanto os instintos que eles representam quanto os mitos associados a eles revestem-se de particular importância, pois apelam de forma mais direta ao nosso senso de

responsabilidade. Conforme destacado por Hannah (2006), se nos deparamos com um animal selvagem, como um leão faminto em um sonho, por exemplo, geralmente não podemos ser responsabilizados pelo fato de ele não ter se alimentado. No entanto, se nos deparamos com um de nossos animais domésticos em uma situação semelhante, é nossa obrigação assumir a culpa, conscientizando-nos de que o sonho está nos alertando para alguma negligência por parte de nossa consciência.

Além disso, ao discorrer sobre os arquétipos, Jung (1946/2013i) os define como tendo um “caráter pronunciadamente numinoso, que poderíamos definir como ‘espiritual’” (p. 154). Os processos psíquicos parecem se apoiar, grosso modo, na tensão energética entre as polaridades “natureza” e “espírito” ou, dito de outro modo, instinto e arquétipo, buscando o seu equilíbrio. Em relação à imagem arquetípica do espírito, que pode manifestar-se em sonhos ou em produções da fantasia, é válido considerar que essa representação pode assumir também a forma animal, complementando a visão anteriormente apresentada do animal como representante apenas dos instintos mais primitivos. Segundo Jung (1945/2014a), o arquétipo do espírito, independentemente da forma que adote – seja humana, fantástica ou animal – surge quando há necessidade de um conselho sábio, uma intuição precisa, uma tomada de decisão importante ou a elaboração de algum plano complexo. Isso ocorre porque a pessoa, dada certas circunstâncias em que se encontra, é incapaz de gerar tais conteúdos por si só e o arquétipo atua, então, em uma função compensatória. Assim:

[...] deparamos frequentemente com o motivo dos animais *prestativos*. Estes comportam-se humanamente, falam língua humana e mostram sagacidade e um conhecimento superiores aos do homem. Neste caso pode-se dizer com razão que o arquétipo do espírito se exprime através da figura de um animal (p. 232, grifo do autor).

Em concordância com essa ideia, Von Franz (1992) também afirma ser muito comum o aparecimento do tema do animal prestativo e, conforme a autora, a presença deles “ensina o homem a se tornar humano ou, em outras palavras, ensina-lhe o processo de individuação” (p. 111). Afinal, apesar de aparecer representado como um animal, é antes um elemento inerente ao próprio ser humano e, portanto, pertence à sua humanidade. Por fim, vale ressaltar que, do ponto de vista moral, o arquétipo não é intrinsecamente bom ou mau. Nesse sentido, a imagem do animal pode tanto simbolizar esses aspectos positivos quanto também o sobre-humano demoníaco, quando ocorre então o teriomorfismo associado a alguma divindade ou entidade maligna (Jung, 1945/2014a).

É notório, portanto, que uma ampla gama de facetas é revelada na relação entre animais e seres humanos. Para esta pesquisa, é pertinente explorar o exemplo específico do cavalo, em que seguiremos a abordagem psicológica tal qual proposta por Hannah (2006), explorando o instinto e arquétipo.

2.5 O cavalo: do *Equus ferus caballus* ao Pégaso

Para uma estruturação mais organizada, o conteúdo foi dividido em dois tópicos principais. O primeiro aborda as características gerais dos cavalos, além de examinar sua relação histórica e cultural com a humanidade, com um foco particular na sociedade brasileira. No segundo tópico, amplificamos essa discussão a fim de obter um maior enriquecimento simbólico sobre o animal.

2.5.1 Características gerais, história e cultura

O cavalo doméstico, ou *Equus ferus caballus*, é uma espécie descendente de uma linhagem evolutiva com cerca de 60 milhões de anos de história. Desde o seu ancestral equino primordial, que gerou variantes como a zebra africana, até o espécime mais próximo do atual, transcorreram milhões de anos de evolução. Há indícios de que o seu processo de domesticação teve lugar primeiramente nas estepes asiáticas há cerca de 6.000 anos, disseminando-se rapidamente e, por conseguinte, impulsionando a expansão das civilizações humanas. De início servindo como fonte de alimento e de couro para confecção de vestuário, os cavalos logo foram utilizados também como animais de carga e transporte. Por essas capacidades, desempenharam um papel essencial em atividades agrícolas, ao puxar arados e carruagens, assim como tornaram as viagens de longas distâncias muito mais velozes, estimulando o contato entre os povos, a exploração de territórios e o comércio. Eles também foram fundamentais em campanhas bélicas e na expansão territorial, desde guerras antigas até conquistas mais contemporâneas (Boscatti & Adelman, 2020; Cintra, 2021). Figuras históricas proeminentes, como Alexandre, o Grande, e Napoleão Bonaparte, entre outros, reconheceram o valor estratégico e prático dos cavalos em seus empreendimentos militares. A cavalaria mongol, liderada por Gengis Khan, por exemplo, ilustra vividamente o poder militar e a influência que esses animais exerceram em escala global. A história da humanidade foi, portanto, profundamente impactada por sua relação com os cavalos, que continuam até hoje a desempenhar diversas funções, seja através de atividades esportivas,

como a equitação e corridas, bem como no trabalho rural, transporte, recreação, espetáculos e terapias (Cintra, 2021).

Como descrição geral, o cavalo é um animal mamífero, quadrúpede, herbívoro, caracterizado por longas pernas, focinho proeminente, corpo cilíndrico e cabeça grande. Sua morfologia, variável entre as distintas raças, abarca uma ampla gama de alturas, volumes musculares e padrões de pelagem. Dotado de um focinho e pescoço alongados, o equídeo demonstra habilidades adaptativas para pastar em terrenos inóspitos, inclusive sob camadas de gelo. São animais mais quentes do que os humanos, cerca de 1,5 °C, podendo aumentar a temperatura durante suas atividades, o que é facilmente percebido na montaria. O cavalo possui uma audição exímia, o que lhe confere a capacidade de captar sons a longas distâncias e discernir a sua direção. A sua sensibilidade auditiva se estende a vibrações de magnitude ínfima, ultrapassando a capacidade perceptiva do ouvido humano tanto em termos de intensidade quanto de frequência, podendo até captar o nosso batimento cardíaco. Eles também se comunicam entre si por meio de uma variedade de vocalizações, com tipos específicos de relinchos e roncós. No estado selvagem, a sua aguçada percepção olfativa lhes outorga a habilidade de detectar a presença de potenciais ameaças a uma distância de até dois quilômetros, preparando-se para uma possível fuga com antecedência razoável. No entanto, no estado domesticado, o sentido do olfato tende a ser menos preponderante. Ainda assim, os cavalos se reconhecem por meio do odor, cheirando as narinas, o flanco, a base da cauda, o pescoço e a virilha uns dos outros. Por isso mesmo, o ser humano que quiser se aproximar de um cavalo, terá melhor chance de um bom resultado se deixar-se cheirar, inclusive levando as mãos até as narinas do animal (Amorim & Severo, 2010; Cintra, 2021).

Dentre os mamíferos terrestres, os cavalos exibem proporcionalmente os maiores olhos, e a disposição bilateral deles na cabeça permite uma independência de visão para cada olho, embora tal disposição prejudique ou mesmo impeça focalizar os objetos localizados diretamente à sua frente. Eles possuem uma visão dicromática, com uma boa acuidade visual, sobretudo no escuro (Amorim & Severo, 2010; Cintra, 2021). Apesar disso, sua capacidade de discernimento visual de objetos estacionários é relativamente inferior em comparação com a nossa, mas compensada pela extraordinária sensibilidade ao movimento. Em termos de paladar, os equinos preferem os sabores adocicados e exibem uma habilidade ligeiramente superior à humana na detecção de gostos que possam identificar substâncias potencialmente venenosas, evitando o seu consumo sempre que possível (Cintra, 2021).

A pele dos cavalos, como um todo, é um órgão extremamente sensível a estímulos, o que implica na necessidade de tomar cuidado ao tocá-los e na seleção e manipulação dos

materiais utilizados em procedimentos como o banho e o encilhamento. O próprio casco do animal é uma extensão modificada da pele da extremidade do membro, sendo constituído de queratina, como uma grande unha, e rico em vasos sanguíneos e terminações nervosas, o que lhe confere uma extraordinária sensibilidade tátil (Cintra, 2021). Em ambiente naturais, o casco oferece proteção suficiente para as patas, porém, a depender da atividade requisitada e da dureza do terreno, a utilização de ferraduras pode ser necessária para uma proteção apropriada (Amorim & Severo, 2010; Ramos et al., 2005). As vibrações no contato com o solo são transmitidas através dos cascos, e a sua excelente capacidade de interpretação desses sinais sensoriais é melhor aproveitada quando o animal está com a liberdade de movimentos preservada. Um exemplo particularmente evidente ocorre em situações em que o terreno é acidentado ou desconhecido pelo cavaleiro. A recomendação padrão é liberar as rédeas sobre o pescoço do cavalo, concentrando-se apenas em manter-se em equilíbrio na sela. Dessa maneira, permite-se que o cavalo tome de forma autônoma as decisões mais acertadas sobre o percurso, geralmente, evitando obstáculos e perigos desnecessários. Essa atitude é justificada costumeiramente afirmando-se ser necessário que o cavaleiro saiba confiar nos instintos do animal, parceria que beneficia ambos (Cintra, 2021; Hannah, 2006).

O cavalo é também conhecido pelo seu comportamento gregário e, quando em estado de liberdade, busca a segurança se reunindo em manadas. Ao contrário do que poderíamos supor, dada a grande dimensão e a potência física desses animais, a liderança dentro dos agrupamentos é geralmente exercida pela égua mais velha e experiente do bando, que é tratada com observável respeito enquanto conduz o grupo por meio de suas inúmeras decisões cotidianas, como onde eles devem beber e comer, bem como a disciplina dos potros. Quanto ao macho que mais se destaca, o garanhão principal, além da função reprodutiva, cabe a responsabilidade pela vigilância e defesa do rebanho. Além disso, uma hierarquia social é estabelecida, delineando dominância e submissão, com cada cavalo desempenhando um papel de acordo com a sua posição na hierarquia, influenciada por fatores como idade, força, experiência e coragem. Entretanto, em ambientes domésticos, não é incomum que os equinos sejam mantidos de maneira inadequada, por exemplo, isolados em baias fechadas, o que limita o seu contato inclusive visual com os outros animais, resultando em níveis elevados de estresse (Avila, 2016; Cintra, 2021). Segundo Amorim e Severo (2010), a “falta de trabalho ao ar livre e a solidão na cavalaria são capazes de causar situações de neurose³⁷” (p. 77). Nessas condições, pode ser provocado um nervosismo crônico no cavalo, levando-o

³⁷ Como vimos, do ponto de vista da psicologia de C.G. Jung (1928-30/2014b), o termo “neurose” empregado para animais domesticados estaria correto.

ao desenvolvimento de distúrbios comportamentais, como o hábito de morder as tábuas dos alojamentos, as pessoas e mesmo os outros animais.

Em circunstâncias que suscitam temor no cavalo, particularmente diante de perigos potenciais que possam resultar em danos físicos, sua resposta instintiva é a fuga. No entanto, quando acuado ou percebendo uma oportunidade de defesa sem a necessidade de evadir-se, ele pode recorrer não apenas a mordidas, mas também a coices, que são os golpes desferidos com as patas traseiras, e as manotadas, pancadas realizadas com as patas dianteiras. Portanto, conhecer e observar cuidadosamente os sinais sonoros emitidos e os movimentos corporais do cavalo, especialmente em regiões específicas como orelhas, cauda e olhos, é de suma importância, contribuindo significativamente para a interpretação correta de suas intenções. A posição das orelhas do cavalo serve como indicador claro e direto de seu estado de ânimo e propósito. Por exemplo, orelhas baixadas para trás denotam potencial agressão, demandando vigilância redobrada. Ou então, um movimento enérgico da cabeça para cima e para baixo indica uma hesitação perante algo que lhe é desconhecido, sendo prudente, nesse caso, checar a segurança da rota escolhida (Cintra, 2021; Ramos et al., 2005).

Além disso, o cavalo demonstra um nível razoável de inteligência, capacitando-o a estabelecer conexões causais, especialmente quando a temporalidade entre os eventos é curta, e também a associar gestos e sons humanos a metas específicas. Dotado de uma boa memória, suas experiências são acumuladas desde os estágios iniciais da vida, preservando tanto aquelas gratificantes quanto as adversas. Esse acúmulo de vivências facilita lidar com cavalos que tiveram um histórico mais positivo, por outro lado, torna a modificação de hábitos preexistentes uma tarefa desafiadora³⁸. A literatura também sugere que os equinos possuem uma sensibilidade perceptiva aguçada, denominada por autores como Amorim e Severo (2010) e Cintra (2021) como um "sexto sentido", caracterizado pela capacidade de discernir estados emocionais, tanto em seus pares quanto em seres humanos. Dessa forma, os equinos são capazes de perceber e responder a uma variedade de expressões emocionais derivadas da raiva, medo, tranquilidade, entre outras. Assim como, observam-se alterações no comportamento e postura dos cavalos de acordo com as características que eles parecem identificar nos diferentes cavaleiros, como timidez, confiança, tensão, etc.

Em síntese, considerando tais atributos gerais, é plausível afirmar que contribui para o estabelecimento de uma relação amistosa e tranquila com os cavalos, as seguintes atitudes: abordá-los com uma aproximação lateral ou diagonal que permita ao animal nos enxergar

³⁸ A questão sobre a história de vida dos cavalos será exemplificada no subtópico “Os cavalos coterapeutas”, no terceiro capítulo desta dissertação.

com facilidade; empregar um tom vocal não estridente para evitar perturbações ou sustos; permitir que o cavalo nos cheire de maneira a propiciar o pronto reconhecimento; oferecer os seus alimentos preferidos, quando viável; acariciar áreas como o pescoço, a espádua e a cernelha, locais de elevada sensibilidade tátil e prazer; e, por último, não menos importante, prestar atenção em nosso estado emocional ao interagir com eles, observando suas reações.

Para além dessa perspectiva genérica da espécie, contudo, é pertinente complementar que, ao longo de milênios de interação e por meio de um processo de seleção artificial, os seres humanos têm engendrado o surgimento de diversas raças de cavalo, adaptadas a distintos propósitos e ambientes. Esse processo resultou no aparecimento de linhagens singulares, caracterizadas por atributos físicos e comportamentais específicos, os quais se mostram mais apropriados para atividades tais como corridas, trabalho agrícola, transporte, entre outras. Por exemplo, cavalos de porte mais avantajado e robusto foram imprescindíveis para suportar cavaleiros e armaduras em muitas batalhas ou em tarefas de tração, enquanto outros foram sendo selecionados pela rapidez e resistência adaptados para a vida em regiões desérticas, ou ainda pela leveza e velocidade para a prática esportiva e de caça (Ramos et al., 2005). Este processo culminou na enorme variedade de raças distintas conhecidas na contemporaneidade, como o Puro-Sangue Inglês, o Árabe, o Quarto de Milha, o Mustangue, o Bretão, o Appaloosa, o Mangalarga Marchador, entre inúmeras outras. Essas raças costumam ser categorizadas em dois grupos principais de temperamento: os de sangue frio, caracterizados por sua robustez, porte pesado e tranquilidade; e os de sangue quente, que se destacam por sua agilidade, energia e aptidão atlética (Bachmann, 2016; Cintra, 2021).

A prática da equitação também passou por considerável desenvolvimento desde os seus primórdios, nos quais estava intrinsecamente ligada a propósitos militares. No Brasil, em razão de uma história fortemente marcada por aspirações de fidalguia e pela vida agrária, a posse de um cavalo conferia uma aura de dignidade e honra ao seu cavaleiro. Às vezes, o cavalo era montado durante toda a vida apenas pelo seu proprietário, sendo o seu empréstimo praticamente impensável (Casudo, 2012). Em consonância com a cultura patriarcal, são comuns também os ditos populares que equiparam a mulher e o cavalo como propriedades do homem, refletindo uma visão hierárquica na qual ambos são subjugados à autoridade masculina. Em certos casos, essa equiparação resulta em uma desvalorização da mulher, pois ela chega a ser considerada de menor importância do que o animal (Ramos et al., 2005).

No contexto brasileiro, segundo Boscatti e Adelman (2020), as representações sociais têm tradicionalmente associado os cavalos à guerra, à masculinidade, à autoridade e também ao prestígio econômico e à distinção social e racial. E embora essas conexões tenham raízes

histórico-culturais marcantes, as autoras identificam o surgimento de outros agentes e práticas dentro do que é designado como "cultura equestre", contrapondo tal hegemonia simbólica e ressignificando a relação entre humanos e cavalos. Assim, elas apontam a progressiva transformação não só das finalidades subjacentes às atividades envolvendo os cavalos, como também a sua relevância e função social. Afinal, esses animais foram sendo empregados na dura rotina do trabalho, e acabaram se tornando parceiros dos trabalhadores, e não só dos proprietários. Os cavalos desempenharam papel crucial ao colaborarem nos penosos afazeres, facilitando diversas tarefas como o transporte de pessoas e cargas, conquistando, no processo, grande afeto, respeito e consideração. Dessa forma, para além da apropriação utilitária, verifica-se impactos na apropriação simbólica. É retrato disso a existência de inúmeras comunidades rurais que passaram a cultivar identidades e tradições culturais em torno da imagem do cavalo. Essas comunidades frequentemente realizam festividades significativas, como as cavalgadas, as quais estão enraizadas, segundo Santos e Vargas (2020), não apenas nas tradições religiosas associadas às procissões e peregrinações, mas também, em determinados contextos mais contemporâneos, atendem às demandas comerciais e promocionais do agronegócio e da política. Esses eventos refletem a intersecção entre elementos históricos, religiosos, culturais, políticos e econômicos que evidenciam a complexidade envolvida na figura multifacetada do cavalo.

Além disso, a partir da invenção e proliferação dos automóveis, motocicletas e maquinarias agrícolas somadas ao incremento da classe média urbana, foram ocorrendo mudanças substanciais que resultaram na drástica diminuição da função laboral desses animais. Nas últimas décadas, o interesse pelos cavalos tem assumido um caráter muito mais esportivo, terapêutico ou até mesmo como entretenimento. Nesse cenário, outros sujeitos emergem com destaque no âmbito equestre, particularmente as mulheres. A feminilização na prática esportiva, como o hipismo, conta já com uma longa lista de amazonas que vem sendo cada vez mais reconhecidas como partes de um legado. Paralelamente, na esfera dos serviços terapêuticos, a presença feminina é igualmente relevante, embora se deva notar que esse fenômeno pode estar influenciado também pela tradicional associação entre o gênero feminino e as práticas de cuidado (Boscatti & Adelman, 2020).

Por outro lado, a vinculação da equitação com o militarismo permanece presente. A própria criação da Associação Nacional de Equoterapia (ANDE-Brasil) teve origem em uma colaboração entre militares e civis, e suas operações têm lugar na Granja do Torto, em Brasília, contando com o significativo apoio do Regimento de Cavalaria de Guarda, conhecido como o Regimento dos Dragões da Independência. O Exército Brasileiro

desempenha um papel de destaque na promoção da equoterapia, contribuindo com recursos humanos, materiais e cavalos (Severo & Severo, 2010). Além disso, variados trabalhos que tratam sobre a prática da equitação foram elaborados por autores relacionados ao ambiente militar ou possuem influências de visões de mundo retiradas desse contexto, resultando na elaboração de técnicas de montaria mescladas ou permeadas por uma conduta moralizante. Um exemplo é o clássico livro *A arte da equitação: como aprender e ensinar a montar*, escrito pelo comandante francês Licart, e traduzido no Brasil pelo coronel Roberto Mondino. Na obra, o pensamento sustentado é de que a equitação proporciona, de maneira singular e melhor do que qualquer outro esporte, o desenvolvimento tanto das qualidades físicas quanto das espirituais, de tal modo que elas se entrelaçam em um arranjo que abarca o aprimoramento da resistência, equilíbrio, agilidade, disciplina, coragem, harmonia, destreza e o gosto pelo desafio, culminando numa síntese equilibrada entre força e flexibilidade. A correta harmonização entre cavaleiro e cavalo, segundo essa visão, não só aprimora a aptidão física do indivíduo, mas também nutre seu caráter moral, contribuindo para uma formação integral do ser humano, portanto, “a equitação – esporte completo por excelência – tempera os corpos e o espírito” (Licart, 1988, p. 11).

Independentemente da natureza da atividade, os cavalos são predominantemente empregados como montaria. Nesse caso, a interação entre os corpos humano e equino não apenas se faz necessária, mas também requer uma integração mínima. Desde tempos antigos, a percepção de uma fusão entre o cavalo e o cavaleiro despertava o espanto e a admiração, visto os habilidosos cavaleiros de hordas guerreiras, que se assemelhavam aos centauros, as famosas criaturas mitológicas com torso humano sobre um corpo de cavalo. Para esse efeito, a relação entre o cavalo e o cavaleiro ou amazona precisa estar fundamentada na confiança mútua e, especialmente, na sensibilidade perceptiva entre ambos (Bachmann, 2016). De acordo com a autora:

Cavaleiro e cavalo estão em sintonia um com o outro. E assim cresce também a harmonia de movimento no cavalgar a partir de uma sintonia alternada e recíproca. O cavaleiro tem de perceber o que pode e deve exigir do cavalo e em que momentos é melhor ceder, e o cavalo sente imediatamente se tem de submeter-se ou se pode ficar desatento e partir. Nesse jogo, pessoas jovens, especialmente

meninas³⁹, fazem experiências importantes para o desenvolvimento da sua personalidade e da sua autonomia (p. 88).

Considerando as características intrínsecas dos cavalos e a sua relação histórica e cultural com a sociedade brasileira, assim como com a humanidade em geral, conforme viemos apresentando, propomos, a seguir, um alargamento da nossa exploração do simbolismo desse exuberante animal, buscando enriquecer a discussão.

2.5.2 Simbolismo

Segundo as observações de Hannah (2006), dentre os três animais domésticos habitualmente mais próximos dos seres humanos – cão, gato e cavalo – o cavalo figura como o representante mais adequado das potencialidades dos instintos em geral. Enquanto o cão e o gato possuem significados mais específicos e restritos, o cavalo é caracterizado por uma amplitude simbólica e abrangência que o distinguem dos demais⁴⁰. De acordo com Jung (1947/2012), a imagem arquetípica do cavalo aparece amplamente nos folclores e mitologias de diversos povos e civilizações, sendo comum a sua representação como um animal clarividente ou clariaudiente e, por vezes, também falante. Essa caracterização estaria relacionada com o fato dele simbolizar a parte animal do ser humano, portanto, a nossa faceta psíquica inconsciente. De tal modo que, nas obras do psiquiatra suíço, o cavalo é representado de muitas formas: como animal priápico; como *psychopompos*; como símbolo da libido, do tempo, do vento; como fogo e luz; na sua relação com o símbolo materno, da árvore, do mar; relacionado com a figura da sombra, do centauro, do cavaleiro, dentre outras.

Em consonância com as características genéricas delineadas previamente sobre a interação entre cavalos e seres humanos, é oportuno examinar as considerações de Hannah (2006), visto que a autora se empenha em esboçar uma visão mais abrangente, profunda e, ao mesmo tempo, concisa sobre a simbologia desses animais. Segundo a sua concepção, é possível categorizar quatro aspectos distintos, acompanhados de seus respectivos opostos, totalizando assim oito facetas principais que funcionam como chaves de leitura para uma melhor compreensão das variações simbólicas presentes nas representações relacionadas aos

³⁹ Exploramos o tema do feminino e os cavalos no estudo do Caso Regina, no terceiro capítulo.

⁴⁰ Inclusive, o material mitológico relacionado aos cavalos é muito vasto em sua extensão, transcendendo os limites desta análise. Assim sendo, este estudo será direcionado para os exemplos mais gerais e pertinentes ao contexto de investigação, de modo que possam amplificar e enriquecer a posterior discussão.

cavalos: o trabalhador obediente e o espírito selvagem e indisciplinado; o ajudante e a vítima do ser humano; a vitalidade e a destruição; o pânico e a percepção extra-sensorial.

No primeiro aspecto, o cavalo se revela emblemático tanto de uma natureza selvagem e indomada quanto domesticada e controlada. O caráter trabalhador e obediente atribuído ao cavalo remete à sua longa história de convivência com a humanidade, em que até hoje é comum ouvirmos expressões como "trabalhar como um cavalo", denotando uma carga laboral extenuante. Na mitologia grega, a imagem de uma carruagem que conduz diariamente o deus sol pelos céus, puxada por quatro cavalos, parece ilustrar bem a função essencial desses animais para o ser humano. Por outro lado, o cavalo selvagem evoca a ideia de liberdade, evidenciada pela sua prontidão em retornar ao seu estado natural mesmo após ter sido domesticado. Ademais, um cavalo excessivamente submisso torna-se também demasiadamente dependente, sobrecarregando o cavaleiro com responsabilidades extras, posto que este não pode mais confiar nos impulsos naturais de sua montaria. Dotado de uma força superior à humana, o cavalo tem a capacidade tanto de nos carregar quanto de nos atropelar. Assim, de igual modo, o manejo adequado desses aspectos presentes em nós demanda a habilidade de saber domar e direcionar os nossos instintos, ao mesmo tempo em que se deve preservar parte de sua liberdade intrínseca e profícua (Hannah, 2006).

Quanto ao segundo aspecto, o papel do cavalo como ajudante se manifesta não apenas no seu trabalho diligente, mas também na sua capacidade de oferecer companhia e lutar ao lado dos seres humanos, frequentemente resultando na perda da sua própria vida. Entretanto, em outros contextos, o cavalo foi deliberadamente sacrificado, emergindo como uma das espécies animais mais presentes nos rituais sacrificiais. A morte e o sacrifício do cavalo estão associados a uma variedade de rituais de iniciação, fertilidade, expiação de pecados, proteção e adoração divina. Psicologicamente, uma vez que o cavalo trabalha para o ser humano, representa como que um *quantum* de energia à sua disposição. A imagem da imolação do cavalo pode, portanto, figurar também como uma representação simbólica do sacrifício⁴¹ dessa energia exteriorizada, com o propósito de favorecer a internalização da mesma, redirecionando-a para o mundo interno a fim de obter ganhos com a sua utilização consciente e deliberada, em detrimento da impulsividade instintiva (Hannah, 2006).

⁴¹ Sobre o tema do sacrifício, vale a pena conferir a longa série de imagens produzida por Octávio Ignácio, parcialmente contida no livro *Imagens do Inconsciente*, de Nise da Silveira (2015), em que ele retrata diferentes cavalos, sendo alguns mutilados e crucificados, nos quais podemos acompanhar o embate entre a compulsão do instinto e a tentativa de subjugá-lo.

Em relação ao terceiro aspecto, o cavalo figura como uma extensão do corpo humano, manifestando-se como uma força encarnada que simboliza a própria libido – uma libido pulsante, fértil e criativa –, expressão da pura vitalidade. Entretanto, quando essa energia é amalgamada com a ambição humana desmedida, pode resultar em destruição. Devido aos seus voos de grande altitude, Pégaso, o cavalo alado mitológico, pode ser interpretado como a personificação da inspiração criativa, porém, por também conduzir o cavaleiro de volta à concretude terrena, representa a necessidade de canalizar essa criatividade para a produção de algo efetivo. O mito de Belerofonte conta que, orgulhoso, ele tentou voar com Pégaso até o Olimpo e, como punição, Zeus provocou a sua queda, deixando-o aleijado. Isso ilustra o perigo de permitir que a libido criativa se desvincule da realidade, inflando o ego humano até sua potencial ruína. É prudente, portanto, não nos esquecer que, assim como o cavalo, nós somos feitos de carne e osso, e devemos humildemente entender as nossas limitações, inspirados também pela virtude da dedicação ao trabalho, característica reconhecida nos nossos companheiros equinos (Hannah, 2006).

Por último, no que concerne ao quarto aspecto, um dos maiores perigos do inconsciente é o pânico, cuja distinção em relação à loucura pode ser uma tarefa complexa. Como previamente mencionado, a reação instintiva mais comum do cavalo diante do medo é a fuga, no entanto, os cavalos domésticos frequentemente encontram-se amarrados ou muito cerceados de espaço. Quando presos e confrontados com situações que os assustam, a reação em estado de pânico pode ser não só perturbadora, mas também muito perigosa. Simbolicamente, se conseguirmos domesticar a nossa força de cavalo e cavalgá-lo com tranquilidade, então ele será nosso ajudante fiel. Porém, caso haja excessiva privação ou repressão do instinto, o resultado compensatório será a sua manifestação descontrolada, caracterizada por um pânico desenfreado, capaz de colocar em perigo tanto a nossa sanidade quanto a nossa vida. Por outro lado, há uma rica tradição de relatos que atribuem aos cavalos – tanto os animais concretos quanto aos que aparecem nos contos, lendas e folclores – uma capacidade de percepção extra-sensorial. Nesses relatos, os cavalos são descritos como possuidores de muitas habilidades especiais. Eles não apenas guiam o cavaleiro totalmente perdido de volta à segurança, mas também, por exemplo, podem ser clarividentes ou clariaudientes. Portanto, o que de início se mostra como uma imersão em um comportamento instintivo, ou seja, o pânico na extremidade infravermelha da escala psíquica, revela-se então em seu aspecto ultravioleta. Segundo Hannah (2006), tal interpretação ressalta o significado profundo da imagem arquetípica do cavalo, que ecoa paralelamente ao processo de individuação humana. Pode-se inferir que ao vivermos em harmonia com o fluxo natural de

nossas vidas, o que inclui atos de sacrifício, podemos alcançar a totalidade⁴² presente na imagem do cavalo.

Ainda em acréscimo ao último aspecto, da percepção extra-sensorial, são comuns as histórias que abordam não apenas as capacidades de clarividência, clariaudiência e de comunicação verbal atribuídas aos cavalos, mas também o dom da profecia, a aptidão para ver fantasmas e escutar os anseios dos mortos, dentre outros atributos. Todas essas faculdades supassensíveis relatadas correspondem, segundo Jung (1912/2013I), às propriedades que, do ponto de vista psicológico, são inerentes ao inconsciente dos seres humanos, sendo até manifestações bastante características. Não obstante, não deixa de ser compreensível que, em certos contextos e culturas, o cavalo tenha sido associado ao mal, inclusive como uma personificação de Satanás. Em diversas representações iconográficas, o Diabo é retratado possuindo cascos ou assumindo a forma do equino. O cavalo assume também uma função destacada como psicopompo, desempenhando o papel de meio de transporte facilitador da transição das almas para o além. Na mitologia nórdica, por exemplo, dizia-se que Sleipnir, a montaria lendária de Odin, podia percorrer a terra, o céu, o mar e o mundo dos mortos (Ramos et al., 2005).

No Brasil, Cascudo (2012) oferece alguns exemplos folclóricos ilustrativos: o "Cavalo de Três Pés", que amedronta os viajantes em estradas ermas, frequentemente retratado sem cabeça e com asas, sendo que lhe falta sempre uma das patas, geralmente uma dianteira; o "Cavalo Fantasma", invisível aos olhos, mas cujas passadas são perceptíveis; o "Cavalo do Rio", que supostamente persegue e vira embarcações no rio São Francisco; e o "Cavalo sem Cabeça", que assombra as regiões pastoris, guardando semelhança com a "Mula sem Cabeça", e que pode tanto representar os padres que violaram o voto de castidade quanto as mulheres que se envolveram com os sacerdotes.

Por outro lado, os cavalos também são frequentemente associados a bênçãos. Em diversas culturas são relatadas histórias de cavalos que servem como guias e conselheiros para aqueles que se encontram perdidos. Na antiga cultura germânica, por exemplo, mulheres grávidas costumavam oferecer alimentos aos cavalos, solicitando sua proteção durante o parto. Além disso, em muitas tradições, a ferradura é considerada um símbolo de sorte e proteção contra o mal, sendo comumente suspensa sobre as portas (Jung,

⁴² De mesmo modo, Jaffé (2008) argumenta que, assim como um animal acuado e atizado pode se tornar extremamente perigoso, os instintos feridos e reprimidos representam uma ameaça latente para a psique dos sujeitos, principalmente nas sociedades civilizadas. Nesse caso, "a aceitação da alma animal é a condição primordial para alcançar a totalidade e a vida plena" (p. 322).

1912/20131). Na cultura brasileira, a ferradura é valorizada como um amuleto de felicidade, capaz não apenas de atrair sorte, mas também de afastar o mau-olhado e o infortúnio para aqueles que a possuem. Tradicionalmente, a ferradura é também comercializada como uma joia, disponível em forma de pingentes, brincos, broches e pulseiras, além de versões maiores que são utilizadas como objetos decorativos nas entradas das residências (Casudo, 2012).

Na qualidade de animal de carga, o cavalo estabelece uma relação simbólica estreita com o arquétipo materno. Essa associação é fundamentada na percepção do cavalo como um equivalente à mãe, embora com uma sutil distinção: enquanto a mãe representa a fonte primordial da vida, o cavalo encarna a existência animal e corporal (Jung, 1947/2012, 1912/20131). Inclusive, “na vida adulta, pode ocorrer uma continuidade dessa projeção sobre o cavalo. Ao carregar o cavaleiro, esse animal – tal como a mãe fazia com a criança – o embala e remete às lembranças e sensações infantis” (Ramos et al., 2005, p. 87). Como resultado, o cavalo é percebido como uma extensão do corpo do cavaleiro, assim como a mãe o era para a psique em estágios mais primordiais.

Além disso, não somente por meio da conexão física entre os corpos, mas principalmente através do ritmo dos movimentos, o cavalo incorpora e simboliza a libido direcionada ao aspecto sexual, de maneira que a fantasia de montar um cavalo pode adquirir uma conotação sexualizada, como observado em numerosas metáforas populares que equiparam a ação de cavalgar com o ato sexual (Jung, 1912/2013m; Ramos et al., 2005). De acordo com Hannah (2006), é inegável que o cavalo representa, em grande medida, um símbolo de energia e libido, como evidenciado inclusive pelo uso corrente do termo "cavalos de potência" para calcular a potência dos motores. O cavalo encapsula, assim, uma gama de significações que perpassam, entre outros aspectos, o impulso, o movimento, a vitalidade, a expressão da força bruta corporal e da sexualidade.

Em contraposição, há outros exemplos que não estão vinculados à figura materna ou à sexualidade. Um caso paradigmático é o mitológico Pégaso da tradição grega, que emerge da cabeça decapitada de sua mãe, Medusa, e é filho de Poseidon, o deus marítimo supremo. Dotado de asas, ele transcende os elementos terrestres e aquáticos, elevando-se às esferas sutis do ar, do espírito e da criatividade, associada também ao fogo. Em sua jornada, frequentemente montado por heróis masculinos, Pégaso triunfa sobre figuras do feminino terrível, como a própria Górgona e a Quimera, assim limitando simbolicamente os poderes matriarcais (Bachmann, 2016; Hannah, 2006; Ramos et al., 2005). A habilidade de transcender para o plano espiritual também distingue outro cavalo mítico, o centauro Quíron. Enquanto os centauros são conhecidos por sua ferocidade, brutalidade e luxúria, Quíron se

destaca por sua sabedoria. Ao invés de sucumbir à sua natureza animalesca, ele dedicou-se ao estudo da natureza e adquiriu vasto conhecimento, sobretudo no que diz respeito à manipulação de plantas e ervas medicinais. Tornou-se mentor de muitos heróis gregos, incluindo Aquiles e Hércules. Mesmo sofrendo de uma ferida incurável, sua própria dor lhe concedeu o dom de compreender o sofrimento de seus pacientes, tornando-o um curador exímio (Bachmann, 2016; Ramos et al., 2005).

Em síntese, portanto, do ponto de vista simbólico, o cavalo pode ser interpretado tanto como um animal feminino como masculino, isto é, por um lado, ele manifesta o princípio lunar, por outro lado, o princípio solar. Os atributos femininos enfatizam a maternidade e qualidades como a confiabilidade, a graciosidade e a sensibilidade, ressaltando os traços inerentes em ser um animal que aprecia o vínculo. Em contraste, os aspectos masculinos evidenciam qualidades como a força, a vitalidade e a imponência, bem como o espírito e a consciência. Desse modo, também os quatro elementos simbólicos, femininos – terra e água – e masculinos – ar e fogo –, são manifestados na imagem do cavalo, sendo a ênfase variável conforme a divindade ou entidade que ele represente ou esteja subordinado (Bachmann, 2016).

Considerando todo o nosso percurso, desde a apresentação dos aspectos históricos até os simbólicos, entendemos que os cavalos e as suas imagens têm exercido, ainda mantêm e possivelmente continuarão a exercer profundos impactos em nossas vidas e psique.

3. O AFETO E OS CAVALOS COTERAPEUTAS: ESTUDO DE CASO

De fato, à observação clínica atenta junto o esforço do pensamento na medida de minhas possibilidades, aceito as intuições, mas recorro à reflexão que as examina. E a presença da emoção é permanente.

Nise da Silveira

Neste capítulo, apresentaremos o estudo de caso. Inicialmente, discorreremos sobre a metodologia empregada e os três conceitos orientadores, a saber, *afeto catalisador, emoção de lidar e forças autocurativas da psique*. Esses conceitos foram essenciais tanto para o trabalho de campo quanto para a elaboração das interpretações. Em seguida, descreveremos o ambiente onde ocorreram as observações, especificamente a instituição que oferece os atendimentos de equoterapia. Essa descrição tem como objetivo fornecer um contexto que facilite a compreensão dos casos, incluindo uma apresentação da equipe e do funcionamento dos atendimentos. Logo após, abordaremos a questão dos cavalos coterapeutas, articulando essa discussão com os desenvolvimentos teóricos apresentados nos capítulos anteriores. Finalmente, apresentaremos três casos em sequência, que ilustram de diferentes modos os afetos envolvidos na relação entre os sujeitos atendidos e os cavalos coterapeutas.

3.1 A arte do estudo de caso: metodologia

O investigador de caso reconhece e fundamenta novos significados. Quem for investigador reconhece um problema, uma perplexidade, e estuda-os, *esperando relacioná-lo melhor com as coisas conhecidas*. Ao estabelecer novas ligações, o investigador encontra maneiras de as tornar compreensíveis para os outros. A investigação não é apenas um domínio dos cientistas, é um domínio de artífices e de artistas, *de todos os que estudam e interpretam* (Stake, 2012, p. 113, grifo nosso).

Uma pesquisa com estudo de caso se justifica quando se acredita que essa abordagem proporcionará um conhecimento mais enriquecido sobre um fenômeno complexo. Conforme expõe Stake (2012), a pesquisa qualitativa que adota a estratégia metodológica do estudo de

caso enfatiza os episódios significativos, o contexto e a totalidade dos indivíduos. Esse tipo de investigação não se preocupa em estabelecer amplas explicações generalizantes; ao contrário, a pesquisa qualitativa se distancia da pretensão explicativa de causa e efeito, visando melhor compreender a complexidade da experiência humana. Nesse sentido, "a função da investigação não é necessariamente mapear e conquistar o mundo, mas sim sofisticar a sua contemplação" (p. 58). Por essa razão, a interpretação é a parte essencial da pesquisa e o pesquisador assume o papel de intérprete para poder observar e narrar o desenvolvimento do caso.

No arcabouço teórico da Psicologia Analítica, os pressupostos epistemológicos também são essencialmente de natureza interpretativa e compreensiva dos fenômenos (Penna, 2005). Como método de investigação, adotamos o *processamento simbólico-arquetípico*, que implica em uma leitura simbólica e em um tratamento compreensivo de todo o material observado, encarando o nosso objeto de estudo como um fenômeno-símbolo (Penna, 2014). Foi C.G. Jung (1935/2017) quem estabeleceu a relevância psicológica de se analisar tanto os processos da consciência como os do inconsciente, promovendo o símbolo como um fator fundamental, por ser o mediador na interação entre os dois processos. O psiquiatra apontava a importância do cultivo de uma *atitude simbólica*, isto é, aquela que atribui sentido a todo fenômeno, por maior ou menor que seja, conferindo um valor que o eleva do reducionismo aos sentidos ou de uma observação supostamente objetiva da realidade (Jung, 1921/2013a). Tal atitude representou um importante aspecto em suas pesquisas, bem como em seus atendimentos clínicos (Cambray & Sawin, 2021).

A fim de incluir uma dimensão comparativa, para este estudo de caso, observamos 03 praticantes⁴³ em suas sessões semanais de equoterapia. Estabelecemos como critério de inclusão a disponibilidade desses indivíduos dentro de uma intencionalidade, isto é, selecionamos os praticantes que demonstravam terem estabelecido de forma mais evidente algum tipo de relação afetiva⁴⁴ com os cavalos coterapeutas. As observações tiveram como objetivo ampliar a compreensão sobre a importância e as possíveis implicações psicológicas do afeto na relação humano-animal, especificamente entre os participantes do estudo e os cavalos. Vale ressaltar que uma pesquisa com estudo de caso não é uma investigação por amostragem. Segundo Minayo (2017), na abordagem qualitativa, os critérios de abrangência

⁴³ Denomina-se "praticante" as pessoas que são atendidas nas sessões de equoterapia.

⁴⁴ Lembrando que afeto pode ser positivo ou não, isto é, por perpassar as projeções do inconsciente, é possível que a relação faça emergir, por exemplo, o amor, a alegria e a segurança como também o ódio, a tristeza e o medo (Silveira, 1992, 2015).

e profundidade de compreensão do problema-alvo (fenômeno-símbolo) se sobrepõem à expressividade numérica, isto é, o que importa é o conhecimento qualitativo do campo.

Conforme Jung (1921/2013a), o símbolo é complexo pois abarca aspectos das quatro funções psíquicas fundamentais – pensamento, sentimento, intuição e sensação –, portanto, é racional e irracional, apela à razão e tem parte inacessível a ela. Afetando tanto o pensamento quanto o sentimento, o símbolo provoca pressentimentos sobre os seus significados e, quando tornado perceptível aos sentidos, suscita a intuição e a sensação. Consequentemente, a *atitude simbólica* exige do pesquisador o uso das mesmas funções, como bem exemplificado na conduta da psiquiatra Nise da Silveira (2015), resumida na epígrafe que introduz este capítulo, na qual nos inspiramos para a condução do estudo de caso: as observações das sessões de equoterapia (sensação), as reflexões acerca do observado (pensamento), os insights advindos além do pensamento lógico ou dos sentidos (intuição) e a abertura para as afetações e a avaliação das experiências emocionais (sentimento).

Ademais, no enfoque qualitativo, a multiplicidade de procedimentos metodológicos na coleta de material é algo desejável, visto o benefício em se obter diferentes perspectivas de um mesmo fenômeno (Minayo, 2009). Segundo Penna (2014), pelo referencial junguiano, afora a pesquisa bibliográfica, a apreensão dos fenômenos psíquicos é primordialmente obtida justamente por meio da observação, devendo ser associada a outros procedimentos a depender do tipo de pesquisa. Considerando, portanto, a técnica de observação para a nossa coleta dos dados, optamos pela *observação participante*. Esse tipo de observação exige uma integração do pesquisador ao campo e/ou ao grupo sobre o qual intenciona compreender um fenômeno complexo. Essa abordagem oferece como vantagem um acesso mais amplo a uma variedade de informações devido à imersão do observador no contexto estudado. Desse modo, permite que o pesquisador obtenha insights que poderiam não ser capturados, por exemplo, por meio de entrevistas ou questionários. Durante a observação participante, o pesquisador pode registrar as suas observações, impressões e reflexões em diários de campo, entendendo que se trata sempre de uma forma interpretativa de observação, afinal, irá utilizar de sua própria experiência no campo para coletar e analisar os dados (Dallos, 2010). Por essa razão metodológica, nos dias da semana em que os praticantes selecionados eram atendidos, decidimos acompanhar o mesmo horário de expediente de trabalho da equipe. Isso nos permitiu participar das refeições e de outras atividades coletivas, promovendo maior integração ao contexto e à equipe e evitando uma postura alheia à realidade observada. Além disso, registramos nossas observações e impressões no diário de campo, de maneira que a construção dos relatos dos casos foi baseada nessas anotações.

Em resumo, entre outubro de 2023 e abril de 2024, realizamos acompanhamento semanal das sessões de equoterapia dos três praticantes selecionados, sendo uma criança e dois adolescentes. Desde o início, a pesquisa considerava a possibilidade de que a presença da pesquisadora pudesse inibir ou alterar o comportamento natural dos participantes, comprometendo, de alguma forma, o andamento dos atendimentos. Por essa razão, nos comprometemos a minimizar qualquer impacto, abstando-nos de interferir na condução das sessões pelos profissionais responsáveis. Portanto, estivemos presentes em todas as sessões, participando e interagindo nos atendimentos, mas sem intervir. Dado que a maioria dos praticantes no Instituto Passos do Vale, local das observações, são crianças ou adolescentes com diagnósticos que frequentemente dificultam ou impedem a fala, optamos também por não realizar entrevistas. Durante as sessões de equoterapia, os praticantes podiam se expressar livremente, e foi a interação com os cavalos, seja verbal ou não, que constituiu o foco de interesse desta pesquisa.

Adicionalmente, realizamos observação participante também nas reuniões semanais da equipe de atendimento, composta por uma fisioterapeuta, uma psicóloga, duas equitadoras e um tratador de cavalos. Nessas reuniões, os casos eram discutidos e a equipe compartilhava suas impressões sobre os praticantes, os cavalos e sobre si próprios, propondo estratégias para os atendimentos subsequentes. Esse contexto revelou-se uma valiosa fonte de informações para a nossa investigação, complementada pelo acesso aos prontuários dos praticantes. No que concerne aos prontuários, vale ressaltar que a seleção dos casos foi motivada pela variedade de afetos (positivos e negativos) expressados pelos praticantes, sem priorizar os diagnósticos em nossas observações, embora tenham sido também considerados. No contexto da pesquisa, alinhamo-nos de forma geral com a perspectiva de Nise da Silveira (1986) quando afirma que: “Rótulos diagnósticos são, para nós, de significação menor, e não costumamos fazer esforços para estabelecê-los de acordo com classificações clássicas” (p. 11). Assim, esses dados foram utilizados visando a construção do contexto do praticante.

Além disso, inicialmente prevíamos a utilização de desenhos, que serviriam também para a captação de material inconsciente, a fim de identificar os movimentos da energia psíquica – regressão e progressão – relativos às *forças autocurativas da psique*. Os tratamentos em equoterapia abrangem as mais diversas atividades, desde que relacionadas aos cavalos, sendo comum que se proponha aos praticantes a realização de desenhos que incluam os animais, a partir dos quais são incentivados a contar algo sobre as suas criações. No entanto, nos casos selecionados, a equipe de atendimento não considerou essa atividade

necessária para o tratamento e, portanto, ela não foi utilizada. Ainda assim, outras atividades foram feitas, as quais descreveremos caso a caso.

É importante salientar ainda que Jung (1921/2013a) considerava um grande desafio o fato de a psique ser tanto sujeito quanto objeto de conhecimento na Psicologia. Dessa forma, uma vez que objetividade e subjetividade não estão completamente separadas, o pesquisador necessariamente interfere, em algum grau, no fenômeno que pretende conhecer. Em Psicologia Analítica, conforme sintetiza Penna (2014): “Epistemologicamente, conhecimento e autoconhecimento são inseparáveis, e metodologicamente, observação e auto-observação são indispensáveis” (p. 91). Essa condição permeia desde a escolha do tema, a definição dos objetivos, a apreensão e a compreensão de todo o material, até a própria relação entre o pesquisador e o fenômeno de interesse ao longo de todo o processo. Quando não ignorada, mas sim admitida e elaborada, essa condição pode constituir um dado importante de pesquisa a ser explorado. No presente estudo, sempre que pertinente, relatamos também sobre a nossa própria experiência em campo.

Por fim, é necessário registrar que os praticantes, os seus responsáveis e a equipe foram informados sobre os esclarecimentos acerca da pesquisa, a liberdade para recusar ou retirar o consentimento de participação a qualquer momento e a garantia de que precauções seriam tomadas para evitar qualquer risco ou desconforto, bem como o resguardo do anonimato. Foi requerida a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), que estão em anexo nesta dissertação. Os protocolos éticos dessa pesquisa estão de acordo com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde e foram aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSJ, através da Plataforma Brasil, com o número 71629723.0.0000.5151.

3.2 Três conceitos fundamentais

Algumas pessoas tem a ideia de que o trabalho de campo se resume a manter o olho vivo, a estar aberto a novas impressões. Mentes abertas e olho vivo são importantes, mas um bom estudo de caso depende de disciplina. É preciso imaginar antecipadamente o que se irá passar, pois uma boa parte passará demasiado depressa ou demasiado sutilmente para ser notada (Stake, 2012, p. 31).

É por essa razão que o planejamento de uma investigação requer também uma organização conceitual, a fim de criar melhores condições para uma compreensão mais

apurada das observações, além de construir pontes com o que já é conhecido e orientar quais dados podem ser privilegiados para a análise (Stake, 2012). Embora o *afeto catalisador* possa ser equiparado a uma espécie de chave-mestra ou, como foi expresso por Nise da Silveira (2009b, p. 145), uma “mola propulsora” das mudanças psíquicas, em nosso estudo da obra da autora, notadamente dos seus casos e dos comentários psicológicos correlatos, percebemos a presença de, pelo menos, duas outras concepções que frequentemente aparecem imbricadas, ainda que nem sempre estejam explicitadas: *emoção de lidar e forças autocurativas da psique*. Conforme apontado por Damião Jr. (2021), esses três conceitos são norteadores e essenciais na compreensão dos fundamentos epistemológicos e da práxis de trabalho da psiquiatra, e foram igualmente orientadores fundamentais para o nosso trabalho de campo.

Para além de sua notável capacidade de mergulho na abstração teórica, a médica rechaçava assumir a postura distante que frequentemente caracteriza o estereótipo do intelectual isolado em um gabinete (Silveira, 2015). Ela conferia um valor precioso à sua interação direta com a prática e a experiência cotidiana, revelando uma habilidade singular em traduzir ideias complexas em conceitos operacionais acessíveis, não raro empregando nomenclaturas bastante autoexplicativas. Como uma observadora perspicaz que era, Nise da Silveira geralmente empregava termos que tinham relação próxima com os temas que permeavam a sua rotina de trabalho e que melhor descreviam os processos que julgava essenciais destacar, o que facilitava a compreensão da maioria das pessoas.

Segundo Minayo (2002), pode-se classificar as funções dos conceitos em três tipos distintos: cognitivas, pragmáticas e comunicativas. Sob a égide da função cognitiva, um conceito atua como uma ferramenta delimitadora, conferindo ordem aos objetos e aos processos, estabelecendo um delineamento que possibilita sua análise dentro de uma corrente teórica. Por meio da função pragmática, o conceito adquire operacionalidade, permitindo que o pesquisador o utilize de forma eficaz em seu trabalho de campo. No âmbito comunicativo, o conceito precisa ser formulado com clareza suficiente para ser compreendido por aqueles que compartilham do mesmo domínio de interesse. Em nosso caso, os três conceitos apresentam as três funções, mas destacamos a função pragmática dos mesmos, como ficará mais claro ao longo do capítulo.

Tendo isso posto, por uma motivação didática combinada com a experiência prática das observações no estudo de caso, decidimos abordar os três conceitos de nosso interesse – *afeto catalisador*, *emoção de lidar e forças autocurativas da psique* – com base em uma estrutura de categorização que os divide em diferentes níveis de abstração. Seguindo a

concepção de Kaplan (1972), os conceitos podem ser identificados em três tipos: os de observação direta, os de observação indireta e os conceitos teóricos. Os conceitos de observação direta são altamente operacionais e são predominantemente utilizados na fase descritiva de uma investigação. Já os conceitos de observação indireta articulam os detalhes da observação, relacionando-os ainda em uma construção derivada do campo empírico. Por fim, os conceitos teóricos articulam proposições e operam em um nível de abstração mais elevado. Neste trabalho, consideraremos o *afeto catalisador* como um conceito de observação direta, a *emoção de lidar* como um conceito de observação indireta e as *forças autocurativas da psique* como um conceito teórico. Abordaremos esses conceitos, a seguir, discutindo como eles contribuíram para a compreensão do nosso estudo de caso.

3.2.1 Afeto catalisador

Nise da Silveira (2015) cunhou o conceito de *afeto catalisador* em uma analogia aos processos químicos, nos quais um catalisador é uma substância que aumenta a velocidade de uma reação. Em contrapartida, existem igualmente elementos que atuam como agentes inibidores, retardando ou interrompendo a continuidade das reações. A psiquiatra observou que, de maneira semelhante, os monitores de sua equipe (coterapeutas) podiam desempenhar uma "função catalítica" (p. 77), impulsionando o processo de melhora psicológica dos clientes, ou, inversamente, podiam inibir esse desenvolvimento. Essas "reações" eram viabilizadas e sustentadas pela formação de vínculo afetivo entre o coterapeuta e o cliente. Assim, a conclusão foi que o tratamento possui melhores chances de bons resultados quando o sujeito encontra um ponto seguro sobre o qual possa fazer investimento afetivo, pois o afeto catalisa as *forças autocurativas da psique*, conceito que tratemos mais adiante. Não demorou muito para a médica notar que, não apenas os seres humanos, também os animais e até mesmo as plantas, poderiam exercer essa função⁴⁵.

O ponto de partida para essa compreensão de Nise da Silveira foram as suas próprias observações. Aliás, de acordo com Magaldi (2014), a psiquiatra recomendava aos monitores um tipo de observação que não deve ser subestimada como uma mera postura passiva; ao contrário, ela abarca um escopo mais amplo, incorporando a capacidade de prestar atenção às nuances das disposições corporais, às manifestações verbais, às ações e reações, bem como ao processo criativo e à produção dos clientes. Em referência ao contexto da Casa das

⁴⁵ Conforme detalhamos nos dois capítulos anteriores.

Palmeiras⁴⁶, Nise da Silveira (1986) instruía a sua equipe técnica a “permanecer atenta ao desdobramento fugidivo dos processos psíquicos que acontecem no mundo interno do cliente através de inumeráveis modalidades de expressão” (p. 11), pois, no momento oportuno, isso facilitaria o oferecimento de apoio, o *afeto catalisador*, às novas relações do sujeito com o mundo externo. A constante observação deveria capturar as sutilezas expressas no rosto, mãos e gestos, muito úteis para um entendimento mais profundo da pessoa atendida e possibilitar uma abordagem terapêutica mais precisa (Catta-Preta, 2021; Silveira, 1986, 1992). Por essa razão, consideramos o *afeto catalisador* como um conceito de observação direta, e nos inspiramos nas orientações da psiquiatra para realizar as nossas próprias observações acerca dos vínculos afetivos estabelecidos entre as pessoas e os cavalos, durante toda a fase de trabalho de campo.

Destacava-se também a importância terapêutica dos monitores, os quais, embora não fossem necessariamente psicólogos, eram encorajados a adotar uma postura de imersão no próprio processo interno e de autoconhecimento, capacitando-os a estarem presentes ao lado do cliente sem a necessidade de intervenções diretas. Similar ao contexto de atendimento clínico, ao observarem as atividades expressivas – por vezes realizando suas próprias criações – e ao interagirem com os atendidos, os monitores também experimentavam uma transformação pessoal (Catta-Preta, 2021). De igual modo, a equipe de atendimento em equoterapia não é composta apenas por psicólogos. Todos os profissionais que atuam nos atendimentos entram em contato direto com os praticantes e com os cavalos, afetando e sendo afetados por essa relação. Da mesma forma, a presente pesquisadora não é isenta no contexto de observação, sendo inevitável a mobilização de afetos relacionados tanto às pessoas quanto aos animais. Quando pertinentes, esses aspectos também foram descritos ao longo do capítulo.

Não menos relevante é a compreensão de que, na interação com os animais, por perpassar as projeções do inconsciente, o afeto despertado pode não ser positivo (Silveira, 1992, 2015). No livro *Imagens do Inconsciente*, são descritos diversos exemplos ilustrativos da relação entre os clientes e os animais coterapeutas, e podemos acompanhar uma grande variedade de afetos despertados. Já mencionamos anteriormente o caso de Carlos Pertuis, que obteve grandes benefícios por meio de sua intensa amizade com os cães Sultão e Sertanejo. Todavia, também podemos citar o caso de Octávio Ignácio, que interpretava o canto do pássaro bem-te-vi como uma acusação de suas pulsões homossexuais, levando-o a

⁴⁶ Instituição criada pela psiquiatra em 1956, destinada a facilitar a transição entre o ambiente hospitalar e a reintegração na sociedade, atendendo os frequentadores em regime de externato (Silveira, 1986).

fabricar estilingues para matá-los. Outro exemplo é o caso de Darcy, que experimentava intensa ansiedade ao ver os cães e gatos, pois acreditava ver fogo emanando dos olhos deles (Silveira, 2015). Desse modo, é importante analisar todos esses afetos, reconhecendo que a expressão de um afeto negativo não é necessariamente prejudicial ao desenvolvimento do tratamento. Por essa razão, neste trabalho, optamos por selecionar casos que trouxessem diferentes aspectos na relação com os cavalos, e que os principais afetos despertados fossem diferentes entre si.

3.2.2 Emoção de lidar

O termo *emoção de lidar* foi empregado por um dos clientes da Casa das Palmeiras, Luís Carlos, durante uma atividade em que, inicialmente, planejava confeccionar um gato utilizando a técnica de bordado. No entanto, ao observar um pedaço de veludo, expressou à monitora o desejo de empregar esse material e, por meio de uma colaboração ativa entre os dois, o gato foi gradualmente confeccionado. Finalizado o trabalho, Luís Carlos demonstrou grande afeto e destacou a maciez do seu gato aveludado. Posteriormente, ele compôs um poema: "Gato simplesmente angorá do mato/ Azul olhos nariz cinza/ Gato marrom/ Orelha castanho macho/ Agora rapidez/ Emoção de lidar" (Silveira, 1998, p. 30). *Emoção de lidar* surgiu assim como uma excelente alternativa ao termo "terapêutica ocupacional", o qual era bastante desaprovado por Nise por considerá-lo pesado demais e incapaz de transmitir a ideia de ser uma atividade expressiva, envolvendo emoções e conteúdos internos. O conceito de *emoção de lidar* se refere ao contato com o mundo das materialidades e as emoções despertadas pela manipulação dos mais diferenciados materiais de trabalho (Silveira, 1986).

No desenvolvimento dessa concepção, a doutora Nise utilizou não apenas o arcabouço teórico de C.G. Jung, mas também incorporou sobretudo os estudos sobre a imaginação material propostos por Gaston Bachelard (1884-1962). Um dos temas teóricos de maior interesse na Casa das Palmeiras era a análise da natureza dos materiais utilizados nas atividades, bem como as variações de adaptação e preferência manifestadas pelos clientes em relação à manipulação desses materiais. A médica expressava espanto diante do fato de que foi surpreendentemente um filósofo quem pioneiramente iniciou a investigação sobre a relevância psicológica do trabalho com materiais⁴⁷ (Melo, 2000, 2001; Silveira, 1986). A imaginação material bachelardiana se manifesta através do confronto direto com a

⁴⁷ Além disso, ela reconheceu o mérito do psiquiatra Paul Sivadon por introduzir as ideias de Bachelard no âmbito da psiquiatria e por aplicá-las à prática da terapêutica ocupacional (Silveira, 1986).

materialidade do mundo, sendo movida pela ação transformadora da mão humana diante de um ambiente resistente. O verdadeiro ato de imaginação não se restringe à contemplação puramente visual, mas sim incorpora-se plenamente no corpo do sujeito. O ato de imaginar se realiza por meio da corporeidade (Bachelard, 1991).

Em nosso estudo de caso, logo percebemos três elementos principais que tornam *emoção de lidar* um conceito importante:

- 1) O contato corporal: a prática de montar um cavalo envolve a utilização do corpo inteiro. O praticante deve reposicionar-se constantemente para acompanhar os movimentos do animal, utilizar as pernas e o tronco para manter o equilíbrio, as mãos para guiar e os olhos para observar. Esse engajamento corporal completo provoca uma variedade de emoções;
- 2) O corpo do cavalo: cada cavalo possui uma textura de pelagem distinta, com variações nas crinas – lisas, onduladas, macias ou ásperas – bem como diferentes cores e padronagens, temperaturas, alturas, conformações corporais e odores. O toque no animal representa uma experiência sensorial complexa;
- 3) Os materiais para os cuidados básicos do animal e para a montaria: existe uma ampla gama de materiais utilizados, como escovas, rasqueadeiras, panos, diferentes tipos de mantas, selas – largas, estreitas, macias, duras, com ou sem encosto –, estribos e rédeas, entre outros. Esses materiais influenciam as preferências dos praticantes de equoterapia, que também selecionam um vestuário específico, incluindo calças, botas, chapéus, capacetes e outros acessórios. A emoção gerada pelo contato com o cavalo pode ser despertada tanto pelo toque direto no animal quanto pelas interações com os materiais utilizados.

Dessa forma, a experiência emocional no manejo e interação com cavalos é mediada por uma combinação de envolvimento corporal, sensações táteis proporcionadas pelo próprio animal e pelo uso dos materiais específicos empregados na prática.

No exemplo citado do gato de veludo, os conteúdos emocionais foram eliciados tanto pela interação com o material quanto pela finalidade de seu uso. O veludo macio provocou uma forte reação emocional, mas, sem dúvida, o gato de veludo foi o resultado de uma elaboração emocionalmente envolvente e, nesse sentido, pode ser considerado também uma derivação do *afeto catalisador*. Em nosso estudo de caso, entendemos que a *emoção de lidar* pode permear vários elementos do ambiente equestre, nos quais tudo remete primariamente à relação com o cavalo. Assim, consideramos *emoção de lidar* como um conceito indireto, pois ainda compõe o plano da observação empírica, mas a sua articulação ocorre nos detalhes

das interações com os vários elementos que, por sua vez, se constroem inseridos no contexto afetivo com o próprio animal. Por exemplo, o afeto despertado pela interação com uma sela específica reflete não só a relevância psicológica daquele material, mas também infere sobre a relação emocional com o cavalo como um todo.

Outrossim, a *emoção de lidar* tem um destaque justificado em razão de possibilitar um trabalho em um nível não verbal⁴⁸, o que em nosso caso constitui uma vantagem, dado que os praticantes de equoterapia podem apresentar uma série de diagnósticos que dificultam a fala, por exemplo, o autismo não verbal. Referindo-se aos casos mais graves de esquizofrenia, Nise da Silveira (2015) comenta que a comunicação eficaz com o cliente pode se tornar uma proeza quase inatingível quando fixada apenas nas interações pela fala. Muitas vezes é necessário antes que o processo de cura tenha progredido consideravelmente antes de ser possível um uso mais ostensivo da linguagem verbal. Daí a aposta em atividades que possibilitem a expressão de experiências difíceis de serem verbalizadas, ainda mais por sujeitos constantemente invadidos pela profusão das imagens do inconsciente (Silveira, 2015). Por essa perspectiva:

O contato com estes materiais – argila, papel, tinta, madeira, lã, gesso etc. – e suas variadas densidades – duro, mole, áspero, liso, seco, molhado etc. – servem de estímulo para que a imaginação, que se achava em um fluxo hemorrágico, encontre um ponto de apoio numa imagem privilegiada (Melo, 2000, p. 83).

Vale dizer, porém, que todas as atividades são expressivas, no sentido de ser possível perceber a expressão de emoções. É imperativo que o monitor ou a pessoa responsável seja um observador habilidoso o suficiente para compreender as reações das pessoas durante a realização de qualquer atividade, "seja a maneira de empunhar um serrote ou até o bater de um martelo" (Silveira, 1986, p. 13). No entanto, o termo "atividades expressivas" é especificamente associado àquelas que oferecem maior oportunidade para a expressão espontânea e ampla das emoções, permitindo que o mundo interno do sujeito se manifeste.

Através das atividades expressivas são proporcionadas oportunidades para que a variedade de conteúdos arcaicos mais profundos e, por conseguinte, os instintos mais básicos

⁴⁸ No entanto, conforme Melo (2001), isso não implica que a linguagem verbal deva ser desconsiderada, uma vez que as imagens do inconsciente também se manifestam nesse formato, assim como através de cantos, danças, rituais, entre outros. Inclusive, tanto Nise quanto seus colaboradores sempre registravam até mesmo as mais fragmentadas frases proferidas durante as atividades expressivas. Assim, deve ser considerada uma integração entre a expressão plástica e a verbal. Por outro lado, Nise da Silveira (1956) também argumentou que, em muitas ocasiões, a expressão verbal estava demasiadamente condicionada a ocultar as verdadeiras emoções e pensamentos das pessoas, uma vez que é o meio de comunicação mais utilizado e valorizado.

e impulsivos possam emergir de forma gradual e controlada, utilizando como metodologia os meios de expressão que a própria humanidade desenvolveu ao longo de milênios para manifestá-los, ou seja, a dança, a pintura, a modelagem, a música, entre outros (Silveira, 1956, 1986, 1992, 2015). As atividades expressivas podem adquirir, portanto, uma profunda significância psicológica, ao mesmo tempo em que possuem um valor terapêutico intrínseco, notadamente eficazes para os indivíduos mais regredidos, pois são propostas “de atividades vivenciadas e utilizadas pelo homem primitivo para exprimir suas violentas emoções” (Silveira, 1986, p. 16). Por exemplo, indivíduos psicóticos tendem a demonstrar uma rapidez surpreendente ao pintar, projetando abruptamente as imagens do inconsciente. No entanto, à medida que as atividades vão acontecendo e a consciência começa a ter chance de intervir, a produção vai diminuindo de velocidade (Silveira, 1956, 1992, 2015).

Em sua prática clínica, Jung (1916/2013n) frequentemente sugeria que os pacientes expressassem seus sentimentos, sonhos e fantasias por meio da objetivação das imagens em pinturas, desenhos, entre outros meios. Essa abordagem permite que o indivíduo se torne mais consciente de sua condição afetiva, pois o processo de enriquecimento e ilustração do afeto possibilita uma aproximação com o campo da consciência ao tornar os afetos não apenas visíveis, mas também mais compreensíveis. Segundo ele, “muitas vezes as mãos sabem resolver enigmas que o intelecto em vão lutou por compreender” (p. 33). Assim, busca-se estabelecer uma estreita conexão entre “olho e mão, sentimento e pensamento, corpo e psique, primeiro passo para a realização do todo específico que deverá vir a ser a personalidade de cada indivíduo sadio” (Silveira, 1986, p. 11).

Por isso, o material utilizado desempenha um papel muito significativo. Segundo a psiquiatra, “uma coisa é amolar o barro, obediente aos dedos, e outra coisa é travar combate com a madeira ou com o metal, e isso não é só do ponto de vista da força física de que o indivíduo disponha, mas, principalmente, do ponto de vista psicológico” (Silveira, 1956, p. 351). Em uma atividade de gravura, por exemplo, o indivíduo se depara com a manipulação de materiais como madeira ou metal, os quais apresentam uma considerável resistência. Este tipo de atividade não se caracteriza por sua expansividade, pois não envolve exploração de cores ou movimentos amplos. O gravador precisa concentrar-se nos detalhes, demonstrar paciência ao traçar as linhas e observar as nuances de claro e escuro. Devido a essas características, a gravura é uma atividade mais propícia para os sujeitos compulsivos ou que necessitem expressar hostilidades e tendências destrutivas reprimidas. No entanto, o manuseio de serras, martelos e pregos pode não ser muito atraente para todas as pessoas e,

em alguns casos, seria até imprudente. Por outro lado, as tintas, em virtude de sua cor e maleabilidade, são geralmente melhor recebidas (Silveira, 1956, 1986).

Conforme discutido no capítulo anterior, a prática de andar a cavalo acompanha a história da humanidade e, em algumas regiões do Brasil, continua a ser amplamente praticada, como é o caso do interior de Minas Gerais, onde aconteceram as observações da pesquisa. Consideramos que a equitação permite a expressão e a elaboração de muitos afetos, também ao modo como os seres humanos a desenvolveram ao longo de milênios. A montaria pode ser realizada de algumas maneiras, contudo, acertar o compasso é uma interação quase coreográfica entre cavaleiro e cavalo. Pode-se dar vazão à agitação interior através de um galope veloz ou acalmar os ânimos com um passo tranquilo, por exemplo. Por isso, as andaduras do cavalo – passo, trote e galope – também devem ser considerados, bem como as diferentes amplitudes de suas passadas – antepistar, sobrepistar e transpistar⁴⁹ – que alteram a sensação de movimento e ritmo durante o ato de montar. Ademais, o processo de encilhamento, que consiste em colocar a manta, sela e rédea, elementos básicos para a montaria, exige memória, atenção, força, habilidade manual e flexibilidade, a fim de resistir e manipular diversos componentes para alcançar um todo coeso e harmonioso com o cavalo.

3.2.3 Forças autocurativas da psique

Nise da Silveira criou a Seção de Terapêutica Ocupacional em maio de 1946. Antes mesmo do término daquele ano, a primeira exposição dos trabalhos elaborados pelos clientes já havia sido realizada. Dentro do ambiente do ateliê de pintura, era comum observar a criação de imagens circulares ou com uma tendência à forma circular. E, embora inicialmente a psiquiatra não possuísse conhecimentos específicos sobre aquele tipo de imagem, esse fenômeno despertou o seu interesse, levando-a a começar a reunir essas produções, logo angariando uma grande quantidade. Persistia, porém, a sua incerteza teórica em relação a essas representações, o que também a motivou a se corresponder com o próprio C.G. Jung, em 1954, quando ele lhe confirmou serem mandalas. Ainda assim, foi somente em 1957, após ter acumulado uma extensa coleção, que a médica iniciou um estudo mais aprofundado sobre o simbolismo dessas produções (Silveira, 2015).

⁴⁹ Transpistar ocorre quando a impressão do casco posterior ultrapassa a marca deixada pelo casco anterior, indicando uma frequência de passos menor. No sobrepistar, a pegada do casco posterior coincide com a do casco anterior, caracterizando uma frequência média. Por outro lado, no antepistar, a pegada do casco posterior fica atrás da pegada do casco anterior, denotando uma frequência de passos maior.

A investigação das imagens de mandalas é de suma importância para compreender a concepção da autocura psíquica. Em 1959, Nise da Silveira (2015) teve acesso à versão inglesa de um texto de Jung abordando o tema das mandalas, no qual ele afirmou:

Em geral, o mandala aparece em estados de dissociação psíquica ou de desorientação. [...] Em tais casos vemos nitidamente como a ordem rigorosa de tal imagem circular compensa a desordem e perturbação do estado psíquico, e isso através de um ponto central em relação ao qual tudo é ordenado; ou então é construída uma ordenação concêntrica da multiplicidade desordenada dos elementos contraditórios e irreconciliáveis. Trata-se evidentemente de uma *tentativa de autocura da natureza*, que não surge de uma reflexão consciente, mas de um impulso instintivo (Jung, 1955/2014e, pp. 393-394, grifo do autor).

A partir disso, à medida que ela se deparava com as diferentes manifestações de mandalas nas pinturas dos clientes, “naturalmente suas funções ordenadoras e curativas ocuparam o primeiro plano de meu interesse” (Silveira, 2015, p. 60). As imagens circulares, ou próximas ao círculo, conferem forma visível aos movimentos instintivos de defesa da psique, ativados nos episódios de perturbação de seu equilíbrio. Dessa forma, considerando as necessidades do seu trabalho clínico em um hospital psiquiátrico, de acordo com Melo (2010b), não é surpreendente que a mobilização das *forças autocurativas da psique* tenha se estabelecido como um tema privilegiado para Nise da Silveira.

Assim, pela análise das variações presentes em mandalas, tornou-se perceptível que na esquizofrenia, por exemplo, a frequência elevada de produção de mandalas com bordas pontiagudas, sinalizam uma tentativa de autoproteção contra ameaças externas ou mesmo uma defesa a fim de evitar que outras forças contrárias e dissociativas prevaleçam. Por outro lado, a presença de mandalas harmoniosas indicaria uma intensa mobilização das *forças autocurativas da psique* para compensar a desordem interna, um fenômeno bastante útil para uma avaliação prognóstica. Bem como, uma evidência também de que mesmo em condições extremamente adversas, as forças inconscientes de defesa permanecem vivas, em um esforço para contrabalançar a dissociação consciente. No entanto, são enormes as dificuldades enfrentadas na tentativa de organizar o caos que pode dominar a psique do indivíduo, resultando em um constante fluxo invasor no qual as forças autocurativas podem temporariamente imergir, muitas vezes, retrocedendo para o inconsciente (Silveira, 2015).

De todo modo, as tentativas de estabelecer uma ordem interna, juntamente com os esforços para reintegrar-se ao mundo externo, tendem a ser mais eficazes e sustentáveis quando o ambiente oferece ao sujeito um ponto razoável de investimento afetivo, ou seja, quando há presença de *afeto catalisador*. Além disso, quando se concede oportunidade para a livre expressão, pode-se observar que a pulsão criativa continua presente e se direciona à consciência em um processo de reestruturação psíquica, amplamente auxiliada se a atividade escolhida envolver genuína emoção, a *emoção de lidar* (Melo, 2001, 2010b; Silveira, 1992, 2015). Por essa razão, nesta pesquisa, consideramos as *forças autocurativas da psique* como um conceito teórico, posto que articula as demais proposições e opera em um maior nível de abstração. Nas representações de mandalas, esses processos tornavam-se visíveis; no entanto, isso obviamente não significa que eles não ocorram quando estão invisíveis. Nem todos os clientes de Nise produziam mandalas ou outras pinturas em série, mas era através do desenvolvimento do sujeito no tratamento que se inferia a presença das forças autocurativas defensivas ou compensatórias em ação. De maneira semelhante, inferimos essas forças nos casos selecionados para este estudo de caso, conforme descreveremos.

3.3 A instituição: o ambiente, a equipe e os atendimentos

Nise da Silveira (1986, 1992, 2015) enfatizou repetidamente a importância do ambiente no contexto terapêutico. Para ela, o local de tratamento deveria ser acolhedor e livre de pressões coercitivas, a fim de que ele próprio pudesse funcionar como um agente terapêutico. A psiquiatra defendia que o *afeto catalisador*, capaz de mobilizar as *forças autocurativas da psique*, permeava não só a atitude de disposição dos monitores e a presença dos coterapeutas animais, mas também a ambientação em geral. Como exemplo contrário, ela mencionou em diversas ocasiões o quanto o ambiente típico de um hospital psiquiátrico – frequentemente caracterizado pela feiura, frieza e tons cinzentos – poderia ser prejudicial ao processo de cura. Por essa razão, descreveremos o ambiente de nossas observações, com o objetivo de compor nossa análise sobre o afeto. Em seguida trataremos acerca da equipe e, logo após, sobre o tratamento oferecido em equoterapia naquela instituição.

O Instituto Passos do Vale está localizado na cidade de São João Del Rei, um município brasileiro situado no interior de Minas Gerais. Historicamente, desde o período colonial, o desenvolvimento social e econômico de Minas Gerais tem sido intimamente associado aos cavalos. Durante o ciclo da mineração, por exemplo, o estado mineiro era o principal comprador dos cavalos produzidos no sul do país. Na contemporaneidade, o estado

se destaca nacionalmente tanto pela produção de equídeos quanto pela fabricação de selas e acessórios de selaria, evidenciando uma enorme relevância nesse setor. Em função dessa tradição, para muitos habitantes das regiões rurais mineiras a presença de cavalos e o contato direto com esses animais não é algo incomum (Vieira, 2011).

Os idealizadores do Instituto Passos do Vale não são exceção a essa realidade. Inicialmente, a instituição funcionava como um haras de gestão familiar que oferecia aulas de equitação. Em 2016, ao perceberem o bem-estar proporcionado pelo convívio com cavalos à própria família e diante de diversas demandas diagnósticas dos alunos, começaram a estudar equoterapia. Isso levou à criação do Projeto Thomás, consistindo no atendimento gratuito de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social de São João Del Rei e de cidades vizinhas, como Prados, Resende Costa, Tiradentes e Santa Cruz de Minas. Com o aumento da demanda ao longo dos anos, outros projetos foram desenvolvidos, culminando na substituição do antigo Projeto pelo atual Programa Thomás, no ano de 2021, o que ampliou substancialmente a oferta de ações e serviços. Desde então, o Instituto Passos do Vale já atendeu aproximadamente 200 pessoas, incluindo crianças, adolescentes e adultos. Seu principal objetivo é contribuir para o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com diversidade funcional que se encontram em situação de vulnerabilidade social, utilizando o tratamento de equoterapia e abrangendo áreas como esporte, assistência social, saúde, educação, cultura e lazer.

Ao adentrar o Instituto, somos imediatamente cativados por seu aspecto bucólico. A paisagem é pontilhada por árvores, gramados verdes, folhagens e flores em profusão. Uma horta abundante em verduras, ervas medicinais e frutas variadas complementa o cenário, tendo ao fundo a vistosa Serra do Lenheiro. Quase sempre, as pessoas são recepcionadas por algum cachorro, especialmente pela afetuosa e simpática vira-lata Lili. Se nos permitirmos um momento de silêncio, logo percebemos o canto de diversos pássaros e, com um olhar atento aos galhos, pode-se ter a sorte de avistar algum mico-estrela em suas andanças. À direita, encontra-se o primeiro redondel, com chão de areia fofa. Prosseguindo, à esquerda, avistamos um vasto picadeiro com cobertura e solo de terra batida. Ao olhar em volta, somos surpreendidos pelas paredes coloridas, adornadas com reproduções de pinturas famosas, principalmente de Van Gogh e outros mestres clássicos. Mais adiante, há um refeitório ao ar livre, com duas mesas compridas e cadeiras numerosas, em que a decoração é dominada por diversas plantas, especialmente suculentas. O Instituto conta ainda com uma capela, um lago com peixes, alguns balanços de madeira no jardim e um galpão destinado a reuniões maiores. Há também um segundo e amplo picadeiro ao ar livre, com chão de grama e terra, além de

outro redondel maior, igualmente descoberto e com chão de areia. As baias cobertas, onde os cavalos descansam, são abertas da metade para cima e conectadas entre si, permitindo que os animais se vejam e interajam, além de poderem observar o movimento do haras. A manutenção diária das baias garante um ambiente higiênico, refletindo um cuidado que permeia toda a instituição.

Durante a pesquisa, a equipe de atendimento era composta por duas equitadoras, um tratador, uma psicóloga, uma fisioterapeuta e cinco cavalos⁵⁰. Além disso, havia uma equipe de administração e coordenação, com apoio também de assistente social, veterinário e outras especialidades quando necessário. Conforme ressaltado por Roma (2016), é de suma importância que os profissionais envolvidos com TAA possuam não só conhecimento teórico relacionado à essa modalidade de tratamento, à sua respectiva profissão, aos procedimentos terapêuticos e ao manejo animal, mas também demonstrem habilidades interpessoais para colaborar de maneira eficaz com o trabalho em equipe. Embora essa colaboração não necessariamente resulte em laços de amizade, qualquer empreendimento colaborativo que vise objetivos comuns requer que os participantes estabeleçam vínculos que permitam a percepção e interpretação adequadas dos comportamentos dos colegas, contribuindo assim para a efetividade nos atendimentos. São aspectos essenciais a promoção da comunicação aberta e o desenvolvimento de estratégias para compreender e avaliar as características relacionais que promovam uma melhor integração do grupo. O trabalho em equipe, evidentemente, não visa eliminar as especificidades das diferentes profissões, porém “apenas com esforço consciente para atuar de modo interdisciplinar forma-se uma equipe de trabalho em condições de ser terapêutica” (p. 146). Nesse sentido, a ausência de vínculos efetivos entre os terapeutas, os profissionais da equitação e os animais pode resultar em uma condução fragmentada do atendimento, potencialmente gerando sentimentos de confusão inclusive nos praticantes.

Na estrutura organizacional em questão, pudemos observar, acompanhar e participar de três movimentos que se destacaram na promoção de laços entre os membros da equipe: 1) as reuniões de equipe, intituladas como "estudo de caso", nas quais os profissionais se reúnem semanalmente para analisar os casos e estabelecer metas coletivas, proporcionando espaço para a expressão de opiniões por parte de todos; 2) os programas de capacitação em equitação e *horsemanship*, além dos passeios livres à cavalo pelas trilhas nos arredores, contribuindo para aproximar os colaboradores do convívio mais próximo com os equinos;

⁵⁰ Trataremos especificamente sobre os cavalos no próximo tópico.

3) os horários de intervalos compartilhados e as festas de aniversário. Os profissionais se habituaram a levar comida espontaneamente para os demais colegas, bem como a organizar refeições coletivas, visando desfrutar juntos de momentos agradáveis, dividindo os custos e tarefas associadas. Ademais, na cultura institucional, todos os aniversariantes recebem uma festa com bolo, bebidas e outros lanches, proporcionando um dia de maior convívio descontraído entre o grupo.

No entanto, é igualmente fundamental destacar que uma relação afetiva não implica exclusivamente na evocação de afetos positivos; pelo contrário, e é crucial entender que se pode também aprender muito com os afetos negativos. Homogeneizar as divergências não promove o crescimento individual nem o coletivo, portanto, o trabalho em equipe exige um esforço contínuo de aprimoramento e diálogo, algo que também observamos na instituição.

De modo geral, a equipe de atendimento não possuía contato direto com cavalos antes de iniciar suas atividades no Instituto, e alguns membros até apresentavam medo ou receio. No entanto, esses sentimentos foram mudando gradualmente conforme a participação em cursos e o trabalho diário lidando com esses animais. Em nossas observações, identificamos elementos interessantes nas falas espontâneas dos profissionais, que evidenciam algumas projeções e identificações com os cavalos. Em geral, eles tendem a demonstrar maior afinidade com os cavalos cuja personalidade percebem como semelhante à sua própria e a sentir mais irritação com aqueles que consideram diferentes de si. A preferência é também maior por cavalos com os quais tiveram um trabalho mais próximo e desafiador, em que foi possível estabelecer uma parceria afetiva mais individualizada, em vez daquela normalmente diluída na equipe maior. Além disso, eles identificam e relatam sentimentos nos cavalos que parecem muitas vezes coincidir com os seus próprios e frequentemente verbalizam frases que acreditam traduzir os pensamentos dos animais naquele momento. Por exemplo, os cavalos possuem uma rotina específica para horários de atendimento e alimentação. Em um determinado dia, devido a imprevistos nos atendimentos, o horário foi atrasado e um dos cavalos, Prata, não retornou para sua baia, permanecendo no picadeiro. Pela janela, uma das equitadoras percebeu que o cavalo olhava fixamente para a equipe e raspava os cascos no chão em sinal de descontentamento. Então, como se estivesse lendo os pensamentos do animal, ela disse: “E aí, pessoal? Deu meu horário. Cadê o meu almoço? Eu vou ficar aqui?”. Em seguida, comentou que também estava com fome e queria ir almoçar.

Mesmo entre aqueles que não se imaginam trabalhando com cavalos por toda a vida profissional futura, observa-se algum movimento pessoal de aproximação, como o desejo de incluí-los em suas vidas por razão de lazer ou até a adoção de peças de vestuário e acessórios

relacionados aos cavalos – por exemplo, pingentes de ferradura – o que entendemos ser também um processo de integração. Segundo Lima (2018), o valor afetivo atribuído ao cavalo é influenciado pela forma como a pessoa classifica o animal; por exemplo, se ele é visto apenas como uma mercadoria a ser negociada, o vínculo afetivo tende a ser reduzido. De mesmo modo, se for visto apenas como uma simples ferramenta de trabalho, a conexão emocional fica prejudicada. Por isso, é pertinente que as relações entre os profissionais e os animais sejam continuamente trabalhadas, exigindo um envolvimento ativo, em que os colaboradores devem engajar-se nas oportunidades de interação com os cavalos. Na instituição, os profissionais são incentivados a se aproximar e a montar sempre que surge um intervalo vago entre os atendimentos.

No Instituto, os atendimentos são realizados após a verificação de que o praticante e sua família atendem aos critérios de participação estabelecidos. É exigido que o praticante possua um diagnóstico fechado ou um encaminhamento médico. Além disso, realiza-se uma avaliação socioeconômica conduzida por uma assistente social, bem como uma avaliação biopsicossocial realizada por profissionais especializados, a equoterapeuta/fisioterapeuta e a equoterapeuta/psicóloga. Para a conclusão dessa avaliação são necessários no mínimo 10 atendimentos. Durante esse processo, os profissionais conduzem uma anamnese e uma avaliação detalhada, com o objetivo de compreender as demandas específicas do praticante e determinar se a equoterapia é uma intervenção adequada para o caso. Obtendo essa confirmação, o praticante é aceito no Programa e, então, estratégias e atividades específicas são desenvolvidas para atender às suas necessidades. O prazo máximo de tratamento é de dois anos e, após esse período, é feita uma devolutiva final com a família, com o acréscimo de encaminhamentos para outros profissionais quando necessário. Além disso, a vaga é aberta e outro praticante é chamado a partir de uma lista de espera.

Entende-se que a equoterapia transcende o ato de montar a cavalo, começando no momento da chegada do praticante ao local. Como previamente descrito, o ambiente é rico em estímulos naturais, e toda a equipe adota uma postura de abertura afetiva na recepção dessas pessoas, mantendo-se atenta às relações interpessoais entre os frequentadores. Todos os praticantes iniciam seus tratamentos com um processo de aproximação ao cavalo, cujo foco é estabelecer conforto na presença do animal antes de efetivamente montá-lo. Realizam-se atividades no solo, como alimentar, dar banho, escovar e encilhar o cavalo. Essas atividades visam ensinar o cuidado com o animal e, por extensão, de si mesmo, além de promover um contato mais próximo a fim de criar laços afetivos. Estimula-se que o praticante toque o cavalo e faça carinho nele, além de conhecer mais sobre o animal, como

seu nome, características e preferências, visando ao estabelecimento de um vínculo. Durante a montaria, são definidos objetivos específicos para cada praticante, de acordo com seu grau de autonomia e habilidade no manejo do cavalo. O tempo total da sessão, desde a colocação do capacete de segurança até a despedida do cavalo, é de 30 minutos.

Durante o período analisado, o Instituto Passos do Vale oferecia programas de Hipoterapia e de Educação/Reeducação. Conforme as diretrizes da ANDE-Brasil (2008), a equoterapia é implementada por meio de programas adaptados às necessidades e potencialidades de cada praticante. Existem 4 programas básicos:

1) Hipoterapia: é um programa de reabilitação destinado a pessoas com diversidade funcional que não possuem condições físicas e/ou cognitivas para se manterem sozinhas sobre o cavalo. O praticante, portanto, não realiza a equitação e necessita de um auxiliar-guia para conduzir o cavalo, além de um auxiliar lateral para garantir sua segurança montado. As ações são predominantemente conduzidas por profissionais da área de saúde;

2) Educação/Reeducação: esse programa pode ser aplicado tanto na área de saúde quanto na de educação/reeducação. O praticante possui condições de exercer influência sobre o cavalo e pode até conduzi-lo, necessitando em menor grau do auxílio do guia e do auxiliar lateral. A atuação dos profissionais de equitação é mais intensa, embora os exercícios devam ser programados pela equipe interdisciplinar. O cavalo continua a oferecer benefícios por meio de seu movimento tridimensional e multidirecional, mas o praticante já interage com o animal e o ambiente de forma mais intensa. Ainda não se pratica equitação ou hipismo, porém o cavalo também funciona como um instrumento pedagógico mediador;

3) Pré-Esportivo: aplicável nas áreas de saúde ou educação, esse programa é indicado para praticantes que têm boas condições de atuar e conduzir o cavalo. Embora não pratiquem equitação formalmente, podem participar de pequenos exercícios específicos de hipismo, programados pela equipe. A atuação do profissional de equitação é mais intensa, ainda que a orientação dos profissionais de saúde e educação continuem sendo necessárias. O cavalo é usado principalmente como um instrumento de inserção social;

4) Paraequestre: nesse programa, o praticante deve ter boas condições para montar e já pode participar de competições hípcas. O objetivo é proporcionar prazer pelo esporte, estimulando também efeitos terapêuticos, como a melhora da autoestima, autoconfiança e qualidade de vida, além de promover a inserção social e, inclusive, preparar atletas de alta performance. A atuação do profissional de equitação é mais intensiva, contudo, ainda é necessário algum suporte dos profissionais das áreas de saúde e educação.

Vejamos a seguir sobre os cavalos coterapeutas membros da equipe de atendimento.

3.4 Os cavalos coterapeutas

De acordo com Perrone (2003), a escuta de uma história de vida, de fatos externos, possibilita uma compreensão também da vida interna do indivíduo. De forma similar, Von Franz (1998) argumenta que ao ouvirmos a narrativa de uma biografia, devemos interpretá-la como se fosse um conto simbólico, uma vez que os acontecimentos biográficos revelam adicionalmente os aspectos daquela vida interior. Baseando-nos em nossas conclusões sobre a personalidade⁵¹ dos animais coterapeutas e considerando as observações de campo, serão descritos os perfis de cada um dos cinco cavalos que participaram ativamente das sessões de atendimento durante o período da pesquisa: Beicinho, Fascínio, Paloma, Prata e Zorro⁵². No entanto, devido ao fato de muitos desses animais terem sido recebidos por meio de doações, é difícil obter informações detalhadas sobre as suas vivências pregressas, assim, a intenção é apresentar um panorama geral que ilustre as principais características de cada um deles.

Apesar da prática institucional de manter o mesmo cavalo para cada praticante, visando fortalecer os vínculos afetivos estabelecidos e alcançar os objetivos terapêuticos, ocasionalmente ocorre a substituição do animal. Essas mudanças podem acontecer por diversas razões, desde questões práticas como a necessidade de descanso⁵³ do cavalo principal ou problemas de saúde, até motivos experimentais como a avaliação dos efeitos psicológicos e fisioterapêuticos decorrentes da utilização de diferentes cavalos para um determinado praticante. Portanto, todos esses cavalos são relevantes, ainda que não sejam declaradamente incluídos nos casos a serem relatados posteriormente.

Beicinho é o menor dos cavalos do haras, um pequeno equino com os seus modestos 1,14 metros de altura. Ainda é incerto se ele seria um tipo de pônei ou o resultado de alguma misteriosa mistura genealógica. Uma das equitadoras acredita firmemente que há no sangue dele uma parte Piquira, e isso é bem provável, já que essa raça é de origem mineira e tem se espalhado por todo o Brasil, fruto de cruzamentos selecionados entre animais de pequeno porte. Beicinho chegou ao haras em 2022, trazendo consigo um nome que carrega uma pitada de humor. Seu beicão, grande e caído quando ele está relaxado, lhe confere uma expressão

⁵¹ Ver segundo capítulo desta dissertação, no tópico: “Reflexões acerca dos animais na função de coterapeutas”.

⁵² Existem outros cavalos na instituição; entretanto, durante o referido período, eles não participaram ativamente dos atendimentos. Isso se deve a uma diversidade de fatores, por exemplo, por estarem ainda em treinamento, passando por algum tratamento de saúde ou mesmo por não terem se adaptado aos programas de hipoterapia ou educação/reeducação e estarem aguardando o início do projeto pré-esportivo. Entre esses cavalos estão Apolo, Árion, Gigi, Malia e Rayara.

⁵³ Na avaliação dos veterinários que atendem o Instituto, o trabalho que os cavalos realizam na equoterapia é considerado leve e muito aquém dos seus limites físicos. No entanto, a instituição opta por revezá-los sempre que possível, a fim de garantir o bem-estar dos animais.

engraçada que conquista a simpatia da maioria das pessoas. Antes de ser resgatado, ele perambulava livremente entre alguns prédios próximos, sendo utilizado por quem quer que desejasse montar nele, cada um ao seu modo, sem muitos cuidados. Aliás, a sua chegada foi precedida por pedidos de adoção, pois Beicinho tinha se tornado uma figura explorada, possivelmente maltratada, e algumas pessoas estavam condoídas dele. De fato, movimentos bruscos o assustam facilmente, sugerindo que ele tenha sofrido algum tipo de trauma, talvez até violência, embora seu corpo não exiba cicatrizes físicas. Ele é um cavalo dócil e bonzinho, mas sempre alerta. E, quando se assusta, pode até empinar. Desde que passou a viver no haras, o trabalho constante vem suavizando seu temperamento assustado, embora a equipe saiba que certos traumas nunca desaparecem completamente. Beicinho ainda desconfia de sacolinhas plásticas e de objetos lúdicos usados nos atendimentos, recusando-se a aceitá-los como parte de seu mundo. Estima-se que ele tenha cerca de 15 anos de idade. Sua pelagem é de um castanho avermelhado, com uma crina preta, volumosa e grossa. É um macho castrado, pesando em torno de 260 kg. Seus passos são curtos, mas rápidos, executando sobrepistar e antepistar com naturalidade, porém o passo alongado não está em seu repertório. Na sua relação com os outros animais, em liberdade, Beicinho assume uma postura dominante, todavia, durante o atendimento, mostra-se tranquilo. Ele aceita bem a montaria e o apeio do solo, porém a plataforma para montar ainda o assusta. Dada a sua baixa estatura, isso não é uma dificuldade; colocar um praticante sobre ele é tarefa fácil. Embora seu estilo assustadiço possa inicialmente ser percebido como problemático, há ocasiões em que tal característica proporciona situações interessantes para os praticantes, como será descrito posteriormente em um dos casos. Ele pode ser também inquieto quando conduzido pelo guia⁵⁴, mexendo a cabeça frequentemente. Quando conduzido pelo praticante, adapta-se sem maiores problemas, exceto quando avista um pedaço de grama irresistível. Nesses momentos, ele se lança em direção, retirando as rédeas das mãos do praticante, mas não fica nervoso quando precisa ser impedido. Além disso, ele chama atenção por ser um cavalo de hábitos impecavelmente higiênicos, mantendo sua baia sempre organizada e nunca fazendo suas necessidades perto de onde dorme. As pessoas costumam se referir a ele usando um tom brincalhão ou agradável, e ele parece gerar muito mais afetos positivos do que negativos na equipe. Beicinho é, sem dúvida, uma pequena grande personalidade do lugar.

⁵⁴ Guia é o profissional que, naquele atendimento, assume o dever de conduzir o cavalo, utilizando-se para isso de uma corda a qual também se dá o nome de guia. Quando o cavalo é conduzido pelo praticante daí se utiliza a rédea.

Fascínio trabalhava carregando turistas nos fins de semana em Tiradentes, cidade vizinha. Isso lhe criou uma dificuldade peculiar: acostumado a seguir outros cavalos nas trilhas em tropa, ele se tornou incapaz de andar sozinho, necessitando sempre de um guia à sua frente; caso contrário, empaca. Ele aprendeu a viver assim. Curiosamente, seu nome, que sugere uma atração irresistível, reflete bem o seu impulso de seguir os outros. Fascínio chegou ao haras através de uma troca, substituindo cavalos que não se adaptavam à equoterapia. Logo descobriram que ele estava doente, acometido por uma enfermidade transmitida por gambá. A situação era grave e sem tratamento ele estaria morto. O pessoal do haras se mobilizou, organizou uma campanha e arrecadou os três mil reais necessários para a medicação. Fascínio se salvou, mas emagreceu muito, e sua recuperação foi lenta e árdua. Passou um longo período lutando para sobreviver e recuperar suas forças, por isso demorou a começar a atender. Com o tempo no haras, Fascínio vem aprendendo a não depender tanto de seguir. Ainda empaca, mas um pouco menos. Ele é um macho castrado de estatura mediana, medindo 1,52m, pesando 420 kg e cerca de 13 anos de idade. É um Campolina, outra raça mineira apreciada por criadores em todo o Brasil. Sua pelagem lobuna confere-lhe uma elegante cor acinzentada. No caminhar, Fascínio executa com naturalidade o antepistar, sobrepistar e transpistar, exibindo facilidade nas transições de passo. Seu temperamento é calmo e paciente, mas ele se assusta um pouco com barulhos repentinos ao redor, permanecendo atento e desconfiado. Ele aceita bem os materiais lúdicos, ficando cauteloso sem demonstrar perigo, exceto com o uso da bola, que ainda o deixa tenso, embora esteja aprendendo a lidar com ela. Por seu histórico de tropa, quando solto, adota um comportamento submisso diante dos outros cavalos. Nos atendimentos, ele é sereno, aceitando bem montar e apelar do solo, embora demonstre algum receio da plataforma, superando-o aos poucos. Por seu gosto em seguir, prefere andar atrás do guia, balançando a cabeça frequentemente e mostrando pouca noção de espaço nos ambientes. Quando conduzido pelos praticantes, Fascínio tende a empacar mais, tendo dificuldade para atender aos comandos de imediato. Seu comportamento linfático faz com que não acelere facilmente, precisando de muito mais estímulo. Suas características são usadas para trabalhar a paciência e o controle das frustrações dos praticantes. No entanto, sua resposta varia de acordo com quem o monta; com alguns ele se transforma, ficando bastante ativo e até agitado, com clara vontade de acelerar. Ademais, frequentemente, quando observa outros cavalos amigos sendo escolhidos para o atendimento enquanto ele permanece de lado, expressa descontentamento, raspando o casco dianteiro no chão em sinal de insatisfação. Hoje, Fascínio é um dos principais cavalos nos atendimentos, conquistando cada vez mais a confiança da equipe.

Paloma, era a égua mais velha do haras, já atingiu a idade de 30 anos. Em ambientes selvagens, é comum que a égua mais idosa e sábia conquiste uma posição respeitável entre seus pares. Contudo, no ambiente doméstico, esse reconhecimento fica prejudicado e a sua interação com os outros cavalos nem sempre foi harmoniosa. Hoje, Paloma está aposentada. Sua idade avançada fez com que a decisão de deixá-la descansar fosse mais do que justa. Retornou ao seu antigo tutor, que veio buscá-la pessoalmente. Agora, sua vida é dedicada ao pasto livre, onde pode desfrutar de seus dias com maior tranquilidade. Paloma havia sido doada ao haras em 2022, por esse mesmo senhor – que havia sido o tutor também de sua mãe e que a viu nascer. Durante sua vida, ela trabalhou em uma pousada levando turistas em passeios, mas afirmam que sempre foi muito bem cuidada. Seu tutor, que a adora, de vez em quando ia visitá-la no haras para assegurar-se de seu bem-estar. Ele a doou na certeza de que ali ela continuaria a receber um bom tratamento e teria um trabalho leve, sendo utilizada em poucos atendimentos. Com 1,49 m de altura e pesando 380 kg, Paloma é Mangalarga, uma raça brasileira originária do sul de Minas Gerais, conhecida por sua elegância. Sua pelagem pampa, em harmonioso contraste de manchas brancas e castanhas, confere-lhe grande beleza. Calma e atenta, ela não se incomoda com o movimento ao redor. Observadora e um pouco desconfiada, aceita bem todos os materiais e não se perturba com objetos. Em liberdade, demonstra certa submissão diante dos outros cavalos, mas durante os atendimentos ficava um pouco ansiosa com a proximidade deles. Aceitava a plataforma de bom grado, mas na hora do apeio se agitava. Além disso, não gostava de ficar parada, pois a sua ansiedade visivelmente crescia. Em movimento, acelerava o passo facilmente, contudo abaixava muito o pescoço, arrancando as rédeas das mãos do praticante. Tinha dificuldade para parar, puxando a rédea e querendo continuar a andar. A equipe a utilizava apenas com aqueles praticantes mais leves e que já conseguiam ter maior domínio de montaria. Na sua despedida, os membros da equipe ficaram afetados assistindo-a entrar no transporte para ir embora rumo à aposentadoria. Recentemente soubemos que ela está muito bem.

Antes de contar sobre os outros dois cavalos, é relevante compartilhar como Paloma me impactou pessoal e profissionalmente. Na segunda semana de janeiro de 2024, participei de um curso de Equitação e *Horsemanship* na instituição, ministrado por um psicólogo convidado. Paloma foi designada como minha parceira. A chuva era incessante naquele período e, quando dava trégua, o sol surgia inclemente. Foram três longos dias, mais caminhando na lama ao lado de Paloma do que, de fato, montada. Precisávamos aprender e executar exercícios de flexão para usar nos cavalos, visando manter a saúde, flexibilidade e bem-estar das suas articulações. Paloma mostrava irritação comigo, relinchando e puxando

a rédea, pois eu insistia em exercícios provavelmente dolorosos, alongando sua musculatura. Não tinha como explicar verbalmente que era para o seu bem, e tentava transmitir isso com o olhar e toques. Aos poucos, começamos a nos entender e, no último dia, ao voltar para casa, um silêncio tomou conta de mim. A convivência ao lado dela, sem conseguir falar e apenas precisando *ser*, calou-me por dentro. Além disso, durante aqueles exercícios, eu sabia estar lidando com a égua mais velha e lembro de me dar conta, posteriormente, que a palavra “matriarca” permeava o meu pensamento, o que internamente me convocava a uma atitude de grande respeito. Algum tempo depois, conversando com um dos profissionais, distraída, encostei na cerca de um redondel onde Paloma estava solta. De repente, senti sua cabeça sobre meu ombro direito, e ela encostou sua cabeça na minha. Apesar do susto, gostei da surpresa e lhe fiz carinho no pescoço. Tenho passado esses meses mais silenciosa, refletindo sobre a minha própria presença, algo fundamental inclusive para esse ofício com os animais.

De acordo com Avila (2016), o vínculo com o animal é estabelecido predominantemente através da postura corporal, dos gestos e do olhar. A autora argumenta que, em sessões de equoterapia, o silêncio pode ser significativamente mais produtivo do que uma sessão repleta de comunicação verbal vazia. Além disso, é óbvio que objetivamente ela não era uma “matriarca”. Segundo Jung (1921/2013o), “ideia e coisa confluem na psique humana que mantém o equilíbrio entre elas. [...] O que é a realidade se não for uma realidade em nós, um *esse in anima?*” (p. 66, grifo do autor). A psique cria de forma autônoma a realidade por meio da atividade da fantasia. E “a relação entre o homem com a sua fantasia é condicionada, em boa parte, por seu relacionamento com o inconsciente em geral” (p. 67). Nesse sentido, está claro que a minha relação com ela foi atravessada por minhas fantasias e conteúdos inconscientes relacionados, neste caso, ao complexo materno e o arquétipo da mãe, que, como vimos no capítulo anterior, possui estreita ligação com os cavalos.

Prata também alcançou a velhice e foi recentemente aposentado. Em novembro de 2024 completará seus 25 anos. Ele chegou à instituição como uma doação, trazendo consigo um passado desconhecido. Não há marcas em seu corpo que sugiram traumas físicos, e ele já era dócil com as pessoas, embora tivesse uma antiga mania de sempre tentar morder, mas que, com o tempo, atenuou-se bastante. Pertencente à raça Campolina, Prata exibe uma pelagem tordilha, predominantemente branca. É um macho castrado, com 1,49 metros de altura e pesando 400 kg. Ele realiza com naturalidade o antepistar, sobrepistar e transpistar, além de ter facilidade nas transições de passo. Progressivamente, a sua calma foi se tornando inabalável, não se perturbando com o movimento ao seu redor. É considerado um cavalo sereno e confiável, aceitando todos os objetos usados nos atendimentos. No entanto, frente

a outros animais, Prata reage com agressividade, murchando as orelhas e adotando um comportamento dominante, aceitando a companhia de poucos cavalos e frequentemente se impondo sobre os demais. Durante os atendimentos, Prata se mantinha tranquilo, embora não apreciasse a proximidade deles. Ele aceitava o ato de montar e desmontar com naturalidade e aproximava-se da plataforma com facilidade. Quando guiado, mantinha-se calmo, respondendo bem aos comandos, mas quando irresistivelmente atraído pela grama, puxava a cabeça para alcançá-la. Quando conduzido por praticantes, ele se adaptava a diferentes situações, compreendendo rapidamente os comandos de equitação transmitidos por eles. Sendo o cavalo mais inteligente, ele fazia uma leitura apurada de seu entorno e dos praticantes, reagindo de maneira positiva e eficaz. Prata tinha se tornado o porto seguro da equipe, especialmente valioso para crianças iniciantes e para aqueles com maior medo. Na sua última semana de trabalho, os praticantes tiveram a chance de se despedirem dele e apesar de a maioria lamentar perdê-lo nos atendimentos, ficaram satisfeitos com o motivo. Hoje, ele permanece morando na instituição, pastando e caminhando sem preocupações. O veterinário atestou que Prata está ótimo e a equipe, ocasionalmente, realiza exercícios de solo com ele, garantindo que se mantenha fisicamente saudável. É uma alegria vê-lo assim, desfrutando de seus dias de aposentadoria com serenidade.

Por último, Zorro é o maior cavalo do haras, e destaca-se com seus 1,63 metros de altura e 440 quilos bem distribuídos. Nascido em 2007, esse Campolina de pelagem negra e lustrosa chegou ao haras em 2016, vindo de um estabelecimento de renome na região, garantindo-lhe uma boa criação. Dotado de um temperamento notavelmente dócil, Zorro sempre demonstrou ser uma criatura bondosa e confiável. Executa com naturalidade o antepistar, sobrepistar e transpistar, realizando o passo, o trote e o galope. Nas poucas vezes em que se assustou, juntou-se também o fato de ele estar preso e ao tentar esticar, soltando-se, causou certo tumulto. Como anteriormente já dissemos, o pânico nos cavalos pode ser algo realmente perturbador. No geral, contudo, ele é calmo, mantendo-se sereno e confiável em qualquer situação. Ele aceita todos os tipos de materiais e não se incomoda com a presença de objetos diversos. Entre seus companheiros equinos, entretanto, ele assume uma postura dominante, e uma liderança que pode ser atribuída também à sua maior idade. Fascínio segue-o sempre que pode, enquanto Árion, um jovem e impulsivo cavalo, encontra em Zorro um amigo e professor, tendo se amadrinhado. Árion perdeu sua mãe um dia após o nascimento e beneficia-se com esse contato, pois Zorro o acolhe ao mesmo tempo em que o corrige. Zorro também gosta da Rayara, uma égua criada para salto, e procura ficar perto dela sempre que pode. Quando montado, ele mostra tranquilidade, aceitando a montaria e o

apeio com serenidade. Embora ele tenda a invadir o espaço de seu guia, ele é, em essência, atento e sossegado. Ao ser conduzido por um praticante, muitas vezes empaca, demonstrando um comportamento linfático com a maioria das pessoas. Às vezes, esse seu comportamento causa irritação em parte da equipe, que o considera de certa forma também teimoso e folgado. Porém, mesmo isso é relativo, pois já o vimos bastante ativo a depender da pessoa que o monte. Sua altura impressiona e é frequentemente comentada pelos praticantes, que encontram nele uma oportunidade de aumentar a autoconfiança e de olhar para as coisas por outro ângulo.

3.5 Caso Sara – Entre relinchos e palavras: afeto catalisador e comunicação verbal

A pequena Sara⁵⁵, de apenas quatro anos, chegou ao Instituto com um diagnóstico inconcluso, oscilava entre um possível Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). A mãe, visivelmente preocupada, trouxe como queixa principal um atraso significativo na fala da filha. Sara emitia poucas palavras, e quando o fazia, eram escassas, entrecortadas e mal pronunciadas. Na maioria das vezes, preferia o silêncio, comunicando-se por gestos e apontamentos quando desejava algo. Essa dificuldade levou a mãe a procurar ajuda médica, e a pediatra, em uma tentativa inicial de intervenção, encaminhou a menina para uma fonoaudióloga. No entanto, o tratamento tinha frequência irregular e não resultou em qualquer melhora perceptível. Apesar da escassez verbal, Sara demonstrava um temperamento forte e destemido, caracterizado por uma ausência de demonstração de medo em situações que geralmente causariam apreensão em crianças de sua idade, como passar por baixo de bezerros e cavalos, durante os passeios na roça que a sua família frequentava. Conforme relatado, ela sempre possuiu interesse e afeição por esses animais, posteriormente se autodenominando uma “boiadeira”.

Devido à sua pouca idade, tamanho e incapacidade de guiar o cavalo sozinha, Sara foi admitida no programa de hipoterapia. Embora ela tenha montado eventualmente em outros cavalos da instituição, a maior parte de seu tratamento foi realizada com o auxílio de Beicinho. Sara demonstrou uma aceitação positiva e imediata por aquele pequeno cavalo. Assim, teve início o seu tratamento, e logo ficaram destacadas duas características: as

⁵⁵ Os nomes dos participantes desta pesquisa foram substituídos por pseudônimos. O nome "Sara" foi escolhido em homenagem à princesa Sara, da animação "Cavalo de Fogo", devido a características semelhantes e ao fato de a personagem ter sido salva por um cavalo, estabelecendo um vínculo significativo com aquele animal prestativo, com o qual conseguia inclusive conversar. Ademais, a coloração avermelhada da pelagem do seu coterapeuta equino, Beicinho, não deixa de ser uma coincidência oportuna.

dificuldades na fala e o afastamento de figuras masculinas. Como o segundo ponto não havia sido mencionado na anamnese, a psicóloga responsável pelo caso buscou esclarecimentos junto à família. No entanto, não foi identificada nenhuma explicação plausível para essa característica. Além disso, foi observado que ela mantinha uma excelente relação com o pai, com quem se dava muito bem. De qualquer forma, essa observação foi mantida como um segundo elemento de análise.

Durante os atendimentos, ciente do interesse de Sara por animais, a equipe procurava discutir o assunto, incentivando e criando oportunidades para a sua participação. Embora a menina falasse de forma muitas vezes ininteligível e frequentemente apenas ouvisse, apontando com o dedo quando desejava algo ou queria mudar de direção, a equipe passou a incentivar uma comunicação direta entre ela e Beicinho. Ainda que fosse a equitadora quem guiasse o cavalo, Sara foi orientada a mandar beijinhos quando desejasse que o animal andasse. A equitadora, atenta, estimulava o cavalo a andar sempre que Sara fazia os sons, sem que isso fosse perceptível para a menina. Essa estratégia aprofundou o vínculo entre Sara e Beicinho, pois estabeleceu uma forma de comunicação entre eles. Algumas vezes, quando o assunto da equipe não lhe interessava, ela simplesmente mandava beijinhos, demonstrando querer cortar a conversa e andar. Sara começou a perguntar sobre o cavalo e a procurá-lo ao chegar para os atendimentos. Quando a equipe selecionava outro cavalo para o seu atendimento, propositalmente passava pelas baias, ocasiões em que ela olhava fixamente para o Beicinho. Certa vez, ao ouvir outras crianças brincando e fazendo piadas sobre a baixa estatura do cavalo, Sara demonstrou visível desagrado, fechando a expressão facial. Esse comportamento evidencia o vínculo emocional estabelecido. Beicinho era tratado por ela com afeto e consideração, como indicado pelo seu hábito espontâneo de despedir-se dele acariciando o seu pescoço.

No haras, há a prática ocasional de sugerir diferentes vestuários ou fantasias, dependendo da data comemorativa ou da criatividade da equipe. Para a “Semana Caipira”, incentivou-se que os praticantes viessem trajados a caráter. Todos os profissionais estavam vestidos com roupas típicas, como xadrez e enfeites diversos. Sara chegou adequadamente trajada e, assim que a montaram no Beicinho, a equipe comentou sobre o tema da festa. De forma imediata, Sara pegou uma mecha da crina do cavalo e perguntou: "E ele?". Ela havia percebido e apontado uma inconsistência óbvia: se o cavalo fazia parte do grupo, por que ele não estava enfeitado? Então, a equipe abandonou o plano inicial e decidiu resolver a questão levantada pela menina, arranjando fitas e laços para fazer tranças e adornar a crina de

Beicinho. Sara ficou muito satisfeita e apreciou o resultado. Naquele dia, aliás, todas as suas falas espontâneas foram exclusivamente direcionadas ao animal ou relacionadas a ele.

No primeiro capítulo desta dissertação, foi apresentado o caso de Carlos Pertuis, cuja experiência de reorganização da expressão verbal ocorreu por meio do estabelecimento de vínculos afetivos com cães (Silveira, 2015). Além disso, outros exemplos ilustrativos podem ser citados, como o de Renato, cuja dificuldade significativa na comunicação verbal foi atenuada quando Beau, um cão residente na Casa da Palmeiras, passou a deitar-se próximo a ele. Notavelmente, sempre que pediam para Renato falar, Beau respondia batendo o rabo em suas pernas, como se fosse um incentivo. Essa ação permitiu a Renato ir gradualmente ampliando as suas interações sociais com os outros membros do lugar (Melo, 2001).

Na análise psicológica de Nise da Silveira (1992, 2015), no contexto do tratamento de indivíduos esquizofrênicos, a desarticulação funcional da linguagem proposicional é frequentemente observada. Contudo, segundo a psiquiatra, um tema e/ou uma relação carregados de afeto, *afeto catalisador*, teria a potência de polarizar essa atividade psíquica antes dissociada. Enquanto a psiquiatria tradicionalmente concebia as emoções apenas como elementos desorganizadores do funcionamento psíquico, para Nise, as emoções também possuíam o potencial de reorganização, atuando como catalisadoras das *forças autocurativas da psique*. Não há motivos para supor que esse efeito esteja limitado apenas à esquizofrenia; ao contrário, a afetividade desempenha um papel fundamental em diversos contextos psicológicos. Conforme Pieri (2022), a afetividade é o termo que “exprime a esfera das emoções na sua interação com a esfera motora e com a intelectual” (p. 19). A afetividade tem também um caráter estruturante, exercendo influência tanto sobre o pensamento e a ação quanto sobre o intelecto e a vontade (Jung, 1903/2013b). No caso analisado, inferimos que a presença observável de afeto por Beicinho, o *afeto catalisador*, parece haver mobilizado as *forças autocurativas da psique*, promovendo um direcionamento da energia psíquica para um propósito específico, a comunicação verbal.

Sara desenvolveu sua fala de maneira bastante rápida. Ela demonstrava um grande interesse por tudo o que a equipe comentava sobre os cavalos, especialmente sobre Beicinho. Em uma ocasião, ao passar pelas baias, Sara apontou para uma delas que estava vazia e afirmou que pertencia ao cavalo. A equitadora explicou que ele havia mudado de lugar e agora estava em uma outra baia próxima, indicando a nova localização. Além de ser uma fala espontânea, o acesso a essa nova informação levou a menina a questionar sobre o tamanho das baias e, de maneira observadora, a notar e querer saber mais sobre as pedras de

sal⁵⁶ que haviam sido colocadas naquela semana, em cada baía, para os cavalos lamberem. Nas reuniões de equipe, observamos que os comentários dos profissionais rapidamente deixaram de mencionar a ausência de fala de Sara, passando a destacar sua crescente capacidade de articulação, curiosidade, inteligência e, de maneira surpreendente, sua habilidade de expressão verbal.

Em alguns atendimentos, Sara expressou com entusiasmo seu apreço por um de seus filmes favoritos, “Spirit – O Indomável”, frequentemente questionando a equipe se haviam assistido ao filme e, uma vez, repreendendo a psicóloga com visível desaprovação e movimento de cabeça ao dizer "você esqueceu!". A narrativa do filme descreve o encontro entre uma garota destemida e um cavalo indomável, que, apesar de sua natureza selvagem, estabelece uma amizade com ela. Trata-se de uma comovente história de afeto, coragem e liberdade. É evidente que Sara se identificou com a personagem principal, adotando inclusive uma postura de ‘advogada’ dos animais do Instituto. Ela questionava, por exemplo, se as baias dos cavalos não deveriam ser maiores e se o sal realmente não faria mal para eles. Além disso, entre seus brinquedos favoritos estavam cavalos de plástico, e não bonecas, como se poderia supor. Com esses brinquedos, ela criava narrativas próprias. Parece claro que o cavalo ocupava um lugar significativo no universo simbólico de Sara, transcendendo sua relação com os cavalos concretos.

A relação com um cavalo é uma experiência profundamente sensorial, marcada por interações físicas constantes. Sara sempre se mostrou confortável com os toques nos cavalos e, durante os seus atendimentos, costumeiramente se inclinava sobre a sela para afagar o pescoço quente e de pelagem macia do animal, aparentando satisfação. Em algumas dessas sessões, a menina ficava mexendo na crina volumosa e mais áspera de Beicinho, separando-a em mechas distintas. Em uma ocasião, solicitou elásticos à equipe e dedicou a maior parte do tempo a fazer tranças na crina do cavalo, manipulando-a com grande cuidado. Sara gosta muito do próprio cabelo, e não surpreende que tentasse fazer penteados em seu amigo Beicinho. Ainda assim, ela também aparentava extrair prazer desse contato, *emoção de lidar*, e, portanto, não se tratava apenas de proporcionar carinho e beleza ao cavalo cabeludo.

Houve então a substituição pelo cavalo Prata, por um período de duas semanas. Na primeira semana, ela procurou o Beicinho com o olhar, mas aceitou montar no Prata sem dificuldades. Mostrou-se encantada ao observá-lo comendo algumas flores laranjas de que ele gosta, e ao descer do cavalo, aproximou-se da boca do animal para ver mais de perto. A

⁵⁶ Segundo a equipe, o sal é usado para a saúde do cavalo, evitando problemas como a desidratação e desgaste dos músculos.

equitadora percebeu seu interesse e retirou a embocadura para que ela pudesse ver melhor. Na segunda semana, contudo, apesar de o Prata estar adornado com presilhas coloridas na crina, Sara não disse uma palavra. Permaneceu em silêncio durante todo o atendimento, assim como a equipe. Um dos objetivos da psicóloga era verificar se a troca do cavalo afetaria sua fala espontânea. Na semana seguinte, com o retorno do Beicinho, ela voltou a ser falante, ou melhor, tagarela. Apoiada de forma descontraída na sela, quase como se estivesse em um sofá, Sara demonstrava sua vaidade e interesse por acessórios, demarcando sempre a sua preferência pela cor rosa. Observadora, reparava também nos equipamentos usados com os cavalos. Notando sua perspicácia em distinguir as diferentes rédeas, a equitadora sugeriu que na semana seguinte utilizassem uma nova rédea colorida, com a condição de trocar o cavalo, pois aquela não seria adequada para o Beicinho. Ao saber disso, Sara perdeu o interesse e desistiu da nova rédea, preferindo manter o seu coterapeuta.

Durante o período da pesquisa, Sara realizou montaria não apenas no Prata, mas também ocasionalmente no Zorro e no Fascínio. Em todas essas situações, ela manteve-se confiante, sem demonstrar qualquer receio, e não houve mais atendimentos em silêncio. Entretanto, quase sempre que passava pelas baias, era evidente seu olhar fixo em direção ao Beicinho. Posteriormente, ocorreu uma mudança de papel e Sara assumiu a função de cuidadora dele. Em uma ocasião, ao ouvir um relincho que interpretou como uma tosse do cavalo, ela espontaneamente fez-lhe carinho para confortá-lo. Na semana seguinte, ao chegar ao picadeiro, ela encontrou o Fascínio, o Prata e o Beicinho, e prontamente expressou de forma verbal a sua vontade de montar no Beicinho. Durante o percurso do atendimento, ao se aproximar da entrada do Instituto, Beicinho avistou ao longe um saco de lixo caído no chão. Não acostumado a tal visão, o cavalo se assustou, e já dissemos que um dos instintos básicos do animal é a fuga. Ele começou a tremer e tentou empinar. Devido ao seu pequeno porte, a equipe conseguiu segurá-lo por tempo suficiente para retirar a menina com segurança de sua montaria. Ela, contudo, não se assustou; ao contrário, quis imediatamente montar novamente. Acompanhada pela psicóloga, Sara se aproximou do cavalo e fez-lhe carinho, enquanto o tranquilizava, dizendo “calma, Beicinho, você não precisa ter medo”. Com ele novamente sossegado, Sara então remontou sem dificuldades e seguiu sem demonstrar qualquer desconforto.

Paralelamente à questão da fala, havia ainda a questão secundária relacionada ao masculino. De vez em quando, a psicóloga apontava ou comentava sobre os integrantes homens da equipe ou meninos que frequentavam o haras, o que deixava Sara um pouco tímida, apenas observando calada, porém sem demonstrar medo. Durante os atendimentos,

passou-se a enfatizar intencionalmente que Beicinho era um "menino" e que havia cavalos "meninos" e "meninas" (égua, no caso). Embora Sara não tenha demonstrado qualquer surpresa com essa informação, ela também não comentou nada. Em uma das sessões posteriores, enquanto se despedia de Beicinho, observamos que Sara notou o Prata com a genitália exposta. Não é tão incomum que os cavalos exponham seu órgão genital, e não é algo que a equipe possa evitar ou controlar em qual momento isso ocorrerá. De certa forma, o tema da distinção entre cavalos e éguas já vinha sendo abordado por meio de Beicinho, e optou-se por tratar a cena com naturalidade. Assim, a equipe permitiu que ela continuasse formando as suas próprias impressões, já que ela não fez perguntas. Notamos, então, que a questão do masculino foi gradualmente se diluindo e Sara passou a agir com menos acanhamento e mais comunicação. Nos intervalos dos atendimentos, começou a aceitar brincar com um dos meninos de sua idade, que também era praticante. E, certo dia, convidada pela psicóloga, ela cumprimentou e disse seu nome a um dos rapazes da equipe, enquanto passeava com o Beicinho. Anteriormente, essas atitudes teriam sido improváveis.

De acordo com Bachmann (2016), a prática da montaria a cavalo proporciona experiências significativas para o desenvolvimento da personalidade, com um impacto notável especialmente em meninas. Inicialmente, Sara apresentava alguma hesitação em relação ao masculino, embora a causa desse comportamento seja desconhecida. Durante reuniões de equipe, levantou-se a hipótese de que isso poderia estar relacionado também à fase infantil de descoberta do próprio corpo e à curiosidade comum entre crianças dessa idade acerca das diferenças entre meninos e meninas, processo que cada uma vivencia, reage e elabora à sua maneira. Seja como for, a interação com o Beicinho e outros cavalos machos pareceu contribuir para tornar essa questão mais tranquila para Sara. Ali ela detinha o controle, segurando as rédeas e determinando o ritmo da atividade. Ela se sentia confiante, podendo acelerar ou parar a marcha conforme sua vontade. De fato, ela tinha uma predileção pela velocidade, frequentemente ouvindo-se seus beijinhos rápidos para que o cavalo saísse do passo e começasse a trotar. A intervenção da equipe utilizando o Beicinho, um cavalo macho, afetuoso e dócil, que ela mesma ajudou a acalmar em um momento de susto, parece ter influenciado positivamente a percepção de Sara sobre o masculino. Sob essa ótica, pode-se conjecturar que a interação emocional e física entre a menina e o cavalo, dentro de um laço afetivo positivo, propiciou uma maior integração psicológica. Esse processo sugere certa superação da dissociação prévia, antes manifestada por Sara por meio da hesitação e silêncio, culminando na abertura para a reconciliação com o masculino até então segregado.

Todas essas experiências reforçam a pertinência da relação afetiva com o animal, bem como a montaria não apenas como uma atividade física, mas também como ferramenta de desenvolvimento emocional e social, permitindo à menina explorar e superar resistências, além de aprender a lidar com diferentes aspectos da vida de maneira controlada e segura.

3.6 Caso João – Longe dos cavalos: a inibição do afeto

João⁵⁷, um jovem de 14 anos, ingressou no Instituto com um diagnóstico de autismo e epilepsia⁵⁸, além de uma hipótese diagnóstica de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Anteriormente, ele já havia recebido tratamento psicológico e fonoaudiológico. As principais queixas de sua mãe, e que motivaram a busca pela equoterapia, estavam relacionadas à necessidade do adolescente de melhorar a sua postura física e a socialização. João demonstrava dificuldades em socializar, verbalizava pouco e frequentemente desviava o olhar durante as interações. Em seu histórico, havia um evento impactante ocorrido anos atrás, quando presenciou a morte súbita de seu pai devido a um infarto fulminante. Na ocasião, ao ver sua mãe tentando reanimá-lo, João não compreendeu a situação e interpretou que ela o estava agredindo. Posteriormente, ele mencionava esse episódio e, algumas vezes, chegou a investir fisicamente contra a mãe, culpando-a. João também enfrentava dificuldades em estabelecer amizades, permanecendo isolado na companhia da professora de apoio durante o período escolar. Jamais era visto chorando ou gritando, e demonstrava uma elevada tolerância à dor física; mesmo quando se machucava durante as suas brincadeiras solitárias, nunca se queixava. Com o tempo, passou a apresentar cortes superficiais autoinfligidos nas mãos e braços.

Quando começaram as observações para a pesquisa, João já frequentava o Instituto há mais de um ano. Até então, ele não havia estabelecido uma boa interação com os cavalos. Inicialmente, tentativas foram feitas para aproximá-lo dos animais, conseguindo até que ele conduzisse pela guia o cavalo Prata, o mais inteligente e confiável, embora ele se recusasse a montar. Diversas estratégias foram tentadas sem sucesso. Diante dessa resistência, a equipe

⁵⁷ O nome escolhido faz referência ao renomado caso clínico conhecido como "Caso Hans", investigado por Sigmund Freud (1909/2015). "Hans" constitui uma forma abreviada de origem alemã para "Johannes" (equivalente a "João" em português). No contexto do caso, o jovem Hans manifestava sintomas de ansiedade intensa em relação à figura materna, bem como uma hostilidade voltada ao pai, cuja expressão patológica culminou no desenvolvimento de uma fobia específica relacionada a cavalos. Esse não é o caso de João, mas representa a presença de afetos negativos direcionados ao animal.

⁵⁸ O diagnóstico de epilepsia é geralmente considerado uma contraindicação para a participação em sessões de equoterapia. Todavia, é importante ressaltar que, no caso em questão, o paciente encontrava-se sob controle clínico, não apresentando manifestações sintomáticas associadas à epilepsia por um período seguro.

decidiu abandonar a abordagem direta e passou a atender João caminhando pelo haras, com o intuito de introduzi-lo ao mundo equestre e aos cavalos de maneira indireta.

De acordo com Muñoz e Roma (2016), intervenções assistidas por animais, incluindo a equoterapia, podem trazer grandes benefícios para as crianças, adolescentes ou adultos com autismo ou outros distúrbios do desenvolvimento. No entanto, o uso de animais nem sempre é benéfico para todos os indivíduos. Alguns podem apresentar reações de evitação ou agitação devido a hipersensibilidades auditivas, olfativas e táteis. Além disso, é válido ressaltar que o medo excessivo é também uma contraindicação para a equoterapia, pois o objetivo terapêutico não envolve provocar um desconforto insuportável. Contudo, nada disso parecia ser o caso de João. Ele simplesmente se recusava, criando um enigma para os terapeutas. Naquela época, o garoto não estava participando de outras terapias⁵⁹ e a equipe considerou que o acesso ao ambiente do haras e à interação com uma psicóloga, mesmo que não fosse no contexto de tratamento clínico convencional, poderia ser benéfico para ele, ao menos para a sua socialização. Ademais, o atendimento em equoterapia não se limita à montaria, englobando também as interações no solo e com todo o ambiente circundante.

Alguns estudos têm sugerido que os animais podem operar em um nível de comunicação similar ao das crianças com autismo, o que facilitaria o estabelecimento de contato e interação entre ambas as partes. Considerando que muitos indivíduos com autismo enfrentam dificuldades significativas na iniciação e manutenção de relacionamentos interpessoais, os animais podem atuar como catalisadores iniciais para apoiar as interações sociais (Muñoz & Roma, 2016). Nise da Silveira (2015) relata sobre Djanira, uma mulher notoriamente rígida, negativista e com mutismo inflexível. Ela havia sido convidada inúmeras vezes a frequentar o Setor de Terapêutica Ocupacional, mas sempre recusava com veemência. Após muita insistência, e a contragosto, ela finalmente aceitou. Lá, a cliente encontrou um piano no qual expressava suas emoções, tocando-o violentamente. Mesmo assim, seu relacionamento com as pessoas continuava muito difícil. A transformação só foi ocorrer após o seu contato direto com os animais, cães e gatos do Setor, resultando em uma melhora significativa em sua interação com os monitores e outros colegas. Inclusive, Djanira que supostamente não falava foi flagrada conversando com uma gata, Cravina, elogiando-a carinhosamente. De modo similar, a equipe apostava que a recusa de João talvez ainda pudesse ser superada.

⁵⁹ O acompanhamento médico ocorria com frequência regular. No entanto, a psicoterapia havia sido temporariamente interrompida devido a problemas na Rede de Atenção Psicossocial da cidade em que ele residia. Posteriormente, esses serviços foram normalizados.

Como o jovem havia demonstrado desconforto com a presença de muitas pessoas durante as sessões, a equipe havia sido reduzida. Para a pesquisa, acompanhamos apenas ele junto com a psicóloga. Logo, ficou claro que João tinha três interesses principais: carrinhos, tatuagens de chiclete e celular. Utilizando esses elementos, foram feitas várias tentativas de aproximá-lo dos cavalos. Por exemplo, João levava carrinhos no bolso e, durante os atendimentos, havia o convite para brincar próximo às baias, porém ele ignorava os animais. Gradualmente, no entanto, João começou a interagir mais, mostrando suas tatuagens e expressando onde queria ir, geralmente, optando pelo balanço e, depois, por brincar com uma pista de carrinhos. Em uma das sessões, enquanto passávamos pelas baias e pelo segundo redondel, a curiosa égua Gigi⁶⁰ se aproximou da cerca. Houve o incentivo para João mostrar seus carrinhos para ela. Ele esticou a mão, permitindo que a égua cheirasse os carrinhos e, em seguida, surpreendentemente, permitiu até que ela o cheirasse. A psicóloga verbalizou que Gigi parecia ter gostado de João e de seus carrinhos. Embora ele não tenha comentado nada, sorriu abertamente. Chama a atenção que a breve interação entre João e Gigi se deu de forma instintiva e no plano mais elementar e corporal, isto é, o ato de cheirar. A partir disso, as coisas começaram a mudar. A cada semana, João estava um pouco mais falante e expansivo. Ele permitiu, inclusive, que Gigi o cheirasse uma segunda vez. Além disso, um novo cavalo havia chegado ao haras, Apolo⁶¹, e João foi convidado a conhecê-lo. Ele demonstrou curiosidade sobre a srragem que forrava a baía e, apesar de ter notado a sujeira, pois Apolo havia urinado recentemente, não mostrou nenhum incômodo.

A interação com os animais possui a conveniência de ser predominantemente não verbal, podendo ser interpretada por meio da linguagem corporal (Muñoz & Roma, 2016). De acordo com Avila (2016), é comum observar os cavalos se aproximando e cheirando as pessoas atendidas. Dentre outros aspectos, os animais oferecem a vantagem de não julgar. Eles se aproximam e demonstram interesse pelos indivíduos, aceitando-os sem preconceitos. Esse comportamento parece facilitar a comunicação e contribui significativamente para a autoestima e autoconfiança dos praticantes.

Como Gigi é uma égua jovem e ainda estava em treinamento, ela não participava dos atendimentos. Embora fosse improvável que João aceitasse montá-la, essa ideia não foi incentivada, pois ainda não seria seguro. Devido ao seu temperamento assustadiço, até

⁶⁰ No tópico anterior, não traçamos um perfil específico sobre Gigi pois ela ainda não participava oficialmente dos atendimentos, então, não pudemos acompanhá-la para elaborar uma descrição mais completa. Ainda assim, acreditamos que pequenas descrições ao longo deste tópico já são suficientes dada a sua breve presença.

⁶¹ Mesma situação que Gigi, Apolo ainda iria iniciar o seu treinamento e não participava dos atendimentos.

mesmo a condução no solo poderia resultar em uma reação inesperada, comprometendo a recente aproximação com João. Portanto, a interação de João com Gigi continuou a ser promovida conforme havia sido estabelecida. Foi sugerido, no entanto, que ele conduzisse novamente o cavalo Prata, sem montá-lo. Após alguma hesitação, João aceitou a proposta, mas não demonstrou muito engajamento. Além disso, após três semanas de aproximação, sem motivo aparente, o adolescente voltou a ignorar Gigi, não desejando mais qualquer contato. Contudo, ele permaneceu colaborativo, conversando e iniciando diálogos espontaneamente com a psicóloga e conosco.

De acordo com Nise da Silveira (2015), “os acontecimentos psíquicos não progridem de maneira linear. Desdobram-se em hesitantes circunvoluções e, sobretudo, processam-se em duas (ou mais) claves paralelas” (p. 245). Foi assim que observamos, simultaneamente, a presença da agressividade. Durante uma atividade de arremessar bola no picadeiro, na companhia do cavalo Prata, João não controlava a força dos chutes. A psicóloga alertou sobre a intensidade, ressaltando o risco de ferir alguém, e solicitou que ele reduzisse a força. Contudo, ele ignorou o pedido. Em um momento posterior, chutou a bola em direção ao Prata; embora não tenha atingido o animal, não manifestou preocupação com a possibilidade de causar-lhe dano. Depois, quando a cadela Lili se aproximou para observar, ele chutou a bola nela, sorrindo imediatamente ao ouvir o ganido do animal. Foi incentivado que ele expressasse desculpas, porém permaneceu em silêncio. Por fim, ele pegou uma pedra do chão de terra batida e a arremessou para o alto na direção da psicóloga, sem atingi-la, porém, sem ficar claro qual era a sua real intenção.

Durante outro encontro, enquanto as baias estavam sendo limpas, foi oferecido a João a oportunidade de observar o processo. As baias estavam quase completamente prontas, restando apenas a reposição da serragem. No entanto, algo lhe provocou um profundo desconforto, que se tornou evidente pela atitude estática dele. Diante disso, foi sugerido o retorno à sala de atividades com jogos, contudo, lá ele permaneceu perturbado, demonstrando agitação interna ao ficar cutucando a mesa com as unhas. Desde então, o garoto passou a não olhar mais na direção dos cavalos, simplesmente voltou a ignorá-los por completo. Tentativas foram feitas para explorar o interesse de João sobre outros animais, mas ele também os ignorou. Por exemplo, foi proposto ir ao lago para ver e alimentar os peixes, porém ele se recusou a participar. Além disso, demonstrou relutância em andar pelo haras, permanecendo inerte e calado na sala de recepção nas semanas seguintes. Depois, soubemos que sua mãe havia confiscado seu celular como punição por mau comportamento em casa, fato que também pode ter contribuído para a sua mudança de atitude.

Algumas semanas mais tarde, João concordou em retomar as caminhadas. Durante uma dessas ocasiões, enquanto jogava bola no redondel, ele demonstrou mais interesse em arremessar areia, chegando a atingir-nos intencionalmente e não cessando quando solicitado. Em um momento subsequente, ao avistar um gato livremente passeando, João correu em sua direção e o agarrou entre as mãos, apertando-o com uma expressão facial fechada. Sua conduta não refletia vontade de acarinhar o gato e aparentava desconsiderar o bem-estar do animal, que conseguiu depois se desvencilhar e fugir. Em outra ocasião, ao observarmos uma lagarta prestes a formar um casulo em uma das portas, antes de a psicóloga terminar de comentar a respeito, João avançou e arrancou a lagarta, matando-a com os dedos sem demonstrar qualquer preocupação com o bicho ou mesmo com o fato de se sujar. Nesse sentido, entendemos que “nem sempre, portanto, são de amor as relações do doente com os animais. Estes recebem também projeções de certos conteúdos do inconsciente que os torna alvo de ódio ou temor excessivo” (Silveira, 2015, p. 89).

É curioso que João muitas vezes ia para os atendimentos vestido com alguma peça ou acessório alusivo ao Homem-Aranha, e parecia gostar do herói. A observação de alguém aparentemente distanciado dos animais ostentando uma imagem de uma aranha gigante em sua blusa proporcionava um contraste intrigante. Além disso, basicamente a narrativa fundamental do Homem-Aranha retrata um adolescente que adquiriu habilidades sobre-humanas após ser picado por uma aranha, isto é, a sua força veio de um animal. O motivo subjacente que levava João a se interessar pelo herói não está claro, e sua motivação permanece desconhecida. No entanto, o ambiente natural de um haras é propício à presença de alguns aracnídeos, principalmente aranhas de jardim. Tais exemplares foram mostrados a ele, contudo, sua reação também pareceu ser de pouco ou nenhum interesse.

Dado que a tentativa de o aproximar dos animais não estava surtindo efeito positivo, em um dia de chuva, propôs-se que ele pintasse um desenho de carro, previamente impresso pela equipe, considerando o seu interesse por automóveis e tendo em vista que ele já havia se recusado anteriormente a desenhar um cavalo. Ele aceitou a atividade, porém, enquanto pintava de forma bastante acelerada, sua expressão facial denotava raiva, e ele utilizava muita força ao manusear os lápis – *emoção de lidar* –, resultando até em um avermelhamento das suas faces. Observamos em diferentes momentos esses traços de raiva em sua feição, durante atividades como quebra-cabeça e demais jogos. João também demonstrava interesse por jogos de celular que envolvessem explosões e tiros, realizando essas atividades igualmente com grande rapidez. Apesar disso, ele nada comentava ou respondia a respeito.

O período de finalização dos atendimentos de João estava se aproximando. Em uma tentativa final, considerando que ele não aceitava mais interagir com animais reais, foi proposta a construção de uma maquete de uma fazendinha utilizando miniaturas de animais de plástico. No primeiro dia, ele participou da atividade sem tocar nos animais, apenas sugerindo a localização da grama, da cerca e do lago. Quando solicitado a identificar os animais de brinquedo presentes na maquete, João conseguiu nomeá-los, havia boi, onça, camelo, entre outros. No entanto, ele se recusou exclusivamente a identificar os dois cavalos, permanecendo em silêncio. Essa reação nos levou a perceber que, enquanto o cavalo estimulava a fala em Sara, o caso anteriormente apresentado, João se calava. Por conseguinte, os cavalos estavam funcionando como agentes inibidores e não catalisadores.

Em reuniões de equipe, a preocupação dos profissionais com o menino era uma constante. Ele havia retomado a psicoterapia, e foi reforçado à sua mãe, inclusive por meio de encaminhamento, a importância de ele se manter em tratamento psicológico. João aparentemente possuía muita raiva a ser expressada, possivelmente advinda de seu histórico de confusão sobre a morte do pai e de seu subsequente isolamento. Infelizmente, ele não pareceu encontrar nenhum ponto em que confiasse fazer um investimento afetivo, *afeto catalisador*, que fosse suficiente a fim de mobilizar as *forças autocurativas da psique*. Tanto com os animais quanto com os membros da equipe, ele não demonstrou nenhum vínculo mais profundo ou duradouro. Observamos também que, embora não tivesse dificuldade em tocar os cães, o gato e a lagarta, sua interação com eles foi brutal. Além do mais, não foram obtidas em suas falas quaisquer associações que nos permitam inferir sobre os possíveis conteúdos psíquicos projetados nos animais ou sobre a razão de sua maior resistência em relação aos cavalos. Não sabemos.

Seja como for, nem sempre a relação com os animais será bem sucedida.

3.7 Caso Regina – Laços na montaria: feminilidade e amadurecimento

Regina⁶², uma estudante de 15 anos de idade, chegou ao Instituto com os diagnósticos de ansiedade e depressão. A principal queixa apresentada por sua mãe envolvia a dificuldade da adolescente em se comunicar e socializar. Além disso, os relatos indicam que ela sofreu

⁶² O nome "Regina" foi escolhido devido à uma associação com a figura mitológica de Epona. De acordo com Jung (1945/2014a), Epona é uma deidade da mitologia celta, comumente vinculada aos cavalos, representando uma divindade protetora dos equinos, da natureza e da fertilidade. O culto à Epona persistiu durante o período do Império Romano, sendo reverenciada como Epona Augusta ou Epona Regina. Neste caso específico, observamos um entrelaçamento entre elementos relacionados à feminilidade e aos cavalos.

rejeição por parte de seu pai e foi vítima de agressões físicas durante a infância, acompanhadas de palavras depreciativas. Essas experiências parecem ter influenciado o seu comportamento, levando-a a se retrair. Ela apresentava dificuldades em articular falas mais complexas, além de demonstrar certa deficiência de memória e atenção, o que impactava o seu desempenho escolar. Ademais, o seu comportamento reservado, caracterizado pela aversão a interações sociais, recusa em utilizar as instalações sanitárias, alimentar-se e deixar a sala de aula, parece ter suscitado situações de bullying por parte de seus colegas na escola. Apesar de dedicada e caprichosa, Regina não conseguia realizar as suas tarefas escolares mais difíceis e nem solicitar o auxílio dos professores. Aparentemente, ela também demonstrava resistência a atividades que exigissem exposição ou comunicação verbal em público, resultando em um isolamento progressivo. A sua postura corporal, com os ombros voltados para dentro, parecia ilustrar esse fechamento psicológico. Não obstante, ela nutria planos para o futuro e seus objetivos incluíam uma carreira como veterinária e até a aquisição de um haras.

Logo nas primeiras interações, a equipe observou uma notável dificuldade em estabelecer diálogo com a praticante. Ela demonstrava uma atitude desconfiada e reticente em relação à comunicação, respondendo de maneira concisa às perguntas formuladas, sem demonstrar interesse em prolongar a conversa ou iniciar novos tópicos. Apesar de Regina afirmar possuir experiência em montaria, sendo inclusive admitida no programa de educação/reeducação, depressa a equipe questionou, durante as reuniões, essa suposta habilidade autodeclarada de manejar os cavalos, pois via-se o seu embaraço em controlar aqueles animais considerados tranquilos, como o Fascínio, o Prata e o Zorro. Posteriormente, tornou-se evidente que, de fato, a adolescente não reconhecia espontaneamente as suas dificuldades nem solicitava auxílio mesmo quando obviamente era necessário. Sua postura exigiu da equipe uma atenção particular para identificar as suas necessidades, readaptando o nível de dificuldade para adequá-lo às suas reais capacidades, oferecendo assistência também de forma mais intensiva.

Apesar da sua atitude fechada, foi observado um comportamento peculiar na forma como a adolescente se vestia para os atendimentos, demonstrando cuidado e vaidade com a sua aparência. Sua vestimenta parecia bastante planejada, evidenciando uma combinação de elementos característicos do estilo country, adornados com detalhes delicados como rendas e brilhos. A utilização de acessórios, botina com detalhes cor-de-rosa, fivela adornada e blusas de alça ou camisa social de competição, demonstrava um zelo em sua apresentação, concomitantemente a uma transição gradual de uma expressão mais infantil para uma

manifestação mais madura da sua feminilidade. Em algumas ocasiões, devido ao clima quente, ela comparecia ao ambiente de atendimento com vestuário totalmente distinto, porém portando consigo as roupas e acessórios citados, os quais trocava posteriormente, próximo ao horário previsto para a sua sessão. A revelação de que a adolescente já havia participado de um desfile em sua comunidade surpreendeu a equipe, tendo em vista a sua alegada timidez em ambientes públicos. Contudo, tornou-se cada vez mais claro que ela apreciava a valorização de sua imagem pessoal, conforme constatado ao flagrá-la capturando fotografias de si mesma no haras, buscando composições que destacassem tanto sua presença quanto a dos cavalos e a beleza do ambiente natural circundante. Depois, foi confirmado que tais registros eram destinados às suas redes sociais, sugerindo um desejo de compartilhar e promover uma representação específica de si mesma para seu círculo virtual. Por outro lado, ela se opunha veementemente a ter sua imagem vinculada pela instituição. Ao que tudo indica, ela não queria aparecer associada a um lugar de tratamento.

Apesar de declarar gostar de cavalos, Regina demonstrava certa superficialidade em sua relação com eles, abstendo-se de indagações sobre os animais e não buscando um contato físico mais intenso. De forma espontânea, ela fazia apenas carícias breves e pontuais. De acordo com a hipótese discutida em equipe, os equinos pareciam integrar-se mais como elementos simbólicos que compunham a sua estética pessoal do que como objetos concretos de profundo interesse, curiosidade ou preocupação.

Em seu discurso e em algumas atitudes, Regina sinalizava o desejo de maiores desafios, como cavalgar em galope, além de querer mostrar-se como alguém que já sabia montar e, portanto, poderia ficar mais autônoma. Durante a prática da montaria, porém, ela apresentava dificuldades básicas em controlar efetivamente os cavalos, hesitando em emitir comandos claros e audíveis. Analisando as suas reações, observamos que ela ficava confusa e, por vezes, transmitia essa confusão também aos cavalos, trocando as mãos e a posição da rédea, o que deixava os animais sem definição sobre o caminho a tomar e quando deveriam parar. Além disso, seu corpo começava a tombar para o lado quando a equipe autorizava um curto trote ou galope, demonstrando a sua dificuldade de equilíbrio e postura. Apesar de não falar a respeito, ela sinalizava possuir certos receios e hesitações, além da dificuldade de assumir o controle. Essas nuances tornaram-se mais evidentes quando ela foi questionada sobre suas preferências em relação aos cavalos, em que surpreendentemente indicou o Prata. Ela sentia-se mais confortável com ele, algo que interpretamos e atribuímos também à inteligência do próprio animal, já que ele demandava dela menos orientações explícitas e exibia um comportamento bem mais fácil de controlar.

Considerando as suas características, a equipe propôs uma atividade em solo como estratégia para fortalecer os vínculos afetivos entre a praticante e os profissionais. A atividade consistiu na ornamentação conjunta de um chapéu de boiadeira, a ser decorado com pedras e brilhos. Foi acordado que, uma vez concluído o chapéu, a praticante teria a oportunidade de escolher qualquer cavalo do haras para tirar fotografias. Durante as duas semanas em que a atividade ocorreu, ela demonstrou engajamento e apreço pelos elementos brilhantes. O material do chapéu era um feltro marrom e usou-se cola para fixar os acessórios e pedrarias. Embora a praticante continuasse sem iniciar conversas espontaneamente, ela apresentou-se menos na defensiva e mais comunicativa, enquanto escolhia e posicionava as peças conforme a sua preferência. Aplicava a cola demonstrando cuidado, constantemente checando se o resultado estava ficando satisfatório antes de continuar. Como discutido anteriormente, Nise da Silveira (1986) argumenta que o encontro emocional com os materiais – *emoção de lidar* – deve ser observado atentamente, e Regina parecia estar imersa em um movimento que intercalava hesitação e avanço. Parece que aqueles materiais que remetiam à intersecção entre a expressão vaidosa de sua feminilidade e a estética equestre despertaram o seu genuíno interesse e exerceram um efeito positivo sobre a sua progressiva confiança para finalizar o trabalho e utilizá-lo na posterior sessão de fotos.

Aliás, no final da atividade, para a nossa surpresa, a praticante escolheu ser fotografada com Apolo, o cavalo recém-chegado ao haras. Apolo é um animal grande, jovem, musculoso e enérgico, contrastando bastante com o perfil idoso do Prata, apontado antes como o seu preferido. É digno de nota que a foto com Apolo foi a única que ela permitiu que a instituição divulgasse nas redes sociais. Bachmann (2016) comenta acerca dos cavalos serem animais belos, sendo essa uma característica geralmente reconhecida, “pode ser que existam pessoas que não achem os cavalos interessantes ou que os cavalos lhe causem inquietação, mas dificilmente há alguém que não reconheça a sua beleza” (p. 87). Assim, interpretamos que Apolo atendia tanto a uma questão estética quanto à imagem que a praticante desejava projetar aos outros, além de suprir uma necessidade de compensação psicológica. Conforme apontado por Ramos et al. (2005), “o cavalo complementa, com sua força e valentia, a fraqueza e a timidez do dono” (p. 82). Nesse contexto, ao menos na fotografia, ela figurava tão imponente quanto o cavalo escolhido.

Corroborando essa ideia, soubemos que o tema sobre o qual a adolescente conseguia manter-se firme, na escola, era justamente na demonstração do seu interesse pelo mundo equestre, mesmo que isso intensificasse o bullying por parte dos colegas. Ela frequentemente usava botas e declarou a opção por um curso técnico relacionado à área da agropecuária,

diferenciando-se dos demais alunos de sua turma. Assim, compreendemos que a imagem da jovem garota no controle do robusto cavalo pode ser interpretada também como uma representação da necessidade psicológica de superar a condição de menina vulnerável e a vontade de assumir uma posição mais empoderada, ainda que com muitas dificuldades. Como bem expresso por Octávio Ignácio (citado por Silveira, 2015), “o homem nunca pode ser mais forte que o cavalo” e “o sujeito tem que dominar o animal pelo espírito e não pela força” (p. 131). No jogo de cena com o Apolo, Regina estava momentaneamente escolhendo entrar em contato com a pura força e potência, atributos personificados naquele animal.

Além disso, conforme destacado por Ramos et al. (2005), “é sobretudo na passagem da adolescência para a vida adulta que o cavalo aparece como símbolo dos impulsos sexuais, da força e do poder fertilizador” (p. 87). O contato com o cavalo constitui igualmente uma forma criativa e fertilizadora de experimentar novos papéis, facilitando uma melhor integração entre aspectos associados tanto ao feminino quanto ao masculino, como a beleza, a graciosidade e o estabelecimento de vínculos, bem como a força, a vitalidade e a imponência. De acordo com Bachmann (2016), essas vivências desempenham um papel significativo no processo de desenvolvimento da personalidade integral, contribuindo para uma maior autonomia, particularmente entre as jovens.

Contudo, conforme discutido em casos anteriores, há sempre uma questão psíquica adicional acontecendo em paralelo. Neste caso, a equipe vinha discutindo sobre a atitude ambígua da mãe de Regina, que alternava entre demonstrações de apoio e comportamentos competitivos em relação à filha. As intervenções verbais da mãe, por vezes, pareciam minar a autoconfiança da adolescente, ao mesmo tempo que expressava o desejo de que Regina assumisse uma postura mais expansiva. A escolha do cavalo Apolo pode ter sido também influenciada pela mãe, uma vez que a adolescente talvez tenha interpretado que essa seria a preferência da progenitora e, assim, procurado agradá-la ou evitar críticas. No dia das fotografias, Regina foi vestida a caráter e usando o chapéu, e ao conduzir Apolo na guia, sua mãe surgiu entusiasmada, proferindo uma fala na qual a equipe percebeu inclusive um tom sexualizado: “Ah, ele é um cavalão!”. De acordo com Ramos et al. (2005), “a associação mãe-mulher-cavalo pode continuar na vida adulta também no contexto sexual” (p. 87). A mãe manifestou, portanto, contentamento observando aquele cavalo e, somente quando toda a interação parecia estar terminando, foi que Regina solicitou de maneira discreta à equipe para ter também uma fotografia com o Prata. Naquele momento, tornou-se mais visível a existência de um vínculo emocional genuíno com o animal, revelando que, embora ele não

preenchesse os critérios que Apolo parecia preencher, Prata tinha conseguido conquistar o afeto de Regina.

A partir desse episódio, observou-se um aumento na receptividade da adolescente durante as sessões de atendimento, evidenciado pelo surgimento espontâneo de temas de conversa iniciados por parte dela, inclusive relatando o *bullying* que sofria. Embora o Prata tenha figurado como um elemento inicial importante, e tenha permanecido como o principal cavalo nos seus atendimentos, é relevante destacar que ela gradativamente foi ampliando as suas interações e encontrou um outro ponto significativo de *afeto catalisador* em uma das equitadoras. Regina passou a demonstrar interesse nos conhecimentos da profissional, fazendo-lhe perguntas e considerando-a uma referência confiável e amigável, até mesmo declarando-lhe isso. Por sua vez, com bastante sensibilidade, a equitadora continuou contribuindo para o desenvolvimento das habilidades da praticante, incentivando suas potencialidades e ensinando-lhe diversos elementos da equitação, que também refletem o desenvolvimento psicológico. Aprender a guiar e a controlar o ritmo e a direção dos cavalos é também uma forma de adquirir essas capacidades para outras funções na vida.

Infelizmente, devido a razões familiares não bem esclarecidas, houve uma interrupção abrupta no tratamento, impedindo-nos de observar como seria o desenrolar do processo de Regina caso ela tivesse continuado. É sabido que o desenvolvimento psicológico não segue um curso linear, apresentando avanços e retrocessos, o que torna difícil prever com certeza sobre o direcionamento das *forças autocurativas da psique*. Contudo, neste caso específico, o contato com os cavalos parece ter contribuído para uma maior abertura da adolescente e para o seu amadurecimento. Ainda assim, no período que antecedeu a interrupção, o seu vínculo emocional mostrava-se mais direcionado aos seres humanos, especialmente à equitadora. Desse modo, entendemos que os cavalos coterapeutas desempenharam um papel de facilitadores para o estabelecimento dos vínculos afetivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme demonstrado ao longo desta análise, as formas como os seres humanos percebem os animais são variadas e multifacetadas. Evidencia-se também que a utilização de animais como agentes terapêuticos no tratamento de humanos não é uma prática recente e, nas últimas décadas, tem experimentado uma expansão significativa. No entanto, conforme descrevemos no primeiro capítulo, foi a partir o trabalho pioneiro de Nise da Silveira (1992, 2015) que se tornou possível perceber que a forma como se estabelece a relação afetiva entre as pessoas e os animais, sejam essas concretas ou simbólicas, pode oferecer uma compreensão também dos conflitos psíquicos dos indivíduos e atuar como parte integrante de um processo terapêutico.

No contexto de seu trabalho no hospital psiquiátrico, a doutora Nise afirmou que seu objetivo não era criar uma instituição de caridade para animais, mas sim fornecer afeto aos sujeitos, tendo em vista um objetivo terapêutico. Contudo, os animais em questão eram frequentemente provenientes das ruas e vítimas de maus-tratos, encontrando junto aos seus clientes a oportunidade de receber abrigo, alimentação, cuidados e afeto. A psiquiatra demonstrou uma preocupação evidente e sofreu consideravelmente na defesa daqueles cães e gatos coterapeutas (Silveira, 1992, 2015). Atualmente, muitos animais ainda vivem em condições extremamente duras e indignas, muitas vezes considerados apenas como meros fornecedores de matérias-primas ou trabalhadores sem direitos. Para a atuação de animais em terapias, torna-se imprescindível que a Psicologia, em geral, e a Psicologia Analítica, em particular, continuem a refletir sobre o papel desses seres.

Para tanto, no âmbito da Psicologia Analítica, é primordial primeiramente definir a nossa compreensão sobre os animais, tarefa que também exploramos nesta dissertação. Parte das conclusões apresentadas no segundo capítulo aponta para um espectro de proximidade psicológica entre seres humanos e animais. Nesse sentido, entendemos que especialmente os animais domesticados figuram como intermediários entre a humanidade e os demais animais (Jung, 1958/2013e, 1928-30/2014b). Além disso, percebemos que eles exibem similaridades psíquicas que nos levam a considerar suas personalidades individuais, em vez de apenas os classificar como parte de uma categoria genérica da espécie. Tal constatação tem um impacto direto na maneira como podemos conceber o uso de animais como coterapeutas. Por essa ótica, é imperativo que prestemos atenção não apenas ao histórico de vida dos coterapeutas para compreender a formação de seus complexos e as suas manifestações de personalidade,

mas também para garantir o seu bem-estar e a sua saúde física e psicológica, aspectos que certamente influenciam as suas relações com os pacientes.

Além disso, constatamos que uma abordagem psicológica fecunda em relação aos animais, sob a perspectiva da Psicologia Analítica, envolve a adoção de uma visão abrangente, que incorpora os conceitos de instinto e arquétipo como polos fundamentais. Tal abordagem considera os animais tanto como entidades concretas, abarcando seus aspectos biológicos, históricos, etológicos e ecológicos, quanto como símbolos, compreendendo suas representações mitológicas e manifestações em sonhos, fantasias, imaginação ativa, expressões artísticas, folclore e outras narrativas diversas (Hannah, 2006). Essa visão foi aplicada no caso específico do cavalo, com foco especial na sociedade brasileira, o que nos possibilitou inferir que esses animais ainda exercem um significativo impacto em nossa psique, que provavelmente continuará por um longo período.

Deve-se considerar também a maneira como lidamos com nossos próprios instintos. Nesse contexto, discutir amplamente o simbolismo e o significado psicológico dos animais é crucial, pois eles representam forças instintivas com as quais temos perdido contato em nossa vida moderna e urbana. De acordo com Hannah (2006), houve uma significativa queda desde os tempos dos médicos asclepianos, que utilizavam serpentes e cães reais para auxiliar no diagnóstico de seus pacientes, até os dias atuais, nos quais temos pouca ou nenhuma compreensão de nossa relação com a vida instintiva. Surge, então, a questão: como um psicólogo junguiano pode trabalhar com um coterapeuta animal sem levar em conta todos esses aspectos? O valor terapêutico de estabelecer uma conexão com imagens simbólicas reside na capacidade de promover o enriquecimento e a reorientação da atitude consciente (Jung, 1916/2013n), sendo este um diferencial importante da Psicologia Analítica, que pode auxiliar a nossa prática com os animais.

No que concerne à análise de estudo de caso, no terceiro capítulo, nossa investigação culminou na apreciação da pertinência dos três conceitos concebidos por Nise da Silveira, a saber: *afeto catalisador*, *emoção de lidar* e *forças autocurativas da psique*. Esses conceitos revelaram-se instrumentos de análise extremamente eficazes para a contextualização prática observada, fornecendo-nos subsídios reflexivos essenciais para abordar a problemática em questão. Para nós, esses conceitos têm o potencial de serem aplicados em outros contextos que envolvam a prática de intervenções terapêuticas mediadas por animais.

As incursões em direção à estabelecer uma ordem interna, aliadas aos esforços de reintegração ao mundo externo, tendem a adquirir maior eficácia e sustentabilidade quando o indivíduo encontra um ponto de ancoragem afetiva significativa, o *afeto catalisador*,

função que os cavalos podem muito bem desempenhar. Adicionalmente, constatamos que o contato com equinos proporciona um vasto leque de oportunidades para o manejo de diversos materiais, em que podemos observar *a emoção de lidar*. Todo esse processo, devidamente articulado, é direcionado à criação de condições propícias para a mobilização das *forças autocurativas da psique* (Silveira, 1992, 2015; Melo, 2001, 2010b).

Especificamente nos três casos examinados, nossa intenção não almejava estabelecer explicações totalizantes ou conclusões absolutas, tampouco realizar quaisquer julgamentos sobre a condução dos atendimentos. Nosso interesse residia na observação das manifestações afetivas entre os indivíduos e os equinos, visando discernir os potenciais impactos dessas interações no curso de seus processos de desenvolvimento psicológico. No caso de Sara, deduzimos que sua intensa ligação afetiva com o cavalo Beicinho parece ter preenchido a conexão que faltava para fazer deslanchar a sua comunicação verbal. Em contrapartida, no caso de João, identificamos que a ausência de estabelecimento de vínculos afetivos positivos serviu como um obstáculo à sua capacidade de interação social, conforme apontado como sua principal dificuldade. A presença dos equinos passou a exercer, inclusive, um efeito inibitório sobre ele. Já no caso de Regina, observamos que o desenvolvimento gradual de um vínculo afetivo com o cavalo Prata contribuiu para a expansão de suas relações interpessoais, possibilitando a ampliação de novos vínculos com outros indivíduos.

Nossa expectativa é ter enriquecido o debate acerca da relevância do afeto na relação entre seres humanos e animais, assim como suas implicações psicológicas. Além disso, almejamos ter oferecido perspectivas pertinentes para a reflexão sobre o papel dos animais dentro do arcabouço teórico da Psicologia Analítica. Do mesmo modo, pretendemos ter contribuído para as discussões acerca da inclusão dos animais como coterapeutas. Reconhecemos que cada tópico abordado neste estudo pode e deve ser objeto de uma investigação mais ampla e contínua. Este é um campo temático que merece ser continuamente explorado e esperamos que outros estudiosos neste domínio se juntem a nós nesse diálogo em futuro próximo.

REFERÊNCIAS

- Agamben, G. (2017). *O aberto: o homem e o animal*. 2. ed. Edição revista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Amorim, V. C., & Severo, J. T. (2010). O cavalo. In J. T. Severo (Org.). *Equoterapia: equitação, saúde e educação*. São Paulo: Senac.
- ANDE-Brasil. (2008). *Equoterapia*. Associação Nacional de Equoterapia (ANDE-Brasil). http://equoterapia.org.br/articles/index/articles_list/138/81/0
- Avila, L. (2016). A comunicação e a atuação fonoaudiológica em equoterapia. In Chelini, M. O. M., & Otta, E. [Org.]. *Terapia Assistida por Animais*. Barueri, SP: Manole.
- Bachelard, G. (1991). *A terra e os devaneios da vontade – ensaio sobre a imaginação das forças* (Maria Hermínia Galvão, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Bachmann, H. I. (2016). *O animal como símbolo nos sonhos, mitos e contos de fadas*. Coleção Reflexões Junguianas. Petrópolis: Vozes.
- Barcellos, V. M. (2022). *Como atribuir consciência aos animais*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
- Boscatti, A., & Adelman, M. (2020). De cavalos e homens: história, poder, estratégias e representações. *Estudos de Sociologia*, 25(49), 221-242. Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/14100>
- Cambray, J., & Sawin, L. (2021). Pesquisa qualitativa em psicologia analítica: perspectivas atuais e oportunidades futuras. In J. Cambray & L. Sawin. *Pesquisa em Psicologia Analítica: aplicações a partir da pesquisa científica, histórica e intercultural*. Petrópolis: Vozes.
- Cascudo, L. C. (2012). *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 12. ed. São Paulo: Global.
- Castro, E. D., & Lima, E. M. F. A. (2007). Resistência, inovação e clínica no pensar e no agir de Nise da Silveira. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 11(22), 365–376. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832007000200017>
- Catta-Preta, M. V. (2021). Diálogos entre Nise e Jung: a obra expressiva de Nise da Silveira e suas contribuições para a Psicologia Analítica. *Junguiana*, 39(1), 111-126. Recuperado em 06 de abril de 2024, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252021000100008&lng=pt&tlng=pt.
- Chelini, M. O. M. (2016). Cães, cavalos... E os outros? In Chelini, M. O. M., & Otta, E. [Org.]. *Terapia Assistida por Animais*. Barueri, SP: Manole.
- Cintra, A. G. C. (2021). *O cavalo: características, manejo e alimentação*. São Paulo: Roca.

- Cunha, A. B., Sacramento, B. C., Ferrari, L. A., Favaro, H. F. L., & Haddad, C. M. Equoterapia. In Chelini, M. O. M., & Otta, E. [Org.]. *Terapia Assistida por Animais*. Barueri, SP: Manole.
- Dallos, R. (2010). Métodos observacionais. In Breakwell, G. M., Hammond, S., Fife-Schaw, C., & Smith, J. A. *Métodos de pesquisa em Psicologia*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed.
- Damião Jr., M. (2021). Fundamentos do método de Nise da Silveira: clínica, sociedade e criatividade. *Junguiana*, 39(1), 91-100. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252021000100007&lng=pt&tlng=pt
- Freud, S. (2015). Análise da fobia de um garoto de cinco anos ("O pequeno Hans"). In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 8, pp. 123-284). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1909).
- Hannah, B. (2006). *The archetypal symbolism of animals*. Lectures given at the C.G. Jung Institute, Zurich, 1954-1958. Illinois: Chiron Publications.
- Hannah, B. (2022). *Jung: vida e obra*. Uma memória biográfica por Barbara Hannah. Petrópolis: Vozes.
- Jaffé, A. (2008). O simbolismo nas artes plásticas. In: Jung, C. G. (Org.). *O homem e seus símbolos*. Trad. Maria Lúcia Pinto. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Jung, C. G. (2012). A aplicação prática da análise dos sonhos. In *Ab-reação, análise dos sonhos e transferência*. Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1947).
- Jung, C. G. (2013a). Definições. In *Tipos psicológicos*. Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1921).
- Jung, C. G. (2013b). Distímia maníaca: distúrbios de humor na mania. In *Estudos Psiquiátricos*. Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1903).
- Jung, C. G. (2013c). Sobre o inconsciente. In *Civilização em transição*. Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1918).
- Jung, C. G. (2013d). Símbolos gnósticos do si-mesmo. In *Aion: estudo sobre o simbolismo do si-mesmo*. Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1951).
- Jung, C. G. (2013e). A consciência na visão psicológica. In *Civilização em transição*. Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1958).
- Jung, C. G. (2013f). Considerações gerais sobre a teoria dos complexos. In *A natureza da psique*. Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1934).
- Jung, C. G. (2013g). Os problemas da psicologia moderna. In *A prática da psicoterapia*. Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1929).
- Jung, C. G. (2013h). Da formação da personalidade. In *O desenvolvimento da personalidade*. Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1932).

- Jung, C. G. (2013i). Considerações teóricas sobre a natureza do psíquico. In *A natureza da psique*. Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1946).
- Jung, C. G. (2013j). Instinto e inconsciente. In *A natureza da psique*. Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1919).
- Jung, C. G. (2013k). A estrutura da alma. In *A natureza da psique*. Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1928).
- Jung, C. G. (2013l). A luta pela libertação da mãe. In *Símbolos da transformação*. 9. ed. Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1912).
- Jung, C. G. (2013m). Símbolos da mãe e do renascimento. In *Símbolos da transformação*. 9. ed. Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1912).
- Jung, C. G. (2013n). A função transcendente. In: *A natureza da psique*. Petrópolis: Vozes. p. 13-38. (Trabalho original publicado em 1916).
- Jung, C. G. (2013o). O problema dos tipos na história do pensamento antigo e medieval. In *Tipos psicológicos*. Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1921).
- Jung, C. G. (2014a). A fenomenologia do espírito no conto de fadas. In *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1945).
- Jung, C. G. (2014b). *Seminários sobre análise de sonhos*. Notas do Seminário dado em 1928-1930 por C.G. Jung. Petrópolis: Vozes.
- Jung, C. G. (2014c). *Seminários sobre psicologia analítica (1925)*. Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1989).
- Jung, C. G. (2014d). O método sintético ou construtivo. In *Psicologia do inconsciente*. Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1912).
- Jung, C. G. (2014e). Anexo: Mandalas. In: *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Volume 9/1, 11. ed. Vozes: Petrópolis. (Trabalho original publicado em 1955).
- Jung, C. G. (2017). *Os fundamentos da psicologia analítica*. As Conferências de Tavistock. Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1935).
- Kaplan, A. (1972). *A conduta na pesquisa*. São Paulo: Perspectiva.
- Lei Federal nº13.830, de 13 de maio de 2019. (2019). *Dispõe sobre a prática da equoterapia*. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/2019/lei/L13830.htm
- Leonforte, J. (2019). *Psicologia Junguiana na contemporaneidade: Contribuições da relação entre humanos e cavalos para a psique*. Monografia (Pós-Graduação em Psicologia Junguiana), Faculdade de Ciências da Saúde de São Paulo (FACIS).
- Licart, C. (1988). *A arte da equitação: como aprender e ensinar a montar*. Campinas: Papirus.

- Lima, S. J. O. (2018). *O Cavalo na Equoterapia – e na interface equitação/reabilitação*. Jundiaí (SP): Paco.
- Magaldi, F. (2014). *Frestas estreitas: uma etnografia no Museu de Imagens do Inconsciente*. 2014. 158 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói. Disponível <http://ppgantropologia.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/16/2016/07/FELIPESALES-MAGALDI.pdf>
- Mandr , P. P., Moretti, T. C. F., Avezum, L. A., & Kuroishi, R. C. S. (2019). Terapia assistida por animais: revisão sistemática da literatura. *CoDAS* [online], v. 31, n. 3, pp. 1-13. <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20182018243>
- Marques, L. Y. (2023). A tutela dos animais nos direitos ambiental e animal brasileiros e a sciência como fundamento da sua prote o jurídica. *Revista Jurídica Luso-Brasileira*, ano 9, n  3. https://www.cidp.pt/revistas/rjlb/2023/3/2023_03_1139_1164.pdf
- Mello, L. C. (1987). Apresenta o. In: *Os Inumeráveis Estados do Ser* (catálogo). Rio de Janeiro: Ministério da Cultura.
- Mello, L. C. (2009). Apresenta o. In L. C. Mello (Org). *Encontros: Nise da Silveira*. Rio de Janeiro: Azougue.
- Mello, L. C. (2014). *Nise da Silveira: caminhos de uma psiquiatra rebelde*. Rio de Janeiro: Automatica/H los.
- Mello, L. C. (2015). Apresenta o. In: *Imagens do Inconsciente*. Petrópolis: Vozes.
- Melo, W. (2000). *A constela o dos mitos de morte/renascimento na perspectiva de C. G. Jung*. Disserta o de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC.
- Melo, W. (2001). *Nise da Silveira*. Cole o Pioneiros da Psicologia Brasileira, v. 4. Rio de Janeiro: Imago; Brasília: CFP.
- Melo, W. (2007). Maceió   uma cidade mítica: o mito da origem em Nise da Silveira. *Psicologia USP*, 18(1), 101–124. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642007000100006>
- Melo, W. (2010a). Apaixonados pelo Infinito: Nise da Silveira, contemporânea de Spinoza. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 5(2), pp. 227-237. https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/volume5_n2/Melo.pdf
- Melo, W. (2010b). Nise da Silveira, Fernando Diniz e Leon Hirszman: política, sociedade e arte. *Psicologia USP*, 21(3), 633–652. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642010000300011>
- Minayo, M. C. S. (2002). Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social. In *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. (21. ed., pp. 09-29). Petrópolis: Vozes.
- Minayo, M. C. S. (2009). Trabalho de campo: contexto de observa o, intera o e descoberta. In M. C. S. Minayo, S. F. Deslandes & R. Gomes (Orgs.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (28. ed., pp. 61-77). Petrópolis: Vozes.

- Minayo, M. C. S. (2017). Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Revista Pesquisa Qualitativa*, São Paulo (SP), v. 5, n. 7, pp. 01-12.
- Muñoz, P. O. L., & Roma, R. P. S. (2016). Terapia assistida por animais e autismo. In: Chelini, M. O. M., & Otta, E. [Org.]. *Terapia Assistida por Animais*. Barueri, SP: Manole.
- Penna, E. M. D. (2005). O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa. *Psic. USP*, v. 16, n. 3, pp. 71-94. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642005000200005>
- Penna, E. M. D. (2014). *Processamento simbólico-arquetípico: pesquisa em psicologia analítica*. São Paulo: Educ e FAPESP.
- Perrone, M. P. B. (2003). *Existências fascinadas: histórias de vida e individuação*. São Paulo: Annablume; Fapesp.
- Pieri, P. F. *Dicionário Junguiano*. Petrópolis: Vozes; SP: Paulus, 2022.
- Portugal, F. T. (2002). *O homem diante dos animais: uma história das relações entre homens e animais na psicologia*. Tese de doutorado – Departamento de Psicologia. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica (PUC-RIO).
- Ramos, D. G., Be Biase, M. C., Balthazar, N. H. M., Rodrigues, M. L. P., Sauaia, N. M. L., Sayegh, R. R., & Malta, S. M. T. C. (2005). *Os animais e a psique: baleia, carneiro, cavalo, elefante, lobo, onça, urso*. 2. ed. São Paulo: Summus.
- Ramos, C. M., Prado, S. F., & Mangabeira, V. (2016). Psicoterapia e terapia assistida por animais. In Chelini, M. O. M., & Otta, E. [Org.]. *Terapia Assistida por Animais*. Barueri, SP: Manole.
- Rocha, C. F. P. G., Muñoz, P. O. L., & Roma, R. P. S. (2016). História do relacionamento entre animais humanos e não humanos e da TAA. In: Chelini, M. O. M., & Otta, E. [Org.]. *Terapia Assistida por Animais*. Barueri, SP: Manole.
- Roma, R. P. S. (2016). A relação entre o terapeuta, o condutor e o cão no contexto da terapia assistida por animais. In: Chelini, M. O. M., & Otta, E. [Org.]. *Terapia Assistida por Animais*. Barueri, SP: Manole.
- Rossato, L. (2020). Equoterapia: o cavalo como símbolo na construção de autoconhecimento. *DIAPHONÍA*, v. 6, n. 1, pp. 145–165, 2020. <https://doi.org/10.48075/rd.v6i1.25076>
- Santos, D. L., & Vargas, M. A. M. (2020). Cavalgadas e territórios emergentes entre a tradição e a espetacularização. *Diversitas Journal*, 5(1), 142–152. <https://doi.org/10.17648/diversitas-journal-v5i1-970>
- Severo, J. T., & Severo, C. M. D. (2010). Breve história do uso do cavalo para fins terapêuticos. In J. T. Severo (Org.). *Equoterapia: equitação, saúde e educação*. São Paulo: Senac.

- Severo, J. T., & Amorim, V. C. (2010). A escolha do cavalo para equoterapia. In J. T. Severo (Org.). *Equoterapia: equitação, saúde e educação*. São Paulo: Senac.
- Silva, A. S. M., Lima, F. P. S., & Salles, R. J. (2018). Vínculo afetivo de crianças autistas na equoterapia: uma contribuição de Winnicott. *Academia Paulista de Psicologia*, São Paulo, v. 38, n. 95, pp. 238-250.
- Silva, M. B., Silva, N. M., & Araújo, M. C. M. H. (2021). Patas que cuidam: repercussões da terapia assistida por animais nos cuidados em saúde mental. *Revista Estácio Recife*. Edição especial de Psicologia, v. 6, n. 3, pp. 1-13.
- Silveira, N. (1956). Análise das atividades manuais em desenho, pintura, gravação e pirogravura. Rio de Janeiro: *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. p. 346-352
- Silveira, N. (Org.). (1986). *Casa das Palmeiras, A emoção de lidar: Uma experiência em Psiquiatria*. Rio de Janeiro: Alambra.
- Silveira, N. (Org.). (1987). *Os Inumeráveis Estados do Ser: 40 anos de experiência em terapêutica ocupacional* (catálogo). Rio de Janeiro: Ministério da Cultura.
- Silveira, N. (1992). *O Mundo das Imagens*. São Paulo: Ática.
- Silveira, N. (1998). *Gatos, a emoção de lidar*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial.
- Silveira, N. (2009a). Do caralampismo à emoção de lidar. [Entrevista concedida a Pedro Camargo e Bernardo Horta]. Ano Zero, setembro de 1991. In Mello, L. C. (Org.). *Encontros: Nise da Silveira*. Rio de Janeiro: Azougue.
- Silveira, N. (2009b). Conversando com Nise da Silveira. [Entrevista concedida a Luiz Gonzaga Pereira Leal]. Terapia ocupacional, 2005. In Mello, L. C. (Org.). *Encontros: Nise da Silveira*. Rio de Janeiro: Azougue.
- Silveira, N. (2009c). Não esqueça o escafandro. [Entrevista concedida a Lúcia Leão]. Brasília: Bric A Brac, nº 6, 1991. In Mello, L. C. (Org.). *Encontros: Nise da Silveira*. Rio de Janeiro: Azougue.
- Silveira, N. (2009d). Paixão da diferença. [Entrevista concedida a Marco Lucchesi]. O sorriso do caos, 1997. In Mello, L. C. (Org.). *Encontros: Nise da Silveira*. Rio de Janeiro: Azougue.
- Silveira, N. (2009e). Uma psiquiatra rebelde. [Entrevista concedida a Ferreira Gullar]. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Rio Arte, 1996. In Mello, L. C. (Org.). *Encontros: Nise da Silveira*. Rio de Janeiro: Azougue.
- Silveira, N. (2015). *Imagens do Inconsciente*. Petrópolis: Vozes.
- Silveira, N. (2020). *Cartas a Spinoza*. 3. ed. Rio de Janeiro: Sociedade Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente/Hólos.
- Silveira, N., & Mello, L. C. (1989). O sacrifício e suas transformações – Subidas e descidas de níveis de consciência vistos através da relação homem-touro. In N. Silveira (Org.).

A Farra do Boi: do sacrifício do touro na Antiguidade à Farra do Boi catarinense (pp. 62-76). Rio de Janeiro: NUMEN Editora/Espaço Cultural.

Sousa, E. M. (2021). A arte da diferenciação do modo humano – Nise da Silveira: o elo perdido entre duas tradições. *Junguiana*, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 31-44.

Spinoza, B. (2009). *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica.

Stake, R. R. (2012). *A Arte da Investigação com Estudos de Caso*. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Teixeira, I. (2016). Relações interespecíficas de cuidado no sistema de saúde convencional brasileiro: uma análise antropológica sobre a dinâmica da zooterapia. *Illuminuras*, Porto Alegre, v. 17, n. 42, pp. 390-424. <https://doi.org/10.22456/1984-1191.69999>

Vasconcellos, A. S. (2016) O bem-estar do animal coterapeuta. In: Chelini, M. O. M., & Otta, E. [Org.]. *Terapia Assistida por Animais*. Barueri, SP: Manole.

Vieira, E. R. (2011). *Aspectos econômicos e sociais do complexo agronegócio cavalo no estado de Minas Gerais*. Dissertação de Mestrado apresentada à Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG. <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-8NGF4E>

Von Franz, M. L. (1990). *A interpretação dos contos de fadas*. 3. ed. São Paulo: Paulus.

Von Franz, M. L. (1992). *Puer Aeternus: a luta do adulto contra o paraíso da infância*. São Paulo: Paulus.

Von Franz, M. L. (1998). *A Alquimia e a Imaginação Ativa*. São Paulo: Cultrix.

Von Franz, M. L. (2021). *Psicoterapia*. 2. ed. São Paulo: Paulus.

Vlahos, J. (2008). Animais de estimação movidos a drogas. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 11(3), 449–469. <https://doi.org/10.1590/S1415-47142008000300008>

Wohlleben, P. (2019). *A vida secreta dos animais*. Rio de Janeiro: Sextante.

Zabriskie, B. (2021). Os espectros da emoção: em mitologias, filosofias, Psicologia Analítica e nas neurociências. In J. Cambray & L. Sawin (Orgs.). *Pesquisa em Psicologia Analítica: aplicações a partir da pesquisa científica, histórica e intercultural*. Petrópolis: Vozes.

Zamo, R. S., & Trentini, C. M. (2016). Revisão sistemática sobre avaliação psicológica nas pesquisas em equoterapia. *Psicologia: teoria e prática*, São Paulo, v. 18, n. 3, pp. 81-97. <http://dx.doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v18n3p81-97>

ANEXO I**TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)** – Para crianças, adolescentes e para pessoa legalmente incapaz

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “O Afeto na Relação Humano-Animal e os Cavalos Coterapeutas: desdobramentos da obra de Nise da Silveira”, desenvolvida pela psicóloga Amanda de Fátima da Silva Nunes, mestranda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), sob responsabilidade do Prof. Dr. Walter Melo Junior. Informamos que seu pai/mãe ou responsável legal permitiu a sua participação. Gostaríamos muito de contar com você, mas você não é obrigado(a) a participar e não tem problema se desistir. A pesquisa será feita no próprio haras, onde a pesquisadora irá observar as suas sessões de equoterapia e terá acesso ao seu prontuário. A pesquisadora estará atenta para que nem a presença dela nem a observação causem interferências prejudiciais nas sessões, mas, ainda assim, pode acontecer que você sinta algum desconforto e poderá solicitar a interrupção a qualquer momento, sem que isso traga qualquer problema para você ou para o seu tratamento, bem como para o seu relacionamento com a pesquisadora ou com os outros profissionais. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. A sua participação é importante para que a gente possa entender melhor sobre a relação das pessoas atendidas com os cavalos. Os resultados dessa pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar o seu nome. Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar quando quiser.

ACEITO PARTICIPAR DA PESQUISA

NÃO ACEITO PARTICIPAR DA PESQUISA

ASSINATURA DO PARTICIPANTE

CEP – Comissão de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos da Universidade Federal de São João Del Rei - Praça Dom Helvécio, 74, Dom Bosco, São João Del Rei, Minas Gerais, CEP: 36301-160. Campus Dom Bosco – UFSJ.

E-mail: cepes@ufsj.edu.br / (32) 3379-55-98.

Pesquisador Responsável: Walter Melo Junior / E-mail: wmelojr@ufsj.edu.br

Pesquisadora Colaboradora: Amanda de Fátima da Silva Nunes

Telefone: (011) 97220-7511 ou (32) 99848-4562 / E-mail: amandafsnunes87@gmail.com

ANEXO II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) - Pais

Prezado responsável,

A criança, adolescente ou pessoa legalmente incapaz sob sua responsabilidade está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **“O Afeto na Relação Humano-Animal e os Cavalos Coterapeutas: desdobramentos da obra de Nise da Silveira”**, desenvolvida pela psicóloga Amanda de Fátima da Silva Nunes, mestranda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), sob responsabilidade do Prof. Dr. Walter Melo Junior.

Sobre o objetivo geral

O objetivo principal deste estudo é ampliar a compreensão sobre a questão do afeto na relação humano-animal a partir da perspectiva da psicologia analítica, considerando as possíveis implicações psicológicas advindas dessa relação, especialmente nos tratamentos envolvendo seres humanos e cavalos.

Por que o participante está sendo convidado (critério de inclusão)

O convite para a participação se deve ao fato de que a criança, adolescente ou pessoa legalmente incapaz sob sua responsabilidade é praticante de equoterapia e demonstra ter estabelecido algum tipo de relação afetiva com os cavalos em seu tratamento.

A participação é voluntária, isto é, ela **não é obrigatória**, possuindo plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar a participação a qualquer momento. Não haverá nenhuma penalização caso decida não consentir a participação, ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações prestadas pela pessoa sob sua responsabilidade durante as observações nas sessões de equoterapia.

Mecanismos para garantir a confidencialidade e a privacidade

Qualquer dado que possa gerar identificação será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa, e o material será armazenado em local seguro.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você e/ou a pessoa sob sua responsabilidade poderá solicitar da pesquisadora informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste documento.

Identificação do participante ao longo da pesquisa

No presente projeto, a pessoa sob sua responsabilidade será identificada pelas iniciais do nome, bem como um número que será intransferível.

Procedimentos detalhados que serão utilizados na pesquisa

A participação da pessoa sob sua responsabilidade consistirá em permitir a observação participante da pesquisadora nas sessões semanais de equoterapia, bem como nas atividades de desenho e durante toda a permanência no centro hípico. Além disso, consentirá no acesso aos arquivos do prontuário contendo as avaliações de triagem para aceite da pessoa sob sua responsabilidade no programa de equoterapia, o que inclui o histórico familiar, avaliação psicológica e de fisioterapia.

Tempo de duração da observação

Durante sete meses, a pesquisadora realizará observação participante nas sessões semanais de equoterapia da criança, adolescente ou pessoa legalmente incapaz sob sua responsabilidade. E que poderá ser interrompida por solicitação sua e/ou do participante.

Guarda dos dados e material coletados na pesquisa

Todo o material que for coletado e as anotações de diário de campo serão armazenados junto a pesquisadora em local seguro, e somente terão acesso aos mesmos a pesquisadora e seu orientador. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução 466/12 e orientações do CEPESJ.

Explicitar benefícios diretos (individuais ou coletivos) ou indiretos aos participantes da pesquisa

Como benefício direto, a pesquisa proporcionará um estudo aprofundado sobre o caso dos participantes, o que pode vir a ser revertido em melhorias nas estratégias de condução do tratamento.

Como benefício indireto, os participantes contribuirão para o campo de conhecimentos nessa área, podendo isso se traduzir em ganhos futuros para as práticas profissionais e melhoria dos tratamentos.

Previsão de riscos ou desconfortos e procedimentos para minimizá-los

Existe a possibilidade de que a mera presença da pesquisadora possa inibir/alterar o comportamento natural dos participantes, prejudicando de alguma forma a condução dos tratamentos. Por essa razão, a pesquisadora se compromete a estar atenta a esse fator, procurando causar o mínimo de interferência nas sessões. Além disso, o período estabelecido de observação também visa permitir que os participantes se familiarizem gradualmente com a presença da pesquisadora e fiquem mais confortáveis. Ainda assim, é possível que o participante sinta algum desconforto com a presença da pesquisadora e/ou com a observação

realizada pela mesma e, tanto o participante como a pessoa responsável por ele, poderá solicitar a interrupção a qualquer momento, sem que isso lhe traga qualquer prejuízo, seja no tratamento ou na relação com a pesquisadora, equipe ou instituição.

Sobre divulgação dos resultados da pesquisa

Os resultados gerais poderão ser divulgados em palestras dirigidas ao público participante, artigos científicos e na dissertação de mestrado. Os resultados de forma individual serão repassados aos participantes e/ou seus responsáveis estando a pesquisadora à disposição para esclarecimentos.

Considerações finais:

Não haverá nenhum custo pela participação. As despesas da pesquisa serão custeadas pela pesquisadora. Por favor, sinta-se à vontade para fazer qualquer pergunta sobre este estudo ou sobre os direitos da pessoa sob sua responsabilidade como participante. Se outras perguntas surgirem mais tarde, você poderá entrar em contato com a pesquisadora.

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da CEPJSJ. O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

Telefone - (032) 3379-5598 e-mail: cepsj@ufsj.edu.br

Endereço: Praça Dom Helvécio, 74, Bairro, Dom Bosco, São João del-Rei, Minas Gerais, cep: 36301-160, Campus Dom Bosco

Contato com o pesquisador responsável: Walter Melo Junior

E-mail: wmelojr@ufsj.edu.br

Contato com a pesquisadora colaboradora: Amanda de Fátima da Silva Nunes

Telefone: (011) 97220-7511 ou (32) 99848-4562 / **Email:** amandafsnunes87@gmail.com

Declaro que entendi os objetivos e condições da participação da criança, adolescente ou pessoa legalmente incapaz sob minha responsabilidade e concordo que o(a) mesmo(a) participe da pesquisa. Declaro que este documento foi elaborado em duas vias, rubricadas em todas as suas páginas e assinadas, ao seu término, pelo representante legal, assim como pelos pesquisadores.

São João del-Rei, _____ de _____ de _____.

_____	_____
Nome Completo do Responsável	Assinatura do Responsável
_____	_____
Nome do Completo Pesquisador que irá coletar os dados	Assinatura do Pesquisador que irá coletar os dados
_____	_____
Nome do Completo Pesquisador Responsável	Assinatura do Pesquisador Responsável

ANEXO III

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) - Equipe

Prezado participante,

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “**O Afeto na Relação Humano-Animal e os Cavalos Coterapeutas: desdobramentos da obra de Nise da Silveira**”, desenvolvida pela psicóloga Amanda de Fátima da Silva Nunes, mestranda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), sob responsabilidade do Prof. Dr. Walter Melo Junior.

Sobre o objetivo geral

O objetivo principal deste estudo é ampliar a compreensão sobre a questão do afeto na relação humano-animal a partir da perspectiva da psicologia analítica, considerando as possíveis implicações psicológicas advindas dessa relação, especialmente nos tratamentos envolvendo seres humanos e cavalos.

Por que o participante está sendo convidado (critério de inclusão)

O convite para a sua participação se deve ao fato de que você faz parte da equipe de profissionais do Instituto Passos do Vale e atua nos tratamentos em equoterapia, incluindo nas sessões de pelo menos (01) um dos (03) três praticantes selecionados para a realização do estudo de caso da presente pesquisa.

A sua participação é voluntária, isto é, ela **não é obrigatória**, possuindo plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar a participação a qualquer momento. Não haverá nenhuma penalização caso decida não consentir a participação, ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações prestadas por você durante as observações nas sessões de equoterapia, nas reuniões de equipe ou nas demais atividades acompanhadas no centro hípico.

Mecanismos para garantir a confidencialidade e a privacidade

Qualquer dado que possa gerar a sua identificação será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa, e o material será armazenado em local seguro.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar da pesquisadora informações sobre a sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste documento.

Identificação do participante ao longo da pesquisa

No presente projeto, você será identificado(a) pelas iniciais do seu nome, bem como um número que será intransferível.

Procedimentos detalhados que serão utilizados na pesquisa

A sua participação consistirá em permitir a observação participante da pesquisadora nas sessões semanais de equoterapia dos praticantes selecionados, bem como nas atividades de desenho, nas reuniões de equipe e durante toda a permanência no centro hípico.

Tempo de duração da observação

Durante sete meses, a pesquisadora realizará observação participante nas sessões semanais de equoterapia dos praticantes selecionados e participará das reuniões de equipe para discussão dos casos. Essas atividades poderão ser interrompidas a qualquer momento frente a sua solicitação.

Guarda dos dados e material coletados na pesquisa

Todo o material que for coletado e as anotações de diário de campo serão armazenados junto a pesquisadora em local seguro, e somente terão acesso aos mesmos a pesquisadora e seu orientador. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução 466/12 e orientações do CEPSJ.

Explicitar benefícios diretos (individuais ou coletivos) ou indiretos aos participantes da pesquisa

Como benefício direto, esta pesquisa poderá proporcionar reflexões sobre a própria prática, entre outros aspectos relacionados ao papel do afeto na relação entre pessoas e animais.

Como benefício indireto, os participantes contribuirão para o campo de conhecimentos nessa área, podendo isso se traduzir em ganhos futuros para as práticas profissionais e melhoria dos tratamentos.

Previsão de riscos ou desconfortos e procedimentos para minimizá-los

Existe a possibilidade de que a mera presença da pesquisadora possa inibir/alterar o comportamento natural da equipe, prejudicando de alguma forma a condução dos tratamentos. Por essa razão, a pesquisadora se compromete a estar atenta a esse fator, procurando causar o mínimo de interferência nas sessões e nas reuniões. Além disso, o período estabelecido de observação também visa permitir que os participantes da equipe se familiarizem gradualmente com a presença da pesquisadora e fiquem mais confortáveis. Ainda assim, é possível que você sinta algum desconforto com a presença da pesquisadora e/ou com a observação realizada pela mesma e poderá solicitar a interrupção a qualquer momento, sem que isso traga qualquer prejuízo para você.

Sobre divulgação dos resultados da pesquisa

Os resultados gerais poderão ser divulgados em palestras dirigidas ao público participante, artigos científicos e na dissertação de mestrado. Os resultados de forma individual serão repassados aos participantes e/ou seus responsáveis estando a pesquisadora à disposição para eventuais esclarecimentos.

Considerações finais:

Não haverá nenhum custo pela sua participação. As despesas da pesquisa serão custeadas pela pesquisadora responsável.

Por favor, sinta-se à vontade para fazer qualquer pergunta sobre este estudo ou sobre os seus direitos como participante. Se outras perguntas surgirem mais tarde, você poderá entrar em contato com a pesquisadora.

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da CEPSJ. O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

Telefone - (032) 3379-5598 e-mail: cepsj@ufsj.edu.br

Endereço: Praça Dom Helvécio, 74, Bairro, Dom Bosco, São João del-Rei, Minas Gerais, cep: 36301-160, Campus Dom Bosco.

Contato com o pesquisador responsável: Walter Melo Junior

E-mail: wmelojr@ufsj.edu.br

Contato com a pesquisadora colaboradora: Amanda de Fátima da Silva Nunes

Telefone: (011) 97220-7511 ou (32) 99848-4562 / Email: amandafsnunes87@gmail.com

Declaro que entendi os objetivos e condições da minha participação na pesquisa e concordo em participar. Declaro que este documento foi elaborado em duas vias, rubricadas em todas as suas páginas e assinadas, ao seu término, pelo convidado a participar da pesquisa, assim como pelos pesquisadores.

São João del-Rei, _____ de _____ de _____.

_____	_____
Nome Completo do Responsável	Assinatura do Responsável
_____	_____
Nome do Completo Pesquisador que irá coletar os dados	Assinatura do Pesquisador que irá coletar os dados
_____	_____
Nome do Completo Pesquisador Responsável	Assinatura do Pesquisador Responsável